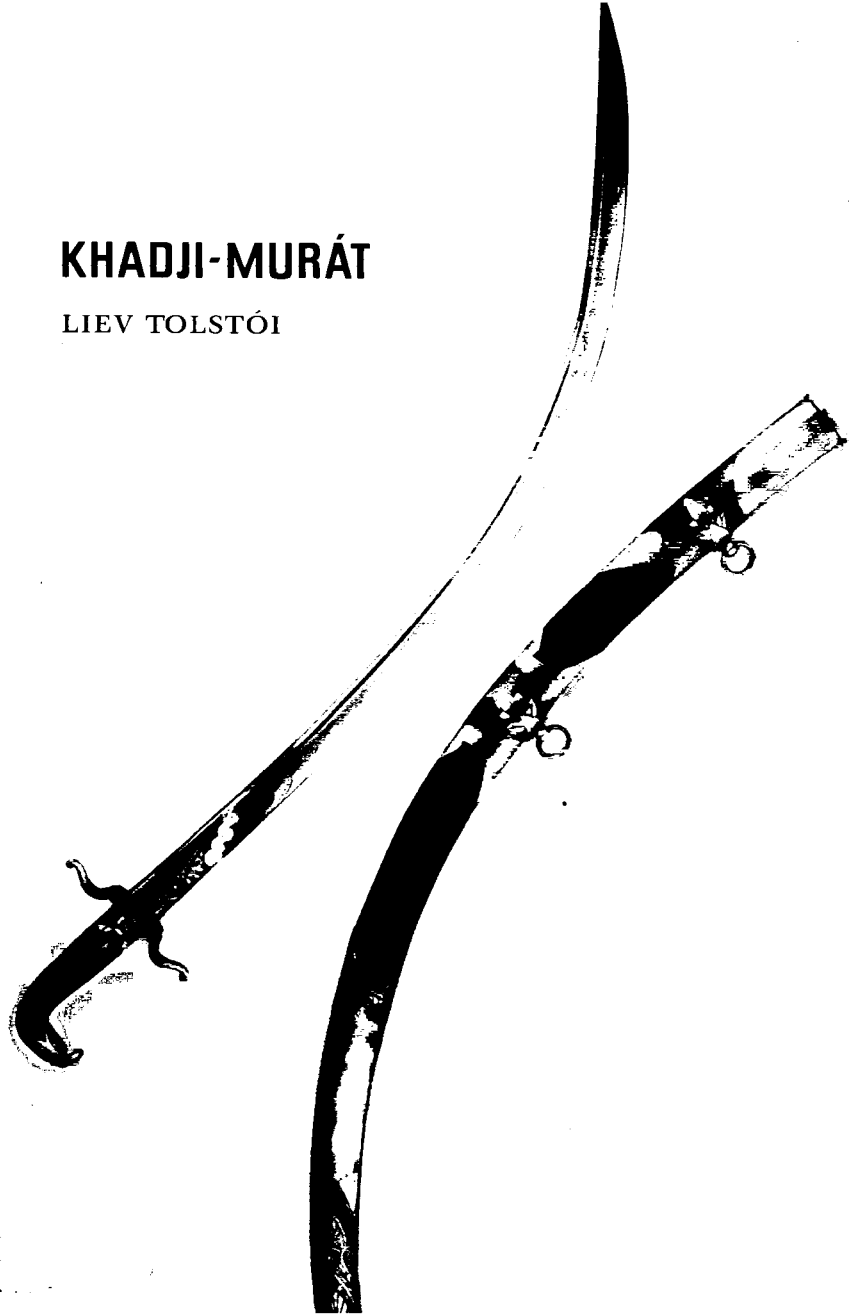


KHADJI-MURÁT

LIEV TOLSTÓI



KHADJI-MURÁT

Eu voltava para casa, através dos campos. Estávamos precisamente no meado do verão. Fizera-se a limpeza dos pastos, e os camponeses preparavam-se para ceifar o centeio.

Nessa época do ano, há uma variedade maravilhosa de flores: trifólios felpudos e aromáticos, vermelhos, brancos, cor-de-rosa; margaridas insolentes; malmequeres brancos, jeitosos, de pólen amarelo vivo, com o seu fétido picante, de podridão; a colza amarela, recendendo a mel; campânulas brancas e roxas, altas, semelhante tulipas; ervilhas-de-cheiro; escabiosas ordeiras, flavas, vermelhas, róseas e lilases; a tanchagem de penugem rósea esmaecida e um perfume agradável, quase imperceptível; as centáureas, de um azul intenso ao sol, quando desabrocham, e cerúleas, com tons avermelhados, ao anoitecer, quando se vão fanando; e as delicadas flores da cuscuta, que recendem a amêndoa e têm vida muito breve.

Colhi um grande ramalhete de flores diversas, e ia para casa, quando notei, numa ravina, magnífica bardana carmesim em flor, daquela variedade que recebeu em nossa região

o nome de "tártaro", e que os ceifeiros sempre procuram cortar antes do ceifado, mas, quando a misturam sem querer ao ceifado, atiram-na fora para não se espetarem nos espinhos. Veio-me a ideia de cortar essa bardana e pô-la no centro do ramalhete. Desci para o fundo da ravina e, depois de expulsar um zangão cabeludo, que se cravara no centro da flor e nela adormecera flácida e docemente, comecei a cortar a haste. Foi muito difícil: não só havia espinhos por todos os lados, que me picavam mesmo através do lenço em que enrolara a mão, mas também a haste era tão forte que lutei com ela uns cinco minutos, rompendo as fibras uma a uma. Quando, finalmente, arranquei a flor, a haste estava em frangalhos, e a própria flor não parecia tão fresca e bonita. E o seu alambicado grosseiro não combinava com as flores delicadas do ramalhete. Lamentei o fato de ter destruído em vão a flor que era tão atraente em seu próprio lugar, e a joguei fora. "Mas que energia e que força vital" – pensei, lembrando-me dos esforços que me foram precisos para arrancar a flor. "Com que tenacidade ela se defendeu e como vendeu caro a vida!"

O caminho para casa atravessava campos de *tchernoziom** recém-lavrados, de alqueive. Eu caminhava ao léu, pela estrada poeirenta. O campo lavrado, parte de terras senhoriais,

* Para as palavras estrangeiras, destacadas em *itálico*, consultar o glossário, a partir da p. 221. [N. E.]

era muito vasto; de ambos os lados e na frente, morro acima, via-se apenas o alqueive de terra negra, ainda não gradeada. A lavra estava benfeita, de modo que em todo o campo não se via uma planta, uma ervinha sequer, tudo era negro. "Que criatura destruidora e cruel é o homem, quantas plantas, quantos seres vivos diferentes ele não destruiu, para a manutenção de sua vida!" – pensei, procurando involuntariamente algo vivo no meio do assolado campo negro. Na minha frente, à direita da estrada, via-se um pequeno tufo de vegetação. Chegando mais perto, reconheci outro "tártaro", da mesma variedade daquele cuja flor eu colhere e jogara fora em vão.

O pequeno tufo consistia em três plantas. Uma delas fora cortada, e o resto de um ramo aparecia como um braço decepado. Em cada uma das outras duas havia uma flor. Essas flores tinham sido vermelhas, mas agora estavam negras. Uma haste fora quebrada, e a sua metade, com uma flor suja na ponta, pendia para baixo; a outra, apesar de coberta de lama negra, ainda se mantinha erguida. Via-se que todo o tufo tinha sido pisado por uma roda, e que se erguera mais tarde, ficando inclinado para um lado, mas sempre se mantendo de pé – como se lhe tivessem arrancado um pedaço do corpo, revolvendo-lhe as entranhas, e lhe decepassem um braço e furassem os olhos, mas ele sempre se mantivesse firme, sem se entregar ao homem, que destruíra todos os seus irmãos ao redor.

“Que energia!” – pensei. “O homem venceu tudo, destruiu milhões de ervas, mas esta não se rende.”

Lembrei-me então de uma velha história caucasiana, que presenciara em parte e que eu completei com o depoimento de testemunhas oculares. Ei-la, como se formou em minha lembrança e imaginação.

I

Era em fins de 1851. À noitinha de um frio dia de novembro, Khadji-Murát* estava entrando no *aul* tchetcheno rebelde de Makhket, impregnado da fumaça aromática do *kiziák*.

Cessara naquele momento o canto esganiçado do muezim, e no ar puro da montanha, impregnado do cheiro do *kiziák*, ouviam-se nitidamente, por entre o mugir das vacas e os balidos das ovelhas, que se dispersavam pelas *sáklis* do *aul*, estreitamente unidas entre si, como favos de mel, as vozes guturais de homens, mulheres e crianças, que discutiam abaixo do chafariz.

* A partícula árabe *Khadji* deste nome indica tratar-se de pessoa que já fez a peregrinação aos lugares sagrados de Meca e Medina. Todas as notas são do tradutor exceto quando indicado.

Khadji-Murát era um *naïb* de Chamil,* célebre pelos seus feitos, e que nunca saía a não ser com o seu estandarte e acompanhado de dezenas de *miurides*, que piruetavam a cavalo, em torno dele. Agora, ia enrolado no capuz e na japonsa, sob a qual aparecia o cano do fuzil, e acompanhado de um único *miuride*, procurando não ser notado e fixando com os olhos negros e vivos os rostos dos habitantes que encontrava no caminho.

Chegando ao centro do *aul*, Khadji-Murát não seguiu pela rua que desembocava na praça, mas virou à esquerda, para uma estreita viela. Junto à segunda *sákliá*, erguida num corte da montanha, parou e olhou em torno. Não havia ninguém sob o alpendre, à entrada, mas sobre o telhado, atrás da chaminé recém-coberta de argila, estava deitado um homem, abrigado sob um *tulup*. Khadji-Murát tocou com o cabo do chicote o homem deitado sobre o telhado e deu um estalo com a língua. Ergueu-se um velho, de chapéu de dormir e *biechmiét* esfarrapado. Os seus olhos, desprovidos de pestanas, estavam vermelhos e úmidos e, para abri-los, o velho precisava piscar. Khadji-Murát proferiu o habitual *Selam aléikum* e descobriu o rosto.

- *Aléikum selam*** - disse o velho, sorrindo com a boca sem dentes, depois de reconhecer Khadji-Murát e, erguendo-se so-

* Chefe caucasiano que moveu guerra aos russos durante 25 anos, a partir de 1834

** "Que a paz esteja contigo"; "Que a paz esteja contigo também."

bre as pernas magras, começou a enfiar os pés nos sapatos de salto de madeira que estavam junto à chaminé. Em seguida, vestiu, sem se apressar, o *tulup* amassado e desceu de costas a escada encostada no telhado. Ao vestir-se e ao descer a escada, meneava a cabeça, erguida sobre o pescoço fino, enrugado, queimado de sol, e não cessava de mascar com a boca desdentada. Chegando ao chão, apanhou com gesto hospitaleiro a rédea e o estribo direito do cavalo de Khadji-Murát. Mas o ágil e forte *miuride* desceu do cavalo e substituiu o velho.

Khadji-Murát apeou-se e, manquejando um pouco, entrou no alpendre. Ao seu encontro, saiu rapidamente da soleira um menino de uns quinze anos e, surpreendido, fixou nos recém-chegados os olhos brilhantes, negros como groselha madura.

- Corre para a mesquita e chama teu pai - ordenou o velho e, passando na frente de Khadji-Murát, abriu para ele a porta leve e rechinante da *sákliá*. No momento em que Khadji-Murát entrou, abriu-se também uma porta interna, dando passagem a uma mulher esguia, não muito jovem, de *biechmiét* vermelho sobre camisa amarela e *charovári* azuis, e que trazia almofadas.

- A tua vinda nos dará sorte - disse ela e, debruçando-se, pôs-se a dispor as almofadas junto à parede fronteira, para servirem de assento ao hóspede.

- Que os teus filhos tenham longa vida - respondeu Khadji-Murát, tirando a japonsa, o fuzil e o sabre e passando-os ao velho.

Este pendurou em pregos, cuidadoso, o fuzil e o sabre, junto à arma do dono da casa, entre dois grandes tachos, que brilhavam sobre a parede lisa, caiada e limpa.

Khadji-Murát corrigiu a posição da pistola que trazia às costas, caminhou para as almofadas dispostas contra a parede e, fechando a *tcherkeska*, sentou-se sobre elas. O velho sentou-se em frente, sobre os calcanhares nus, cerrou os olhos e levantou as mãos com as palmas para cima. Khadji-Murát fez o mesmo. Em seguida, ambos proferiram uma oração e alisaram o rosto com as mãos, que se tocaram na extremidade da barba.

– *Ne khabar?* (O que há de novo?) – perguntou Khadji-Murát.

– *Khabar iok* (Nada de novo) – respondeu o velho, olhando não o rosto, mas o peito de Khadji-Murát, com os seus olhos vermelhos, sem vida. Eu moro no colmeal, vim apenas visitar o filho. Ele sabe.

Khadji-Murát compreendeu que o velho não queria dizer o que sabia e que se devia saber, e, acenando ligeiramente com a cabeça, deixou de interrogá-lo.

– De bom, não há nada de novo – disse o velho. – A única novidade que temos é que todas as lebres conferenciam, para resolver como vão expulsar as águias. E as águias fazem em pedaços ora uma, ora outra. Na semana passada, os cães russos queimaram o feno dos *auis* próximos do rio Mítchik, raios! – disse o velho, a voz rouquenha e enraivecida.

Entrou um *miuride* de Khadji-Murát. Caminhando de leve, mas com largas passadas de suas pernas fortes, sobre o chão de terra, tirou, tal como fizera Khadji-Murát, a japonsa, o fuzil e o sabre, ficando somente com o punhal e a pistola, e pendurou-os nos mesmos pregos em que estavam as armas de seu chefe.

- Quem é? - perguntou o velho a Khadji-Murát, apontando o recém-chegado.

- É meu *miuride*; chama-se Eldar - respondeu Khadji-Murát.

- Está bem - disse o velho, e indicou para Eldar um lugar sobre o feltro, ao lado de Khadji-Murát.

Eldar sentou-se, cruzando as pernas, e fixou em silêncio os seus bonitos olhos de carneiro sobre o velho que falava muito. Ele contava como os valentes do povoado apanharam, na semana passada, dois soldados, um dos quais fora morto e o outro enviado para Vedenó, onde estava Chamil. Khadji-Murát escutava distraído, olhando de quando em vez para a porta e prestando atenção aos ruídos de fora. Ouviram-se passos no alpendre, a porta rechinou e entrou o dono da casa.

Sado era homem de uns quarenta anos, de barbicha pequena, nariz comprido e olhos igualmente negros, embora menos brilhantes que os do filho, o rapazinho de quinze anos que corria atrás dele e que, entrando na *sákliá*, sentou-se à porta. Tirando os sapatos de madeira, o dono da casa puxou para o cocuruto da cabeça, há muito não raspada, e já coberta de ca-

belos negros, a sua velha e puída *papakha*, e sentou-se sobre os calcanhares, em frente de Khadji-Murát.

Tal como fizera o velho, fechou os olhos, ergueu as mãos, as palmas para cima, proferiu uma oração, passou as mãos no rosto, e somente depois disso começou a falar. Contou que Chamil dera ordem de trazer Khadji-Murát vivo ou morto, que ainda na véspera estiveram ali enviados de Chamil, que o povo temia desobedecer-lhe e que, por isso, era preciso tomar cuidado.

– Em minha casa – disse Sado –, enquanto eu estiver vivo, ninguém fará mal ao meu *kunák*. Mas, o que será no campo? É preciso pensar.

Khadji-Murát ouvia-o atento e balançava aprobativo a cabeça. Depois que Sado terminou, ele disse:

– Está bem. Agora, precisamos mandar uma carta aos russos. O meu *miuride* vai levá-la, mas precisa de um guia.

– Vou mandar meu irmão Bata – disse Sado. – Vai chamar o Bata – acrescentou, dirigindo-se ao filho.

O menino se ergueu de um salto sobre as pernas ágeis, como se tivesse molas, e saiu rapidamente da *sákliá*, agitando os braços. Uns dez minutos depois, voltou com um tchetcheno de pele bem tostada, musculoso e de pernas curtas, que trazia uma *tcherkeska* amarela, quase desfeita, de mangas desfiadas em franjas e botões pretos pendentes. Khadji-Murát saudou o recém-chegado e imediatamente, sem palavras inúteis, disse:

– Podes levar o meu *miuride* para junto dos russos?

– Posso – respondeu Bata rápida e alegremente. – Posso fazer tudo. Nenhum outro tchetcheno fará o mesmo que eu. Outro iria, prometeria tudo, e no fim não faria nada. Mas eu posso.

– Está bem. Vais receber três pelo teu trabalho – disse Khadji-Murát, pondo para a frente três dedos.

Bata acenou com a cabeça, em sinal de que havia compreendido, mas acrescentou que não fazia questão de dinheiro, e que seria uma honra prestar serviço a Khadji-Murát, pois todos os montanhese sabiam como ele batera os porcos russos...

– Está bem – disse Khadji-Murát. – A corda deve ser comprida, e a conversa, curta.

– Bem, vou ficar calado – disse Bata.

– Lá onde o Argun faz uma curva, em frente à margem escarpada, há uma clareira na mata, com duas medas de feno. Conheces?

– Sim.

– Lá estão me esperando os meus três cavaleiros – disse Khadji-Murát.

– Aia! – Bata fez um aceno com a cabeça.

– Vais perguntar por Cã-Makhoma, que sabe o que dizer e como proceder. Vais levá-lo ao comandante russo, príncipe Vorontzów. Podes?

– Vou levá-lo.

– Levar e trazer de volta. Podes?

– Posso.

– Vais trazê-lo de volta à mata. Eu também estarei lá.

- Farei tudo - disse Bata, ergueu-se e, levando as mãos ao peito, saiu.

- É preciso mandar ainda um homem para Guékhi - disse Khadji-Murát ao dono da casa, depois que Bata saiu. - Eis o que se deve fazer em Guékhi - começou, segurando uma das cartucheiras da *tcherkeska*, mas no mesmo instante deixou cair o braço e calou-se, vendo duas mulheres que entravam na *sákliá*.

Uma delas era esposa de Sado, aquela mesma mulher magra que arrumara as almofadas. A outra era muito jovem: usava *charovári* vermelhos e *biechmiét* verde, tendo ainda uma rede com moedas de prata, que lhe cobria inteiramente o peito. Na extremidade da sua trança negra, não muito comprida, mas grossa e áspera, que se alojava entre os ombros magros, estava pendurado um rublo de prata; olhos igualmente negros, cor de groselha, como os do pai e do irmão, brilhavam alegres no rosto jovem, que procurava mostrar-se severo. Não olhava para os hóspedes, mas via-se que sentia a presença deles.

A mulher de Sado trouxe uma mesinha baixa e redonda, sobre a qual havia chá, bolinhos de massa, coscorões em azeite, queijo, *tchurék* e mel. A menina trouxe um tacho, um *kumgan* e uma toalha.

Sado e Khadji-Murát mantinham-se calados, enquanto as mulheres se moviam em silêncio, calçadas de chinelos macios, sem saltos, e dispunham tudo diante dos hóspedes. Eldar fixara os olhos de carneiro nas pernas cruzadas e mantinha-se imóvel como uma estátua, enquanto as mulheres permaneciam na *sákliá*.

Somente depois que elas saíram, e os seus passos macios não se ouviam mais atrás da porta, Eldar soltou um suspiro de alívio e Khadji-Murát retirou a bala que cobria uma das cartucheiras da *tcherkeska*, puxando para fora um bilhete enrolado em canudo.

- Dar ao meu filho - disse, mostrando o bilhete.

- Para onde vai a resposta? - perguntou Sado.

- Deverás trazê-la para mim.

- Será feito - disse Sado e pôs o bilhete na cartucheira. Depois, segurou o *kumgan* e colocou o tacho perto de Khadji-Murát. Este arregaçou as mangas do *biechmiét* sobre os braços musculosos, de pele que alvejava logo acima dos punhos, e pôs as mãos sob o fio de água fria e cristalina que Sado despejava do *kumgan*. Tendo enxugado as mãos numa toalha grosseira e limpa, Khadji-Murát acercou-se da comida. Eldar fez o mesmo. Enquanto os hóspedes comiam, Sado permanecia sentado diante deles e agradecia-lhes a visita. O rapazinho á porta não tirava de Khadji-Murát os olhos negros e brilhantes, sorrindo ao mesmo tempo, como se confirmasse com aquele sorriso as palavras do pai.

Embora Khadji-Murát estivesse em jejum havia mais de vinte e quatro horas, comeu apenas um pouco de pão e queijo e, retirando da bainha do punhal uma faquinha, passou com ela mel sobre o pão.

- O nosso mel é bom. Este ano saiu melhor que nunca: em grande quantidade e muito bom - disse o velho, evidentemente lisonjeado pelo fato de Khadji-Murát comer o seu mel.

- Obrigado - disse Khadji-Murát e afastou-se da comida. Eldar ainda estava com fome, mas seguiu o exemplo do seu *miurchide*: saiu da mesa e passou a Khadji-Murát o tacho e o *kumgan*.

Sado sabia que, recebendo Khadji-Murát em sua casa, arriscava a vida, pois, em seguida ao rompimento entre Chamil e Khadji-Murát, fora declarado a todos os habitantes da Tchetchênia que não poderiam abrigar Khadji-Murát, sob pena de morte. Compreendia que, a qualquer momento, os vizinhos poderiam saber da presença dele em sua casa e exigir a sua prisão. Mas isso não assustava, até alegrava Sado, pois considerava como seu dever defender o hóspede, mesmo que tal defesa lhe custasse a vida, e orgulhava-se de estar procedendo como devia.

- Enquanto estiveres em minha casa e eu tiver a cabeça sobre os ombros, ninguém te fará nada - repetiu ele a Khadji-Murát.

Este fixou os olhos brilhantes do interlocutor e, compreendendo que era verdade, disse um tanto solenemente:

- Que recebas muita alegria em tua vida.

Sado levou em silêncio a mão ao peito, em sinal de gratidão pelas palavras carinhosas.

Tendo cerrado as persianas e preparado galhos secos para a lareira, ele saiu do quarto dos hóspedes num estado de alegria e excitação, e entrou no compartimento em que vivia toda a sua família. As mulheres ainda não dormiam e estavam conversando sobre os perigosos hóspedes alojados em sua casa.

II

Naquela mesma noite, três soldados e um suboficial saíram da fortaleza avançada de Vozdvijenskoie, que distava quinze verstas do *aul*, e atravessaram o portão Tchakhguírinski. Os soldados vestiam peliça curta, *papakha*, capote enrolado às costas e grandes botas, cujo cano chegava acima do joelho, como se usava então nos regimentos caucasianos. Caminharam de arma ao ombro, a princípio pela estrada, e, depois de percorrerem uns quinhentos passos, dobraram à direita; farfalhando com as botas sobre as folhas secas, pararam junto a um plátano quebrado, cujo tronco negro se via mesmo na treva. Era o ponto para onde se costumava mandar patrulhas.

As estrelas brilhantes, que pareciam correr sobre o cimo das árvores, enquanto os soldados caminhavam pela mata, haviam parado e luziam intensamente entre os ramos despídos.

– Obrigado – disse ríspido o suboficial Panóv, tirando do ombro o fuzil comprido, armado de baioneta, e, batendo com ele no chão, encostou-o ao tronco da árvore. Os soldados o imitaram.

– É isso mesmo: perdi! – resmungou zangado Panóv. – Esqueci ou deixei cair pelo caminho.

– O que é que procuras? – perguntou um dos soldados, a voz alegre e animada.

- O cachimbo. Diabo sabe onde foi parar.
- Mas a boquilha está inteira? – perguntou a voz animada.
- Está aqui.
- Por que não fuma direto na terra?
- Ora... como?
- Vamos logo dar um jeito.

Era proibido fumar em patrulha, mas aquela quase não merecia esse nome, pois era mais propriamente um posto avançado, colocado ali para que os montanhese não pudessem trazer em segredo um canhão, como faziam antes, e atirar sobre a fortificação. Panóv não julgou necessário privar-se do fumo e concordou com a proposta do soldado folgazão, que tirou do bolso uma faquinha e pôs-se a escavar a terra. Feito um pequeno buraco, alisou-o, ajeitou nele a boquilha, encheu o buraco de fumo, amassou-o, e o cachimbo estava pronto. O fósforo aceso iluminou por um instante o rosto de maçãs salientes do soldado deitado sobre a barriga. Ouviu-se um assobio na boquilha e Panóv sentiu o cheiro agradável do fumo barato.

- Está pronto? – perguntou ele, pondo-se de pé.
- Naturalmente.
- Este Avdiéiev é um bichão. É a minha vez!

Avdiéiev virou-se para o lado, cedendo lugar a Panóv e soltando fumaça pela boca.

Fumando, puseram-se a conversar.

- Dizem que o capitão avançou mais uma vez no dinheiro da companhia. Perdeu no jogo – disse, preguiçoso, um dos soldados.

- Vai devolver – replicou Panóv.

- Claro, é um bom oficial – confirmou Avdiéiev.

- Bom, bom – prosseguiu em tom aborrecido o soldado que iniciara a conversa –, na minha opinião, a companhia devia interrogá-lo sobre quanto ele tirou e quando vai devolver.

- Como é que a companhia pode julgá-lo? – disse Panóv, afastando a boca da boquilha.

- De fato, é difícil – confirmou Avdiéiev.

- É preciso comprar aveia, consertar as botas antes da primavera, e se ele tirou o dinheiro... – insistia o descontente.

- E eu digo que tudo sairá como a companhia quer – repetiu Panóv. – Não é a primeira vez: ele tira e depois devolve.

Naquele tempo, no Cáucaso, cada companhia administrava seus próprios recursos, por intermédio de indivíduos eleitos para esse fim. Ela recebia do tesouro seis rublos e meio para cada homem, e se abastecia sozinha, plantava repolho, ceifava feno, tinha as suas próprias carroças e cavalos bem alimentados. O dinheiro da companhia se guardava numa gaveta, cuja chave ficava com o capitão-comandante, e acontecia muitas vezes de ele tirar dinheiro de empréstimo. O mesmo sucedera daquela feita, o que motivara a conversa. O taciturno soldado

Nikítin queria que se exigisse uma satisfação, mas Panóv e Avdiéiev achavam que não era necessário.

Depois de Panóv, Nikítin também fumou e, forrando o chão com o capote, sentou-se, apoiado numa árvore. Os soldados se calaram. Ouvia-se apenas farfalhar o vento nos cimos das árvores. De repente, acompanhando o farfalhar macio, ressoaram uivos, guinchos, choro e gargalhadas de chacais.

- Como riem os malditos! - disse Avdiéiev.

- Estão caçoando de ti, por causa da tua cara torta - disse o quarto soldado, com voz fina e sotaque ucraniano.

Os chacais se calaram e ouviu-se apenas o vento, que agitava os galhos das árvores, ora mostrando, ora escondendo as estrelas.

- Diga-me uma coisa, Antônitch - perguntou de repente a Panóv o alegre Avdiéiev -, às vezes, não ficas caceteado?

- Por quê? - replicou Panóv, a contragosto.

- Quanto a mim, às vezes fico tão caceteado que nem sei o que seria capaz de fazer comigo mesmo.

- O quê! - disse Panóv.

- E quando gastei todo o dinheiro em bebida, também foi porque estava caceteado. Aquilo foi chegando, foi chegando, e eu pensei: "Agora, vou me afogar em bebida".

- Mas, com o álcool, às vezes é pior ainda.

- Tive disso também, mas o que se vai fazer?

- E por que estás tão caceteado?

- Eu? Saudades de casa.
- Então, vocês viviam com muita riqueza?
- Não éramos ricos, mas vivíamos bem.

E Avdiéiev começou a contar o que já dissera muitas vezes àquele mesmo Panóv.

- Apresentei-me voluntário em lugar de meu irmão. Ele já tinha cinco filhos, e eu acabava de me casar. Mamãe começou a me pedir. Pensei: "Que me importa, e talvez as pessoas se lembrem da minha boa ação". Fui falar com o patrão.* Ele é muito bom, e me disse: "Fazes muito bem. Vai". E assim fui em lugar do meu irmão.

- E então? Foi muito bonito da tua parte - disse Panóv.

- E agora, acreditas, Antônitch? Estou sempre caceteado, perguntando-me por que fui apresentar-me em lugar de meu irmão. Digo a mim mesmo que estou sofrendo tudo isso, enquanto ele fica reinando por lá. E quanto mais penso, tanto pior. Certamente, é pecado.

Calou-se um pouco.

- Vamos fumar de novo? - perguntou ele depois.
- Está bem, prepara tudo.

Mas não chegaram a fumar. Avdiéiev acabava de se levantar e quis preparar de novo o cachimbo, quando se ouviram passos

* Cada proprietário rural devia mandar determinado número de camponeses para o exército.

na estrada, de mistura com o farfalhar das árvores. Panóv apANHOU o fuzil e empurrou Nikítin com o pé. Nikítin se ergueu e levantou o capote. Bondárenko, o terceiro soldado, também ficou de pé:

- Ah, meus velhos, vi um sonho...

Avdíéiev lhe fez sinal que se calasse, e os soldados ficaram imóveis, à escuta. Aproximavam-se passos macios de gente que não usava botas. Cada vez com maior nitidez, ressoava em meio ao silêncio um estalar de folhas e galhos secos. Depois se ouviu uma conversa, naquela língua gutural, diferente das demais, que falam os tchetchenos. Os soldados não ouviam apenas: agora já estavam vendo duas sombras que passavam entre as árvores. Uma das sombras era mais alta que a outra. Quando as sombras se acercaram dos soldados, Panóv e seus companheiros saíram de armas na mão para a estrada.

- Quem vem aí? - perguntou o suboficial.

- Tchetcheno de paz - disse o mais baixo dos recém-chegados (era Bata). - Fuzil *ioK*, sabre *ioK'* - disse, apontando para si mesmo -, preciso do príncipe.

O que era mais alto mantinha-se em silêncio ao lado do companheiro. (Tampouco trazia arma.)

* "Não" (em turcomano).

- São espíões. Quer dizer que vamos levá-los ao coronel - disse Panóv aos companheiros.

- Príncipe Vorontzów preciso muito, assunto muito importante, preciso - disse Bata.

- Está bem, está bem, vamos levar - replicou Panóv. - E agora, você e Bondárenko vão levá-los - acrescentou, dirigindo-se a Avdiéiev - e, depois que os entregar ao oficial de dia, volte para cá. Mas tome cuidado, mande eles caminharem na frente. Pois esses testas-lisas são uns espertalhões.

- E isto, não vale? - perguntou Avdiéiev, fazendo com o fuzil armado de baioneta um movimento como se fosse atravessar alguém. - Vou dar uma espetada, e acabou-se!

- Mas de que nos vão servir, se os espetas? - disse Bondárenko.

- Bem, andem!

Quando não se ouviam mais os passos dos dois soldados com os prisioneiros, Panóv e Nikítin voltaram ao lugar primitivo.

- O diabo os faz andar de noite - disse Nikítin.

- Quer dizer que é preciso - retrucou Panóv, acrescentando: - Está frio agora - e, desdobrando o capote, vestiu-o e sentou-se apoiado à árvore.

Passadas umas duas horas, Avdiéiev e Bondárenko voltaram.

- Então, entregaste? - perguntou Panóv.

– Entregamos. Ainda estavam todos acordados no alojamento do coronel. Levamos eles direto para lá. Que bons rapazes são esses sujeitos de testa lisa – prosseguiu Avdiéiev. – Juro por Deus! Conversei tanto com eles.

– Claro, estás sempre pronto a conversar – disse, contrariado, Nikítin.

– Palavra, são que nem nós outros, russos. Um deles é casado. “Maruchka”, disse eu, “*bar?*” “*Bar*”, disse ele. “*Barantchuk*”, perguntei, “*bar?*” “*Bar.*” “Muitos?” “Um par”, respondeu ele. Conversamos tão bem. São bons rapazes.

– Muito bons, não há dúvida – disse Nikítin –, se ele te pegasse sozinho, punha as tuas tripas para fora.

– Logo vai amanhecer – observou Panóv.

– Sim, as estrelas já começaram a se apagar – disse Avdiéiev, sentando-se.

E os soldados tornaram a calar-se.

III

Apagaram-se, fazia muito, as luzes da caserna e das casinhas dos soldados, mas estavam ainda iluminadas todas as janelas de uma das melhores casas da fortaleza. Ela era ocupada pelo comandante do regimento Kúrinski, ajudante de campo do

príncipe Siemión Mikháilovitch Vorontzów, filho do comandante em chefe. Vivia ali com a mulher, Mária Vassílievna, célebre beldade de Petersburgo, e levava na pequena fortaleza caucasiana uma vida tão luxuosa como ninguém ainda tivera ali. Vorontzów, e sobretudo a mulher, tinham, porém, a impressão de que levavam vida não só modesta, como também cheia de privações; mas os habitantes do lugar ficavam surpreendidos com aquele luxo extraordinário.

Agora, à meia-noite, no grande salão de visitas, com tapetes por todo o soalho e pesados reposteiros, os donos da casa estavam sentados com as visitas diante da mesa de jogo, iluminada por quatro velas, e jogavam baralho. Um dos jogadores era o próprio dono da casa: um coronel de rosto comprido, muito louro, com insígnias e alamares de ajudante de campo. O seu parceiro era um licenciado da Universidade de Petersburgo, um jovem cabeludo e taciturno; a princesa Vorontzova fizera-o vir como professor do filho pequeno, que ela tivera do primeiro marido. Dois oficiais jogavam contra eles: o comandante de companhia Poltorátzki, de rosto largo e corado, o qual se transferira da guarda, e o ajudante de ordens do coronel, que se mantinha bem aprumado, com uma expressão de frieza no rosto bonito. A princesa Vorontzova, uma bela mulher, algo corpulenta, de grandes olhos e sobrancelhas negras, estava ao lado de Poltorátzki, roçando-lhe as pernas com a crinolina e espiando as suas cartas. Mas nas suas palavras, nos olhares,

no sorriso, em todos os movimentos do seu corpo, nos perfumes a que recendia, havia algo que fazia Poltorátzki esquecer tudo, com exceção da proximidade de Mária Vassílievna, e ele cometia engano após engano, irritando cada vez mais o seu parceiro.

- Não, assim não dá! Engoliram novamente o teu ás – disse, todo vermelho, o ajudante de ordens, depois que Poltorátzki deixou cair o ás.

Poltorátzki parecia ter acordado naquele instante, e olhava sem compreender, com os seus olhos negros, bondosos e muito arregalados, para o ajudante irritado.

- Bem, perdoe-o – disse Mária Vassílievna com um sorriso. – Está vendo, eu lhe dizia – acrescentou, dirigindo-se a Poltorátzki.

- A senhora dizia coisa muito diferente – e Poltorátzki sorriu.

- Será possível? – retrucou ela, e sorriu também. E esse sorriso de resposta deixou Poltorátzki tão perturbado e satisfeito que o seu rosto se tornou purpúreo, e ele se apoderou das cartas, começando a baralhá-las.

- Não é a tua vez de baralhar – disse, severo, o ajudante de ordens, e foi distribuindo as cartas com a sua alva mão provida de anel, com tal expressão como se quisesse apenas desfazer-se delas o quanto antes.

O camareiro do príncipe entrou no salão e avisou-o de que o oficial de dia o estava chamando.

- Com licença, senhores - disse Vorontzów, em russo, mas com sotaque inglês. - Senta-te no meu lugar, Marie.

- Estão de acordo? - perguntou ela, erguendo-se depressa e com leveza, em todo o comprimento do seu alto corpo, farfalhando com as sedas e sorrindo com o seu sorriso de mulher feliz.

- Estou sempre de acordo - disse o ajudante de ordens, muito satisfeito por estar agora enfrentando a princesa, que absolutamente não sabia jogar. Poltorátzki fez apenas um gesto vago com as mãos e sorriu.

O róber* chegava ao fim, quando o príncipe voltou. Estava particularmente alegre e excitado.

- Sabem o que lhes vou propor?

- Diga.

- Vamos tomar champanhe.

- Para isso, estou sempre pronto - disse Poltorátzki.

- Por que não? Com muito gosto - acudiu o ajudante de ordens.

- Vassíli, traga champanhe - ordenou o príncipe.

- Para que te chamaram? - perguntou Mária Vassílievna.

- Estiveram aí o oficial de dia e mais uma pessoa.

- Quem? O quê? - perguntou depressa Mária Vassílievna.

* Série de duas partidas ganhas pelos mesmos parceiros, no jogo do uíste.

- Não posso dizer – replicou Vorontzov, dando de ombros.
- Não podes dizer? – repetiu Mária Vassílievna. – Isso nós ainda vamos ver.

Trouxeram champanhe. Cada convidado tomou uma taça; terminado o jogo, saldaram as contas e começaram todos a despedir-se.

- A sua companhia sai amanhã para a mata? – perguntou o príncipe a Poltorátzki.

- Sim, por quê?

- Nesse caso, vamos nos ver amanhã – retrucou o príncipe, com um ligeiro sorriso.

- Com muito prazer – disse Poltorátzki, não compreendendo bem o que lhe dizia Vorontzov e preocupado unicamente com o aperto que ele daria logo em seguida na mão grande e branca de Mária Vassílievna.

Como de costume, a princesa Vorontzova não só apertou com força a mão de Poltorátzki, mas também a sacudiu. E lembrando-lhe mais uma vez o erro que cometera ao sair de ouros, teve um sorriso que o oficial achou encantador, carinhoso e significativo.

Poltorátzki ia para casa naquele estado de êxtase que só pode compreender gente como ele, que cresceu e se educou na sociedade, quando essa mesma gente, depois de meses de solitária vida militar, encontra novamente uma mulher do seu

próprio meio social. E ainda uma mulher como a princesa Vorontzova.

Chegando à casinhola em que morava com outro oficial, empurrou a porta da frente, mas estava fechada. Bateu e ninguém veio abri-la. Ficou aborrecido e pôs-se a batucar com o pé e o sabre na porta fechada. Ouviram-se passos do outro lado, e Vavilo, servo de Poltorátzki, levantou o gancho.

- Por que inventaste de fechar a porta, imbecil?

- Como se pode, Aleksiéi Vladí...

- Bêbado mais uma vez! Vou te mostrar como se pode... - Poltorátzki quis bater em Vavilo, mas logo mudou de ideia.

- Bem, vá lá, vá lá. Acende a vela.

- Neste instante.

Vavilo estava realmente embriagado, o que lhe sucedera porque tinha estado no aniversário do guarda do paiol. Voltando para casa, ficara pensativo, comparando a sua vida com a do guarda Ivan Makéitch, que tinha as suas rendas, era casado e esperava dar baixa dentro de um ano. Quanto a Vavilo, ainda menino, fora levado para a casa de seus amos, para servir de criado, e agora, depois dos quarenta, era solteiro e levava uma vida de campanha, com o seu desorganizado amo. O patrão era bom, batia-lhe pouco, mas que espécie de vida era aquela! "Prometeu-me a alforria, para quando voltarmos do Cáucaso, mas o que vou fazer com essa alforria? Vida de cachorro!" - pensou Vavilo. E sentiu tanto

sono que, temendo algum ladrão, fechou a porta a gancho e adormeceu.

Poltorátzki entrou no quarto em que estava alojado o seu companheiro Tíkhonov.

- Então, perdeste no jogo? - perguntou este, acordando.

- Não, ganhei dezessete rublos, e bebemos uma garrafinha de Clicquot.

- E ficaste olhando para Mária Vassílievna?

- Sim, fiquei olhando para Mária Vassílievna - repetiu Poltorátzki.

- Falta pouco para levantar - disse Tíkhonov. - Saímos às seis.

- Vavilo! - gritou Poltorátzki. - Olha, acorda-me com força, às cinco.

- Como é que vou acordá-lo, se o senhor me bate?

- Eu te digo que me acordes, estás ouvindo?

- Sim.

Vavilo saiu do quarto, levando as botas e a roupa.

Poltorátzki deitou-se, sorriu, acendeu o cigarro e apagou a vela. Na treva, ficou vendo na sua frente o rosto sorridente de Mária Vassílievna.

Em casa dos Vorontzów, passou algum tempo antes que adormecessem. Depois que as visitas saíram, Mária Vassílievna acercou-se do marido e, parando diante dele, disse com severidade:

- *Eh bien, vous allez me dire ce que c'est?*
- *Mais, ma chère...*
- *Pas de ma chère! C'est un émissaire, n'est-ce pas?*
- *Quand même, je ne peux pas vous le dire.*
- *Vous ne pouvez pas? Alors c'est moi qui vais vous le dire.*
- *Vous?**

- Khadji-Murát, não é verdade? - disse a princesa, que desde alguns dias ouvira falar de negociações com Khadji-Murát e supunha que seu marido tivesse recebido o chefe caucasiano em pessoa.

Vorontzón não podia negar a verdade, mas desiludiu a sua mulher, dizendo-lhe que viera apenas um emissário de Khadji-Murát, com uma comunicação de que este iria conferenciar com ele no lugar marcado para a derrubada.

O jovem casal Vorontzón estava contente com aquele acontecimento, que vinha romper a monotonia da vida na fortaleza. Depois de comentar o agrado com que o pai dele receberia a notícia, marido e mulher deitaram-se para dormir quando já passava das duas.

* "Bem, vai me dizer o que é?" "Mas, minha querida..." "Nada de minha querida! É um emissário, não é verdade?" "Seja o que for, não lhe posso dizer." "Não pode? Nesse caso, eu é que lhe vou dizê-lo." "Você?"

IV

Depois das três noites que passara acordado, fugindo dos *miurides* de Chamil, Khadji-Murát adormeceu logo que Sado lhe desejou boa noite e saiu da *sákliá*. Dormiu sem se despir, apoiado num braço, o cotovelo afogado nos travesseiros de pena, vermelhos, que o dono da casa ali pusera. Eldar dormia perto dele, junto à parede. Estava deitado de costas, os membros jovens e fortes largamente espalhados, de modo que o seu alto peito, com cartucheiras negras sobre a *tcherkeska* branca, ficava acima da cabeça recém-raspada e de cor azulada, que havia caído do travesseiro. O seu lábio superior, coberto de um buço ligeiro e arrepanhado que nem o de uma criança adormecida, comprimia-se e dilatava-se, como se estivesse sorvendo algo. Tal como Khadji-Murát, dormia vestido, com uma pistola pendendo do cinto e um punhal. Ramos secos estavam acabando de se consumir na lareira, e havia uma luzinha quase imperceptível dentro do fogão pequeno.

No meio da noite, rangeu a porta do quarto dos hóspedes, e Khadji-Murát se ergueu de um salto, pistola na mão. Sado entrou no quarto, pisando de leve o chão de terra.

– O que é preciso? – perguntou Khadji-Murát, que nem parecia ter dormido.

– É preciso pensar – disse Sado, sentando-se de cócoras diante de Khadji-Murát. – Uma mulher te viu do alto de um telhado quando passavas na rua, contou ao marido, e agora o *aul* em

peso sabe da tua presença. Há pouco, uma vizinha veio correndo, para avisar a dona da casa de que os anciães se reuniram na mesquita e resolveram deter-te.

- Temos que ir embora.

- Os cavalos estão prontos - disse Sado, saindo apressadamente da *sákliá*.

- Eldar - murmurou Khadji-Murát. E Eldar, ouvindo o seu nome e, sobretudo, a voz de seu *miurchide*, ergueu-se de um salto sobre as pernas fortes, ajeitando a *papakha*. Khadji-Murát vestiu a japonsa e tomou as armas, Eldar fez o mesmo e ambos saíram da *sákliá* para o alpendre. O rapazinho de olhos negros trouxe os cavalos. Quando se ouviu o patear sobre a terra batida da rua, uma cabeça apareceu fora da porta da *sákliá* vizinha, e, batendo com os sapatos de madeira, um vulto correu morro acima, na direção da mesquita.

Não havia luar, somente as estrelas luziam intensamente no céu negro, e via-se na treva o contorno dos telhados das *sákliás*, sobre os quais se destacava a sombra da mesquita, com o seu minarete, na parte superior do *aul*. Um zunir de vozes vinha da mesquita.

Khadji-Murát segurou com gesto rápido o fuzil, enfiou o pé no estribo estreito e, jogando sem ruído, insensivelmente, o corpo para cima, sentou-se na almofada alta da sela.

- Que Deus o recompense - disse, dirigindo-se ao dono da casa, procurando com o movimento habitual da perna direita o

outro estribo, e tocou ligeiramente com o chicote o rapazinho que segurava o cavalo, fazendo-lhe assim sinal de se afastar. O rapazinho afastou o corpo, e o cavalo, como se soubesse sozinho o que devia fazer, saiu num passo animado, na direção da estrada principal. Eldar cavalgava em seguida, e Sado quase corria atrás deles, de peliça e agitando rapidamente os braços, passando ora para um, ora para outro lado da rua estreita. Ao chegarem à estrada principal, viram uma sombra movediça atravessada no caminho, depois outra.

- Pare! Quem vem aí? Pare! - gritou uma voz, e alguns homens se atravessaram no caminho.

Em vez de parar, Khadji-Murát tirou a pistola do cinto, soltou as rédeas e impeliu o cavalo na direção dos homens que obstruíram o caminho. Eles dispersaram-se e Khadji-Murát foi estrada abaixo, em andadura larga, sem olhar para trás. Eldar acompanhava-o num trote largo. Atrás deles, estalaram dois tiros, e duas balas passaram zunindo, sem os atingir. Khadji-Murát prosseguiu na mesma andadura. Depois de uns trezentos passos, parou o cavalo ligeiramente esbaforido e ficou à escuta. Em frente, embaixo, marulhava uma torrente rápida. Atrás, ouviam-se em desafio os galos do *aul*. No intervalo entre esses cantos, ressoou um galope de cavalos que se aproximavam e ouviram-se vozes. Khadji-Murát prosseguiu viagem no mesmo passo regular.

Os perseguidores vinham a galope e, pouco depois, alcançaram Khadji-Murát. Eram uns vinte homens a cavalo, todos

habitantes do *aul*, que resolveram deter Khadji-Murát ou, pelo menos, dar a impressão de que pretendiam detê-lo, e, desse modo, não perder as boas graças de Chamil. Quando se aproximaram a ponto de se tornarem visíveis na escuridão, Khadji-Murát parou, largou as rédeas, desabotoou com o movimento habitual da mão esquerda a capa do fuzil e retirou-o com a direita. Eldar fez o mesmo.

– O que querem? – gritou Khadji-Murát. – Prender-me? Está bem, venham.

E ergueu o fuzil.

Os habitantes do *aul* estacaram. Khadji-Murát começou a descer para um pequeno vale, sempre de fuzil na mão. Os cavaleiros seguiam-no à mesma distância. Depois que ele subiu do outro lado do vale, os cavaleiros gritaram-lhe que ouvisse o que tinham a dizer. Em resposta, Khadji-Murát disparou o fuzil e pôs o cavalo a galope. Quando o fez parar, não se ouviam mais a perseguição nem o canto dos galos, mas percebia-se com mais nitidez o marulhar da água no meio do mato, e de quando em vez o chorar de um mocho. A muralha negra da mata estava bem perto. Era aquela mesma floresta em que os seus *miurides* o esperavam. Acercando-se da mata, Khadji-Murát fez parar o cavalo, encheu de muito ar os pulmões, assobiou e depois se calou, à escuta. Instantes mais tarde, um assobio igual se fez ouvir na mata. Khadji-Murát saiu da estrada e cavalgou para a floresta. Percorrendo uns cem passos, viu, por entre os troncos das

árvores, uma fogueira, sombras humanas sentadas ao redor, e um cavalo peado e encilhado, que o fogo iluminava pela metade.

Um dos homens ali sentados ergueu-se rápido, acercou-se de Khadji-Murát e segurou-lhe as rédeas e o estribo. Era o avariano Khanéfi, irmão adotivo de Khadji-Murát, e que tomava conta de todas as suas coisas.

- Apaguem o fogo - disse Khadji-Murát, apeando-se.

Os homens puseram-se a espalhar e pisar os galhos acesos.

- Bata esteve aqui? - perguntou Khadji-Murát, aproximando-se de uma japona estendida no chão.

- Esteve e partiu há muito tempo com Cã-Makhoma.

- Que estrada tomaram?

- Esta mesma - respondeu Khanéfi, indicando a direção contrária àquela de onde viera Khadji-Murát.

- Está bem - disse este e, tirando o fuzil, começou a armá-lo.

- É preciso tomar cuidado, fui perseguido - continuou, dirigindo-se ao homem que estava apagando a fogueira.

Era o tchetcheno Gamzalo. Este se acercou da japona, apanhou o fuzil que estava em cima dela, protegido por uma capa, e foi silenciosamente para o limite da clareira, para o lugar por onde viera Khadji-Murát. Eldar desceu do cavalo, tomou pela rédea o animal de Khadji-Murát, apertou a ambos os cavalos a cabeça e amarrou cada um numa árvore. Depois, seguindo o exemplo de Gamzalo, ficou de fuzil ao ombro na outra extremidade da clareira. Apagaram a fogueira, e a floresta agora

não parecia tão negra como antes, já se via no céu o brilho pálido das estrelas.

Olhando para as estrelas, para as Plêiades, que se haviam erguido até a metade do céu, Khadji-Murát calculou que era muito mais de meia-noite e que, por conseguinte, deixara passar a hora da oração noturna. Pediu a Khanéfi o *kumgan*, que eles sempre traziam numa bolsa, e, vestindo a japona, caminhou para a água.

Khadji-Murát tirou os sapatos, praticou a ablução, pisou a japona com os pés descalços, sentou-se sobre a panturrilha, tapou os ouvidos com os dedos, fechou os olhos e, voltando-se para o Oriente, proferiu a oração habitual.

Em seguida, regressou ao seu lugar, onde estavam as bolsas de viagem, sentou-se sobre a japona, apoiou as mãos nos joelhos e ficou pensativo, a cabeça inclinada.

Khadji-Murát sempre acreditara na sua boa estrela. Empreendendo algo, estava de antemão certo do sucesso e tudo lhe saía bem. Assim acontecera, com raras exceções, em todo o decorrer da sua tumultuosa vida militar. Agora, esperava que sucedesse o mesmo. Imaginava já como avançaria contra Chamil, à frente do exército que Vorontzów lhe daria, e como o faria prisioneiro e se vingaria dele; depois, o czar russo iria premiá-lo e ele governaria não só a Avaria, mas toda a Tchetchênia, por ele submetida. Com tais pensamentos, adormeceu sem sentir.

Via-se em sonho, junto com os seus valentes, voando ao encontro de Chamil, cantando e gritando “Khadji-Murát vem aí”, depois aprisionando Chamil com as suas mulheres, e ouvia o choro e os soluços das favoritas. Acordou. A canção “La ilá”,* os gritos de “Khadji-Murát vem aí” e o pranto das mulheres de Chamil eram o uivar, o choro e o gargalhar dos chacais, que o acordaram. Khadji-Murát ergueu a cabeça, olhou para o céu que já luzia no Oriente por entre as árvores, e perguntou por Cã-Makhoma ao *miuride* sentado a certa distância. Inteirando-se de que ele ainda não voltara, Khadji-Murát deixou pender a cabeça e tornou no mesmo instante a cair em modorra.

Foi acordado pela voz alegre de Cã-Makhoma, que voltava da sua embaixada, acompanhado de Bata. Cã-Makhoma logo se sentou junto a Khadji-Murát e pôs-se a contar como os soldados os receberam e levaram à presença do próprio príncipe, que falara com eles, mostrando-se muito contente, e marcara como ponto de encontro o lugar em que os russos iam iniciar a derrubada, aquela manhã, na clareira Chalínskaia, além do rio Mítchik. Bata interrompia de vez em quando o companheiro, acrescentando alguns pormenores.

Khadji-Murát interrogou-os minuciosamente sobre as palavras exatas com que Vorontzów respondera ao seu oferecimento

* *La ilá il Alá* – “Alá é o único Deus”.

de ir ao encontro dos russos. Cã-Makhoma e Bata disseram a uma voz que o príncipe prometera receber Khadji-Murát como hóspede e fazer tudo para que se sentisse bem. Khadji-Murát ainda fez perguntas sobre o caminho a percorrer, e, quando Cã-Makhoma lhe afiançou que o conhecia bem, tirou o dinheiro e deu a Bata os três rublos prometidos. Ordenou aos seus homens que tirassem das bolsas de viagem as armas gravadas a ouro e a *papakha* com turbante, que ele trazia consigo, e que se limpassem também, para se apresentarem aos russos com boa aparência. Enquanto limpavam as armas, as selas e os cavalos, as estrelas empalideceram, clareou o dia e soprou uma leve aragem matinal.

V

De manhã cedo, ainda escuro, duas companhias saíram sob o comando de Poltorátzki, armadas de machados, para dez verstas além do portão Tchakhguirinski, e, deixando espalhados atiradores em posição, começaram a derrubada. Pouco antes das oito, o nevoeiro mesclado com a fumaça aromática dos ramos secos, que estalavam e farfalhavam nas fogueiras, começou a levantar-se, e os homens ocupados na derrubada, que até pouco antes não viam um ao outro a cinco passos de distância,

mas apenas se ouviam, puderam ver as fogueiras e a estrada que atravessava a floresta atravancada de árvores derrubadas; o sol ora aparecia qual mancha clara no nevoeiro, ora tornava a desaparecer. Na clareira, a certa distância da estrada, diversos homens estavam sentados sobre os tambores: Poltorátzki com o seu oficial subalterno Tíkhonov, dois oficiais da Terceira Companhia e o colega de escola militar de Poltorátzki, barão Freze, ex-oficial da cavalaria, degradado por motivo de duelo. Ao redor dos tambores, estavam espalhados papéis de embrulho, pontas de cigarros e garrafas vazias. Os oficiais tinham bebido vodca e comido um pouco, e estavam tomando pórtel.* O tamborileiro abria a oitava garrafa. Apesar de não ter dormido bem, Poltorátzki estava naquele particular estado de exaltação das forças do espírito e de alegria boa e descuidada em que se sentia sempre, entre os seus soldados e companheiros, nos momentos de perigo.

Prosseguia entre os oficiais uma conversa animada sobre a última notícia: a morte do general Slietpózov. Nessa morte, ninguém via o momento capital daquela vida – o do seu término e da volta à fonte de onde surgira; via-se apenas a valentia do audaz oficial, que se lançara, sabre em punho, contra os montanhese e lutara desesperadamente com eles.

* Tipo de cerveja preta.

Embora todos os oficiais, principalmente aqueles que já estiveram em ação, soubessem ou pudessem saber que na Guerra do Cáucaso, e aliás em todas as guerras, nunca existiu aquele corpo a corpo a arma branca, cuja existência sempre se supõe e se descreve (e se tal corpo a corpo a sabre e baioneta chega a existir, as cutiladas e golpes de baioneta se dão somente em fugitivos), essa ficção do corpo a corpo era reconhecida pelos oficiais e dava-lhes aquele calmo orgulho e aquela alegria, com a qual, uns em poses de valentia, outros em atitude bem modesta, ficavam sentados sobre os tambores, fumando, bebendo e dizendo gracejos, sem se preocuparem com a morte, que podia alcançar cada um deles a qualquer momento, tal como fizera a Slieptzów. E realmente, como uma confirmação da sua espera, ouviu-se no meio da conversa, à esquerda da estrada, o som bonito e estimulante de um tiro de fuzil, que estalara bruscamente, e uma bala pequena, asobiando alegre, sulcou o ar nublado e cravou-se numa árvore. Outros tiros de fuzil reboaram pesados, respondendo ao fogo inimigo.

- Eh! - gritou Poltorátzki, a voz animada. - Isso é lá na linha. Bem, Cóstia,* meu irmão - disse, dirigindo-se a Freze -, estás com sorte. Vai para a companhia. Daqui a pouco, vamos

* Diminutivo de Constantin.

arranjar um combate que será uma beleza. Depois, faremos uma representação a teu respeito.

O barão degradado levantou-se num salto e caminhou às pressas na direção do nevoeiro, onde estava a sua companhia. Trouxeram para Poltorátzki o seu pequeno cabardino* baio. Ele montou, formou a sua companhia e conduziu-a para a linha, na direção dos tiros. A linha de atiradores estava disposta na clareira da mata, diante de um declive escaldado, que era parte de um vale. O vento soprava na direção da mata, e via-se claramente não só o declive, mas também o lado oposto.

Quando Poltorátzki chegou à linha de atiradores, o sol espia-va por entre o nevoeiro e, do outro lado do vale, junto a outra mata, a uns cem sajenes,** viam-se alguns cavaleiros. Aqueles tchetchenos eram os mesmos que haviam perseguido Khadji-Murát e queriam ver a sua passagem para os russos. Um deles atirou na direção da linha. Alguns soldados lhe responderam. Os tchetchenos recuaram e o tiroteio cessou, mas, quando Poltorátzki chegou com a companhia, deu ordem de atirar, e, mal se transmitiu o comando, ouviu-se por toda a linha o estalido ininterrupto, alegre e estimulante dos fuzis, acompanhado do bonito espetáculo da fumaça que se espalhava. Alegando-se com aquele divertimento, os soldados se apressavam a armar

* Raça de cavalos do Cáucaso.

** Medida russa correspondente a 2,13 metros.

os fuzis e atiravam sem cessar. Os tchetchenos provavelmente se enfureceram e, aparecendo um após outro, mandaram alguns tiros na direção dos soldados. Um deles feriu aquele mesmo Avdiéiev que tomara parte na patrulha. Quando os companheiros se acercaram dele, estava deitado de bruços e, segurando com as mãos a barriga ferida, balançava ritmicamente o corpo.

- Eu só comecei a armar o fuzil, quando ouvi qualquer coisa que fez "tchic" - disse o soldado que estivera ao seu lado na posição. - Olhei e vi que ele largava o fuzil.

Avdiéiev pertencia à companhia de Poltorátzki. Vendo o grupinho de soldados, este aproximou-se deles.

- Então, irmão, apanhaste? - disse ele. - Onde foi?

Avdiéiev não respondeu.

- Eu só comecei a armar o fuzil, Vossa Nobreza* - disse o soldado que estivera ao lado de Avdiéiev -, quando ouvi uma coisa que fez "tchic", olhei e vi que ele largava o fuzil.

- Te, te - Poltorátzki deu um estalo com a língua. - Está doendo, Avdiéiev?

- Não está doendo, mas não me deixa andar. Gostaria de beber um pouco, Vossa Nobreza!

* Tratamento que os soldados tinham de usar, ao falar com oficiais. Os de patente superior recebiam o tratamento de "Vossa Alta Nobreza".

Achou-se um pouco de álcool puro, que os soldados bebiam no Cáucaso em lugar de vodca, e Panóv, franzindo com severidade o sobrolho, encostou à boca de Avdiéiev uma tampa de vasilha. Avdiéiev começou a beber, mas logo afastou a tampa com a mão.

- Não chega à alma - disse ele -, bebe sozinho.

Panóv acabou de beber o álcool. Avdiéiev tentou levantar-se mais uma vez e tornou a descair. Forraram o chão com um capote e deitaram Avdiéiev.

- Vossa Nobreza, o coronel vem aí - disse o sargento a Poltorátzki.

- Está bem, dê você as ordens necessárias - replicou este e, agitando o chicote, foi em trote largo ao encontro de Vorontzóv.

Este vinha em seu alazão, puro-sangue inglês, acompanhado do ajudante de ordens, de um cossaco e de um intérprete tchetcheno.

- O que aconteceu aqui? - perguntou a Poltorátzki.

- Um destacamento atacou as nossas linhas.

- Ora, ora, e foi você quem arranjou tudo isso?

- Não fui eu, príncipe - disse Poltorátzki sorrindo -, fomos atacados.

- Ouvi dizer que feriram um soldado.

- Sim, dá muita pena. Um bom soldado.

- Ferimento grave?

- Parece que sim, na barriga.
- E sabe para onde vou agora? – perguntou Vorontzów.
- Não, não sei.
- Será possível que não adivinha?
- Não.
- Khadji-Murát virá daqui a pouco ao nosso encontro.
- Não pode ser!
- Ontem, veio um emissário dele – disse Vorontzów, contendo a custo um sorriso de satisfação. – Agora, já deve estar me esperando na clareira Chalínskaia; espalhe os seus atiradores até lá, e depois venha ter comigo.

- Pois não – disse Poltorátzki, encostando os dedos na *papakha*, e foi para a sua companhia. Estendeu a linha para a direita e ordenou ao sargento que fizesse o mesmo à esquerda. Nesse ínterim, quatro soldados carregaram Avdiéiev para a fortaleza.

Poltorátzki já estava indo para junto de Vorontzów, quando viu atrás de si uns cavaleiros que vinham ao seu encalço. Fez parar o cavalo e esperou-os.

Na frente, montando um cavalo de crina branca, vinha um homem de *tcherkeska* branca, de turbante sobre a *papakha* e armas gravadas a ouro. Esse homem de aspecto imponente era Khadji-Murát. Acercou-se de Poltorátzki e disse-lhe algo em tártaro. Poltorátzki ergueu as sobancelhas e fez um gesto vago com as mãos, em sinal de que não o compreendia, e sorriu. Khadji-Murát respondeu-lhe com um sorriso, que surpreendeu

Poltorátzki por sua bonacheirice infantil. Poltorátzki não esperava de modo algum que aquele terrível montanhês tivesse tal expressão. Contava encontrar um homem seco, taciturno, distante, e em vez disso via uma criatura simples, com um sorriso tão camarada, como se eles se conhecessem desde muito tempo. Somente uma coisa havia nele de peculiar: eram os seus olhos desmesuradamente arregalados, que se fixavam nos olhos dos demais, com uma expressão atenta, penetrante e serena.

O séquito de Khadji-Murát consistia em quatro homens, entre os quais Cã-Makhoma, que estivera em casa de Vorontzów aquela mesma noite. Era corado, de rosto redondo e olhos de um negro vivo, sem pálpebras, e irradiava uma viva expressão de alegria. Havia ainda um homem atarracado, cabeludo, de sobrancelhas unidas. Era o tauridiano Khanéfi, encarregado de todas as coisas de Khadji-Murát. Estava conduzindo um cavalo de carga, com bolsas de campanha repletas. Destacavam-se principalmente dois componentes do séquito: um jovem bonito, de cintura fina, como que de mulher, e ombros largos, de barbicha loura que mal despontava e olhos de carneiro: Eldar; o outro - zarolho, sem pestanas nem sobrancelhas, com barba ruiva aparada e uma cicatriz através do nariz e de todo o rosto: o tchetcheno Gamzalo.

Poltorátzki indicou a Khadji-Murát o príncipe Vorontzów, que se via já na estrada. Khadji-Murát cavalgou na sua direção. Acercando-se dele, levou a mão direita ao peito, disse algo em tártaro e deteve o cavalo. O intérprete traduziu:

- Eu me entrego - diz ele - à disposição do czar russo e quero ficar a seu serviço. Há muito tempo que pensava fazer isso, mas Chamil me impediu.

Tendo ouvido o intérprete, Vorontzów estendeu para Khadji-Murát a mão com luva de camurça. Khadji-Murát olhou para aquela mão, ficou um instante sem se mover, mas depois a apertou com força e ainda disse qualquer coisa, olhando ora para o intérprete, ora para Vorontzów.

- Ele diz que não queria sair ao encontro de ninguém, com exceção de ti, por seres filho do *sardar*. Ele tem grande consideração por ti.

Vorontzów fez um aceno com a cabeça, em sinal de agradecimento pela amabilidade. Khadji-Murát disse mais algumas palavras, apontando o seu séquito.

- Ele diz que estes homens são seus *miurides* e que vão servir aos russos como ele próprio.

Vorontzów olhou para eles e lhes acenou também com a cabeça.

O alegre Cã-Makhoma, de olhos negros desprovidos de pálpebras, também sacudiu a cabeça, provavelmente dizendo algo engraçado a Vorontzów, pois o cabeludo avariano escancarou num sorriso os seus dentes de um branco vivo. Quanto ao ruivo Gamzalo, apenas f piscou por um instante com o único olho avermelhado na direção de Vorontzów e fixou novamente o olhar nas orelhas do seu próprio cavalo.

Quando Vorontzov e Khadji-Murat, acompanhados do séquito, passavam a caminho da fortaleza, os soldados retirados da linha ficaram reunidos num magote, comentando:

- Quantas almas destruiu o maldito! E agora você vai ver a contemplação com que será tratado - disse um.

- Como não?! Era o primeiro-comandante de Chamil. Agora, certamente...

- É um bichão, um *djiguit* de verdade.

- Olha o ruivo, como espia torto, parece uma fera.

- Deve ser um grande cachorro, não tenho dúvida.

O ruivo despertara particularmente a atenção geral.

No lugar onde se procedia à derrubada, os soldados que estavam mais próximos da estrada corriam para olhar. O oficial gritou com eles, mas Vorontzov o interrompeu.

- Deixa que olhem para o seu velho conhecido. Sabes quem é? - perguntou Vorontzov ao soldado mais próximo, pronunciando as palavras lentamente, com o seu sotaque inglês.

- Não sei, não, Alteza.

- É Khadji-Murat, ouviste falar dele?

- Como não, Alteza! Já o batemos muitas vezes.

- E apanhamos dele também.

- Exatamente, Alteza - respondeu o soldado, satisfeito por haver conseguido falar com o comandante.

Khadji-Murát compreendeu que falavam dele, e um sorriso alegre ficou brilhando em seus olhos. Vorontzów regressou à fortaleza na melhor disposição de ânimo.

VI

Vorontzów estava muito satisfeito por haver conseguido, ele e não outro, atrair e receber o maior e mais poderoso inimigo da Rússia depois de Chamil. Havia, contudo, uma circunstância desagradável: o comandante das tropas de Vozdvijenskaia era o general Meller-Zakoméski e, na realidade, todo o caso devia ser tratado por seu intermédio. Mas Vorontzów agira sozinho, sem relatar coisa alguma, de modo que podia surgir um contratempo. E esse pensamento perturbava um pouco a satisfação de Vorontzów.

Aproximando-se da casa, ele confiou os *miurides* de Khadji-Murát ao ajudante de ordens e conduziu-o para sua residência.

A princesa Mária Vassílievna, elegante, sorridente, recebeu Khadji-Murát na sala de visitas, em companhia de seu filho, um menino de seis anos, bonitão e de cabelos encaracolados, e Khadji-Murát, pondo as mãos sobre o peito, disse com certa solenidade, por intermédio do intérprete, que ele se considerava *kunák* do príncipe, pois este o recebera em sua casa, e que

toda a família era para ele tão sagrada como o próprio *kunák*. Tanto a aparência como as maneiras de Khadji-Murát agradaram a Mária Vassílievna. E o fato de ter ficado confuso e vermelho, quando ela lhe estendera a mão grande e branca, ainda mais a predis pôs em seu favor. Pediu-lhe que se sentasse e, depois de perguntar se tomava café, mandou servi-lo. Mas, quando o trouxeram, Khadji-Murát recusou-o. Ele compreendia um pouco o russo, mas não o falava, e se algo lhe escapava, sorria, e esse sorriso agradou a Mária Vassílievna como agradara a Poltorátzki. Quanto ao filho de Mária Vassílievna, de cabelos encaracolados e olhos muito vivos, que a mãe chamava de Bulka, ficou parado junto dela, sem tirar os *olhos* de Khadji-Murát, de quem ouvira falar como de um guerreiro extraordinário.

Deixando Khadji-Murát em companhia da mulher, Vorontzów foi para o escritório, a fim de informar os seus superiores sobre o passo dado por Khadji-Murát. Tendo escrito uma comunicação ao general Kozlówski, comandante do flanco esquerdo, que se encontrava em Grózni, e uma carta ao pai, Vorontzów apressou-se a voltar para casa, temendo que sua mulher se mostrasse descontente por ter sido obrigada à companhia de um homem estranho e terrível, a quem não se devia ofender, nem afagar em demasia. Mas era vão o seu temor. Khadji-Murát estava numa poltrona, tendo nos joelhos o pequeno Bulka, enteadado de Vorontzów, e ouvia de cabeça pendida o que lhe dizia o intérprete, transmitindo as palavras de Mária Vassílievna, que estava

rindo e lhe dizia que, se ele desse a cada *kunák* o objeto que este elogiasse, em breve teria de andar em trajes de Adão...

Quando o príncipe entrou, Khadji-Murát tirou dos joelhos o pequeno Bulka, que se mostrou surpreso e ofendido, e ergueu-se, substituindo no mesmo instante a expressão travessa do rosto por outra, séria e severa. Sentou-se somente depois que Vorontzów o fez. Prosseguindo a conversa, respondeu a Mária Vassílievna que era a lei entre eles: devia-se dar ao *kunák* tudo aquilo de que ele gostasse.

- Teu filho... *kunák* - disse em russo, afagando os cabelos encaracolados de Bulka, que lhe subira novamente nos joelhos.

- O teu bandoleiro é encantador - disse Mária Vassílievna ao marido, em francês. Bulka ficou admirando o punhal dele e recebeu-o logo de presente.

Bulka mostrou o punhal ao padrasto.

- *C'est un objet de prix* - disse Mária Vassílievna.

- *Il faudra trouver l'occasion de lui faire cadeau** - disse Vorontzów.

Khadji-Murát estava sentado de olhos baixos e, afagando a cabecinha crespa do menino, dizia:

- *Djiguit, djiguit.*

* "É um objeto caro." "Será preciso encontrar oportunidade de lhe fazer um presente."

– É um punhal magnífico – disse Vorontzów, desembainhando até a metade a lâmina de aço, que tinha um entalhe na parte central. – Diga obrigado.

– Pergunte em que lhe posso ser útil – acrescentou ele, dirigindo-se ao intérprete.

Khadji-Murát respondeu que não precisava de coisa alguma, porém pediu que o conduzissem naquele momento a um lugar onde pudesse fazer suas orações. Vorontzów chamou um criado e ordenou-lhe que satisfizesse o desejo de Khadji-Murát.

Apenas este ficou sozinho no quarto que lhe fora reservado, o seu rosto se transformou: desapareceu dele a expressão de alegria, ora carinhosa, ora solene, e em seu lugar surgiu um ar preocupado.

A recepção que Vorontzów lhe fizera fora muito melhor do que ele esperava. Mas, quanto melhor era essa recepção, tanto menor a confiança de Khadji-Murát em Vorontzów e nos seus oficiais. Temia tudo: que o agarrassem, pusessem a ferros e mandassem para a Sibéria, ou simplesmente o matassem, e por isso estava à espreita.

Perguntou a Eldar, que viera ter com ele, onde foram alojados os *miurides*, onde deixaram os cavalos, e se não lhes tiraram as armas.

Eldar disse-lhe que os cavalos estavam na cavalaria do príncipe, que os homens foram alojados num barracão, ficando com todas as armas, e que o intérprete lhes estava servindo comida e chá.

Khadji-Murát meneou a cabeça, perplexo, despiu-se e começou a oração. Depois, mandou que lhe trouxessem um punhal de prata, vestiu-se, colocou o cinto e sentou-se com as pernas no sofá, aguardando os acontecimentos.

Depois das quatro, foi chamado para jantar com o príncipe.

Não comeu nada, com exceção de arroz cozido, do qual ele se serviu tirando a sua porção do mesmo lugar de onde se servira Mária Vassílievna.

- Tem medo de que o envenenemos - disse ela ao marido. - Ele serviu-se do mesmo lugar que eu.

Dirigiu-se a Khadji-Murát e perguntou-lhe, por intermédio do intérprete, quando ia rezar de novo. Ele ergueu os cinco dedos e apontou para o sol.

- Quer dizer que será daqui a pouco.

Vorontzów tirou o relógio Bréguet* e apertou uma mola. O relógio bateu quatro e quinze. Khadji-Murát pareceu surpreender-se, pediu que se repetisse aquilo e quis ver o relógio.

- *Voilà l'occasion! Donnez-lui la montre* -** disse Mária Vassílievna ao marido.

* Relógio de bolso, que indicava também os dias do mês, e que, ao apertar-se determinada mola, batia as horas. Foi chamado assim em homenagem ao seu inventor, o relojoeiro francês Bréguet (1747-1823).

** "Eis a ocasião! Dé-lhe o relógio."

Vorontzov ofereceu o relógio a Khadji-Murat, que levou a mão ao peito e aceitou-o. Apertou diversas vezes a mola, e ficou escutando; ao mesmo tempo, balançava a cabeça, em sinal de aprovação.

Depois do jantar, anunciaram a chegada do ajudante de ordens do general Meller-Zakomelski.

O ajudante comunicou ao príncipe que o general, ao saber da deserção de Khadji-Murat, ficara muito descontente por não ter sido informado, e que ele exigia o envio imediato do caucasiano à sua presença. Vorontzov respondeu que o faria e, transmitindo a Khadji-Murat, por intermédio do intérprete, a ordem do general, pediu-lhe que o acompanhasse à presença de Meller.

Mária Vassílievna, ao saber o motivo da visita do ajudante, compreendeu incontinentemente que poderia haver um contratempo e, apesar de todas as recomendações em contrário que lhe fazia o marido, preparou-se para ir com ele e Khadji-Murat.

– *Vous feriez beaucoup mieux de rester; c'est mon affaire, mais pas la vôtre.*

– *Vous ne pouvez pas m'empêcher d'aller voir madame la générale.**

– Poderia escolher outra ocasião.

– Mas eu quero ir agora.

* "Seria bem melhor você ficar aqui; a questão é comigo, e não com você."
"Não pode impedir-me de ir ver a mulher do general."

Não havia remédio. Vorontzów concordou e eles saíram os três.

Quando entraram em casa do general, Meller acompanhou Mária Vassílievna com uma cortesia taciturna até onde estava sua mulher, e deu ordem ao ajudante para levar Khadji-Murát à sala de recepções e não o deixar sair dali, até segunda ordem.

- Queira entrar - disse a Vorontzów, abrindo a porta do seu gabinete, e deixando o príncipe passar na frente.

Entrando no gabinete, parou diante do príncipe e, sem o convidar a sentar-se, disse:

- Eu sou aqui o chefe militar, e por isso todas as negociações com o inimigo devem efetuar-se por meu intermédio. Por que não me comunicou a rendição de Khadji-Murát?

- Fui procurado por um emissário, que me informou sobre a intenção de Khadji-Murát de se entregar a mim - respondeu Vorontzów, empalidecendo com a perturbação da espera de um ato grosseiro da parte do general enfurecido, e, ao mesmo tempo, contagiando-se com a sua ira.

- Eu lhe pergunto por que não me pôs ao corrente.

- Pretendia fazê-lo, barão, mas...

- Para o senhor, eu não sou barão, mas Vossa Excelência.

Nesse momento explodiu a irritação contida havia muito pelo barão. E ele deixou sair tudo o que lhe fervia desde tanto tempo no íntimo.

- Se eu servi ao czar durante vinte e sete anos, não foi para que pessoas que entraram para o serviço outro dia aproveitem

as suas relações de parentesco e providenciem, diante do meu nariz, sobre aquilo que não lhes compete.

- Excelência, peço-lhe não dizer o que não é justo - interrompeu-o Vorontzów.

- Estou dizendo a verdade e não admito... - disse o general com irritação sempre crescente.

Nesse momento entrou Mária Vassílievna, farfalhando com as saias, seguida de uma senhora modesta, de baixa estatura: a mulher do general Meller-Zakomélski.

- Ora, barão, Simon não quis causar embaraços ao senhor - disse Mária Vassílievna.

- Eu, princesa, não disse isso...

- Sabe, é melhor deixarmos essas coisas de lado. A pior discussão vale mais que a melhor das brigas. O que eu digo... - E ela riu.

O zangado general rendeu-se ao sorriso tentador da linda mulher. E sorriu também sob os bigodes.

- Reconheço que não tive razão - disse Vorontzów -, mas...

- Bem, eu também me precipitei - admitiu Meller e estendeu a mão ao príncipe.

Estabeleceu-se a paz e decidiu-se deixar Khadji-Murát provisoriamente com Meller e, depois, enviá-lo ao comando do flanco esquerdo.

Khadji-Murát estava na sala ao lado e, embora não compreendesse tudo o que diziam, percebeu aquilo de que precisava: que

estavam discutindo a respeito dele, que a sua deserção era um caso de excepcional importância para os russos, e que, por isso, se não fosse exilado ou assassinado, poderia fazer-lhes grandes exigências. Além disso, compreendeu que, embora Meller-Zakomélski fosse o comandante, não tinha a mesma importância de Vorontzów, seu subalterno; e por isso, quando o general chamou Khadji-Murát e pôs-se a interrogá-lo, ele se portou de modo altivo e solene, dizendo que saíra das montanhas para servir ao czar branco e que de tudo faria relatório ao *sardar*, isto é, ao comandante em chefe, príncipe Vorontzów, em Tiflis.

VII

Avdíéiev foi levado para o hospital, que se instalara numa casa pequena, coberta com tábuas, à entrada da fortaleza, e deixado na enfermaria coletiva, num dos leitos vagos. Havia ali quatro internados: um tifoso, que se revolia em febre, um doente de malária, pálido, de olheiras azuladas, que esperava o paroxismo e bocejava sem cessar, e mais dois soldados feridos três semanas antes, numa incursão, um na mão, o outro no ombro; o primeiro estava de pé, o segundo permanecia sentado no leito. Todos, com exceção do tifoso, rodearam o recém-chegado e interrogaram os que o trouxeram.

- Muitas vezes, as balas chovem e não acontece nada, mas agora deram uns cinco tiros quando muito - contou um dos que carregaram o ferido.

- Cada qual com seu destino!

- Oh! - exclamou Avdiéiev muito alto, contendo a dor, quando começaram a transferi-lo para o leito. Depois que o estenderam, franziu o cenho e não gemeu mais; apenas mexia os pés sem cessar. Estava segurando a ferida com as mãos e mantinha o olhar fixo, dirigido para a frente. Chegou o médico e mandou virar o doente, para verificar se a bala não tinha saído do outro lado.

- O que é isto? - perguntou, apontando para umas grandes cicatrizes, que se cruzavam nas costas e no traseiro do ferido.

- Coisas antigas, Vossa Alta Nobreza - disse Avdiéiev gemendo.

Eram vestígios de um castigo por ter gastado em bebida dinheiro alheio.

Avdiéiev se virou mais uma vez, e o doutor passou muito tempo remexendo na sua barriga; finalmente, apalpou a bala, mas não conseguiu retirá-la. Passou sobre a ferida uma atadura, pregou-a com um emplastro pegajoso e saiu. Enquanto o doutor revolia a ferida e pregava a atadura, Avdiéiev permaneceu deitado, os dentes apertados e os olhos fechados. Depois que o médico foi embora, abriu-os e olhou surpreso em torno. Os seus olhos dirigiam-se para os demais internados e para o

enfermeiro, mas parecia não os ver e estar fixando algo diferente, que o espantava.

Chegaram Panóv e Sierióguin, companheiros de Avdiéiev. Este permanecia deitado na mesma atitude, olhando perplexo em frente. Durante muito tempo, não pôde reconhecer os companheiros, embora os seus olhos estivessem dirigidos para eles.

- Não queres mandar um recado para casa? - perguntou Panóv.

Avdiéiev não respondeu, apesar de estar olhando para o rosto de Panóv.

- Pergunto se não queres mandar algum recado para casa! - repetiu Panóv, tocando-lhe a mão fria, de ossos largos.

Avdiéiev pareceu acordar.

- Ah, Antônitch chegou!

- Sim, está aqui. Não queres nada para casa? Sierióguin pode escrever.

- Sierióguin - disse Avdiéiev, dirigindo com dificuldade os olhos na direção de Sierióguin -, vais escrever?... Pois bem, escreve: "O filho de vocês Pietrukha* manda-lhes dizer que vivam muitos anos".** Eu tinha inveja do meu irmão. Ainda hoje, falei disso a você. Mas agora estou satisfeito. Que viva e seja feliz. Escreva assim mesmo.

* Diminutivo de Piotr.

** Forma popular de comunicar a morte de alguém.

Dito isso, ficou muito tempo calado, os olhos fixos em Panóv.

– Bem, encontrou o cachimbo? – perguntou de repente.

Panóv meneou a cabeça e não respondeu.

– O cachimbo, pergunto se encontrou o cachimbo – repetiu Avdiéiev.

– Estava no bernal.

– Muito bem. E agora me deem uma vela, que eu vou morrer.

Nesse momento, chegou Poltorátzki, para visitar o seu soldado.

– Então, irmão, estás mal?

Avdiéiev cerrou os olhos e meneou negativamente a cabeça. O seu rosto de maçãs salientes estava pálido e severo. Não respondeu e disse mais uma vez, dirigindo-se a Panóv:

– Me dá uma vela, que eu vou morrer.

Puseram-lhe nas mãos uma vela, mas os seus dedos não se dobravam; enfiaram-na entre eles e ficaram apoiando-a. Poltorátzki saiu. Cinco minutos depois, o enfermeiro encostou o ouvido ao coração de Avdiéiev e disse que estava morto.

Na comunicação enviada para Tiflis, descreveu-se do seguinte modo a morte de Avdiéiev:

No dia 23 de novembro, duas companhias do regimento Kúrinski saíram da fortaleza, a fim de proceder à derrubada. No meio da tarde, um agrupamento considerável de montanhesees atacou de

súbito a nossa tropa. Os soldados em linha começaram a recuar, mas nesse ínterim a Segunda Companhia lançou-se num ataque a baioneta e destroçou os montanheses. Na ação, tivemos dois soldados levemente feridos e um morto. Os montanheses tiveram perto de cem baixas, entre mortos e feridos.

VIII

No mesmo dia em que Pietrukha Avdiéiev morria no hospital de Vozdvijenskaia, o seu velho pai, a mulher do irmão, em lugar de quem fora para o exército, e a filha do irmão mais velho, moça casadoura, procediam à batadura de inverno da aveia. Na véspera, caíra neve abundante, e o frio se tornara muito forte de manhã. O velho acordara com o canto do terceiro galo e, vendo pela janela congelada o brilho intenso da lua, desceu do fogão onde dormia, calçou-se, vestiu a peliça, pôs o chapéu e foi para a eira. Tendo trabalhado umas duas horas, voltou à isbá e acordou o filho e as mulheres. Quando elas chegaram à eira, encontraram o terreiro limpo, a pá de madeira enterrada na neve muito branca e solta, ao lado uma vassoura virada para cima, e os feixes de aveia arrumados em duas fileiras, haste contra haste, numa longa extensão sobre o terreiro limpo. Apanharam os manguais e foram batendo

os feixes, dando de cada feita três batidas regulares. O velho batia com força o mangual pesado, esmagando a palha, a moça batia de cima com um golpe equilibrado, e a nora virava o feixe de lado.

A lua desaparecera, e começava a amanhecer; a batedura chegava ao fim, quando o filho mais velho, Akim, de peliça e chapéu, foi ter com eles.

– Que preguiça é esta? – gritou-lhe o velho, parando de bater e apoiando-se no mangual.

– É preciso arrumar os cavalos.

– Arrumar os cavalos – repetiu caçoando o pai. – A velha vai fazer isso. Apanha o mangual. Estás muito gordo, beberrão.

– Foste tu que me ofereceste a bebida? – resmungou o filho.

– O quê? – perguntou severo o velho, franzindo o cenho e deixando de dar um golpe.

O filho apanhou em silêncio um mangual, e o trabalho passou a ser executado em quatro batidas: trap, ta-pa-tap, trap, ta-pa-tap... Trap! – batia depois de três golpes o mangual pesado do velho.

– Olha o cachaço dele, parece um patrão de verdade. E eu estou sempre com as calças caindo – disse o pai, perdendo o seu golpe e virando a correia no ar, apenas para não sair do ritmo.

Acabaram de bater os feixes, e as mulheres começaram a separar a palha.

- Pietrukha foi um bobo por ter ido em teu lugar. Se fosses para o exército, perderias a bobeira nem que fosse à força, e ele aqui em casa valia por cinco sujeitos como tu.

- Basta, paizinho - disse a nora, jogando de lado o mango quebrado.

- Sim, é preciso alimentar vocês à farta, mas trabalhar, não trabalham, não. Pietrukha muitas vezes trabalhava sozinho por dois, muito diferente...

A velha veio pelo atalho de neve pisada, que se estendia do pátio, fazendo ranger os *lápti* novos, calçados sobre os *ónutchi* de lã, que lhe apertavam as pernas. Os homens juntavam os grãos num monte, as mulheres varriam o chão.

- O patrão mandou chamar para transportar tijolos - disse a velha. - Eu preparei de-comer para vocês, venham depressa.

- Está bem. Atrela o ruço e vai - disse o velho a Akim. - E cuidado para que não seja preciso responder por ti como da outra vez. Lembra-te de Pietrukha.

- Enquanto ele esteve em casa, gritavam com ele - replicou Akim ao pai -, e agora que não está mais, caem em cima de mim.

- Quer dizer que mereces - disse a mãe, no mesmo tom zangado. - Não se pode comparar-te a Pietrukha.

- Está bem - disse o rapaz.

- Isso, está bem! Ficaste bêbado com o dinheiro da farinha, e agora dizes que está bem.

- Águas passadas não movem moinhos - replicou a nora.
Todos largaram os manguais e foram para casa.

As divergências entre pai e filho começaram havia muito, quase a partir do dia em que Piotr fora recrutado. O velho sentira que tinha trocado um gavião por um cuco. É verdade que, de acordo com a lei, tal como a compreendia o velho, o homem sem filhos devia ir em lugar do chefe de família. Akim tinha quatro filhos e Piotr nenhum, mas o segundo era um trabalhador tão bom como o velho: ágil, esperto, forte, resistente e, sobretudo, operoso. Estava sempre fazendo algo. Se passava perto de gente trabalhando, fazia como o velho: punha-se logo a ajudar; tanto podia ceifar umas duas fileiras, encher uma carroça, derrubar uma árvore ou rachar um pouco de lenha. O velho tinha pena dele, mas não havia remédio. O serviço no exército era como a morte. O soldado era um galho arrancado, e não havia motivo para recordá-lo e estragar o humor. Somente de quando em quando, o velho lembrava-o, para magoar o outro filho. Quanto à mãe, pensava com frequência no caçula e já era o segundo ano que pedia ao velho que mandasse algum dinheiro a Pietrukha. O marido, porém, mantinha-se calado.

Os Avdiéiev eram camponeses abastados, e o velho tinha o seu dinheirinho escondido, mas por nada deste mundo se resolveria a tocá-lo. Agora, quando a velha ouviu que lembrava o filho mais novo, resolveu pedir-lhe mais uma vez que lhe enviasse ao menos um rublo, depois de vender a aveia. Quando

os moços foram trabalhar para o amo, conseguiu convencer o marido a mandar aquele rublo. Por isso, depois que se despejaram doze quartas* de aveia em sacos de aniagem e estes foram cuidadosamente fechados com grampos de pau, ela entregou ao velho uma carta que ditara ao sacristão, e o marido prometeu pôr no envelope um rublo e mandá-lo para Pietrukha.

De peliça nova, cafetã e *ónutchi* brancos de lã, o velho tomou a carta, pôs na bolsa de viagem e, tendo rezado a Deus, sentou-se no trenó e foi para a cidade. Num outro trenó, que vinha logo atrás, estava o seu neto. Na cidade, o velho disse ao zelador de uma casa que lesse para ele a carta, e ouviu-o com atenção e gestos aprovativos.

Na carta, a mãe de Pietrukha lhe mandava, em primeiro lugar, a sua bênção, em segundo, lembranças de todos e a notícia da morte do padrinho, e finalmente lhe comunicava que Aksínia (a mulher de Piotr) não quisera mais viver com eles e que, segundo se dizia, ela vivia bem e honestamente. Na carta, falava-se também do presente, um rublo, e acrescentava-se o que a velha ditara, lágrimas nos olhos, palavra por palavra, ao sacristão:

“E mais ainda, meu querido filhinho, meu bom Pietrúchenka, gastei os meus olhos de tanto chorar por ti. Luz da minha vida,

* A quarta russa corresponde a 209,91 litros.

com quem foste deixar-me...”. Nesse ponto, a velha rompera em soluços, chorara e dissera:

– Que vá assim mesmo.

E assim foi a carta, mas Pietrukha não estava destinado a receber a notícia de que sua mulher deixara a casa, nem aquele rublo, nem as derradeiras palavras de sua mãe. A carta e o dinheiro voltaram, com a notícia de que Pietrukha morrera na guerra, “defendendo o czar, a pátria e a fé ortodoxa”. Fora assim que se expressara o escrivão militar.

Recebida a notícia, a velha chorou enquanto teve tempo, e depois retomou o trabalho. No primeiro domingo, foi à igreja e distribuiu porções de hóstia “à boa gente, para lembrar Piotr, servo de Deus”.

Aksínia também chorou ao saber da morte de seu “amado marido”, com quem vivera apenas um “aninho”. Lamentava o marido e toda a sua vida inutilizada, lembrando entre soluços os cachos louros de Piotr Mikháilovitch, o seu amor, a triste vida que ela levava com o órfão Vanka,* e censurava amargamente Pietrukha, por ter se compadecido do irmão e não ter pena dela, infeliz, que precisava agora andar entre gente estranha.

Mas, no fundo da alma, Aksínia ficou satisfeita com a morte de Piotr. Fora novamente engravidada pelo administrador, em

* Diminutivo de Ivan.

casa de quem vivia, e agora ninguém mais teria motivo para insultá-la, e o administrador poderia casar-se com ela, conforme prometia quando procurava induzi-la ao amor.

IX

Mikhail Siemiônovitch Vorontzov, filho de um embaixador russo, fora criado na Inglaterra e era, entre os altos funcionários russos daquele tempo, um dos poucos que possuíam educação europeia; era ambicioso, delicado, afável no trato com os inferiores e um fino cortesão nas relações com os superiores. Não podia conceber a vida sem o poder e sem a fidelidade a alguém de cima. Possuía todos os títulos e condecorações superiores, e era considerado um hábil guerreiro, que vencera o próprio Napoleão perto de Krásnoie. Em 1851, tinha mais de setenta anos, mas ainda era muito vivo, movia-se com animação e, sobretudo, dispunha de toda a agilidade do seu espírito fino e agradável, orientado para a sustentação do seu domínio, e para a consolidação e ampliação da sua popularidade. Dispunha de grande fortuna, tanto sua como da esposa, condessa Branítzkaia, e de um ordenado enorme na qualidade de governador, e gastava a maior parte dos seus bens na instalação de um palácio com parque, no litoral meridional da Crimeia.

Na noite de 7 de dezembro de 1851, uma troica de mensageiro chegou ao portão do palácio do príncipe em Tiflis. Um oficial cansado e negro de poeira, que trazia da parte do general Kozlówski a notícia de que Khadji-Murát se bandeara para o lado dos russos, passou pelas sentinelas e entrou no palácio do governador. Eram seis da tarde, e Vorontzów ia jantar, quando lhe comunicaram a chegada do mensageiro. O príncipe recebeu-o imediatamente e, por isso, atrasou-se alguns minutos para o jantar. Quando entrou na sala, os convidados, umas trinta pessoas, sentados perto da princesa Ielisavieta Ksaviéievna ou agrupados junto às janelas, ergueram-se e voltaram o rosto na sua direção. Vorontzów estava com a sua habitual casaca militar preta, sem dragonas, com pequenos galões e uma cruz branca ao pescoço. O seu rosto escanhado de raposa sorria agradável, e os olhos se entrecerravam, examinando todos os presentes.

Entrando com passos macios e apressados, ele se desculpou com as senhoras por chegar atrasado, cumprimentou os homens e, aproximando-se da princesa georgiana Manana Orbeliani, uma beldade alta e corpulenta, de quarenta e cinco anos, de tipo oriental, deu-lhe o braço para conduzi-la à mesa. A princesa Ielisavieta Ksaviéievna escolheu como seu par o general ruivo de bigodes crespos que chegara recentemente a Tiflis. O príncipe georgiano deu o braço à condessa de Choiseul, amiga da princesa. O dr. Andriéievski, os ajudantes

de ordens e demais convidados seguiram, uns com damas, outros sozinhos, aqueles primeiros pares. Lacaios de cafetã encostavam e desencostavam cadeiras para os convidados, e o *maitre d'hôtel* servia solene a sopa fumegante, de uma terrina de prata.

Vorontzów sentou-se no centro da mesa comprida. Na sua frente, ficou a princesa, sua mulher, ao lado do general. À direita, estava a sua dama, a linda Orbeliani, e à esquerda outra princesa georgiana, esbelta, morena, corada, coberta de enfeites coruscantes, e que não cessava de sorrir.

– *Excellentes, chère amie* – respondeu ele à pergunta de sua mulher, sobre as notícias que recebera do mensageiro.

– *Simon a eu de la chance.**

E ele se pôs a contar, em voz bastante alta para ser ouvido por todos os convivas, a notícia surpreendente (somente para ele não se tratava propriamente de novidade, pois as conversações se processavam havia muito tempo) de que o famoso Khadji-Murât, o mais valente dos auxiliares de Chamil, se passara para os russos e seria trazido a Tiflis por aqueles dias.

Todos os convivas, inclusive os mais moços, os ajudantes de ordens e os funcionários, sentados na extremidade mais afastada da mesa, e que antes disso riam baixinho, calaram-se e prestaram atenção.

* “Excelentes, cara amiga” [...] “Simon teve sorte.”

- General, o senhor alguma vez se defrontou com esse Khadji-Murát? - perguntou a princesa ao seu vizinho, o general ruivo de bigodes crespos, depois que o príncipe acabou de falar.

- Mais de uma vez, princesa.

E o general contou como Khadji-Murát, em 1843, depois da tomada de Guerguebil pelos montanhesees, chocara-se com o destacamento do general Passek e quase matara, diante deles, o coronel Zolotúkhin.

Vorontzów ouvia o general com um sorriso de agrado, provavelmente satisfeito porque o general começara a falar. Mas de repente o rosto do príncipe adquiriu uma expressão distraída e melancólica.

O general começou a contar como, pela segunda vez, se chocara com Khadji-Murát.

- Na verdade foi ele - disse o general -, como Vossa Alteza provavelmente está lembrado, quem organizou, por ocasião da expedição de Sukhárin, uma emboscada às forças de salvamento.

- A quem? - perguntou Vorontzów, entrecerrando os olhos.

O valente general chamava de "salvamento" a operação da infeliz campanha de Darguin, em que teria perecido realmente todo o destacamento do príncipe Vorontzów, com seu comandante à testa, se não fosse salvo por novas tropas. Todos sabiam que a campanha de Darguin, em que Vorontzów tinha o comando supremo, e na qual os russos perderam muitos homens, entre mortos e feridos, e alguns canhões, fora um

acontecimento vergonhoso, e por isso, se alguém se referia àquela campanha em presença de Vorontzov, fazia-o no mesmo sentido da comunicação escrita ao czar pelo príncipe, isto é, de que a campanha resultara numa vitória brilhante das tropas russas. Mas a palavra “salvamento” indicava claramente que não se tratava de uma operação brilhante, mas sim de um erro que custara a vida de muitos homens. Todos compreenderam isso, e, enquanto uns fingiam não ter percebido o sentido das palavras do general, outros esperavam sobressaltados o que se seguiria; havia mesmo quem trocasse olhares e sorrisse.

Somente o general ruivo de bigodes crespos não notava coisa alguma e, entusiasmado com o seu relato, respondeu tranquilo:

– Às forças de salvamento.

E, impelido para o seu tema predileto, contou como “esse Khadji-Murát cortou o destacamento em dois e tão habilmente que, se não acudissem em nosso salvamento (parecia repetir com especial predileção a palavra “salvamento”), teríamos ficado todos por lá, pois...”.

Não teve tempo de dizer tudo, porque Manana Orbeliani, compreendendo do que se tratava, interrompeu o relato, interrogando o general sobre a sua residência em Tiflis. Ele ficou surpreendido, olhou para todos e para o seu ajudante de ordens, que o encarava de modo insistente e significativo da extremidade da mesa, e, de repente, compreendeu tudo. Sem responder à

princesa, franziu o cenho, calou-se e pôs-se a devorar apressado, sem mastigar, os finos quitutes que tinha no prato, incompreensíveis para ele, quer pelo aspecto, quer mesmo pelo gosto.

Todos ficaram vexados, mas a situação foi resolvida pelo príncipe georgiano, um homem muito estúpido, mas extraordinariamente hábil e refinado como áulico e adulator, que estava sentado adiante da princesa Vorontzova. Começou a contar alto, como se não tivesse percebido coisa alguma, o rapto da viúva de Akhmet-cã, de Mekhtul, por Khadji-Murát.

- Entrou de noite no povoado, levou tudo o que queria e partiu a galope, acompanhado dos seus homens.

- Mas por que precisava exatamente dessa mulher? - perguntou a princesa.

- Khadji-Murát era inimigo do marido, perseguia-o por toda parte, mas não o encontrou até a própria morte dele e, por isso, vingou-se na viúva.

A princesa traduziu-o para a sua velha amiga, condessa de Choiseul, que estava ao lado do príncipe georgiano.

- *Quelle horreur!* - disse a condessa, cerrando os olhos e balançando a cabeça.

- Oh, não! - replicou Vorontzov, sorrindo. - Disseram-me que ele tratou a prisioneira com um respeito cavalheiresco e depois a deixou partir.

- Sim, mediante resgate.

- Bem, naturalmente. Mas, assim mesmo, agiu com nobreza.

Essas palavras do príncipe deram o tom aos comentários ulteriores sobre Khadji-Murát. Os cortesãos compreenderam que seria agradável ao príncipe se todos dessem grande importância a Khadji-Murát.

– Ele tem uma coragem espantosa! Um homem extraordinário!

– Como não! Em 1849, entrou em pleno dia em Temir-cã-Chur e saqueou todas as lojas.

O armênio sentado na ponta da mesa, que estivera então em Temir-cã-Chur, contou com todos os pormenores aquela façanha.

De modo geral, o jantar decorreu todo entre conversas sobre Khadji-Murát. Todos lhe louvaram, à porfia, a coragem, a inteligência, a generosidade. Alguém contou que, de uma feita, ele mandara matar vinte e seis prisioneiros; mesmo para isso, porém, havia a réplica habitual:

– O que fazer? *À la guerre comme à la guerre.**

– É um grande homem.

– Se tivesse nascido na Europa, talvez se tornasse um novo Napoleão – disse o estúpido príncipe georgiano, que tinha o dom da lisonja.

Ele sabia que qualquer referência a Napoleão, pela vitória sobre quem Vorontzów tinha aquela cruz branca no pescoço, era agradável ao príncipe.

* "Guerra é guerra."

- Bem, não digo tanto, mas que seria um valente general de cavalaria, não resta dúvida - disse Vorontzów.

- Se não Napoleão, pelo menos Murát.

- E é por isso que ele se chama Khadji-Murát.

- Khadji-Murát se entregou, agora será o fim de Chamil - disse alguém.

- Eles sentem que, agora (esse "agora" queria dizer: quando Vorontzów está aqui), não poderão mais resistir - disse outro.

- *Tout cela est grâce à vous** - observou Manana Orbeliani.

O príncipe Vorontzów procurou conter as ondas de lisonja, que já começavam a cobri-lo. Mas isso lhe fazia bem, e ele conduziu a sua dama da mesa para o salão de visitas, na melhor disposição de ânimo.

Depois do jantar, quando o café foi servido no salão, o príncipe se mostrou particularmente afável com todos e, ficando perto do general de bigodes ruivos e crespos, procurou fingir que não percebera a sua falta de habilidade.

Depois de passar por todos os convidados, o príncipe sentou-se à mesa de jogo. Ele só participava de um jogo antigo: o voltarete. Os parceiros de Vorontzów eram o príncipe georgiano, o general armênio, que aprendera o voltarete com o camareiro do príncipe, e finalmente o dr. Andréievski, famoso pela influência que exercia.

* "Tudo é graças ao senhor."

Pondo diante de si uma tabaqueira de ouro com o retrato de Alexandre I, Vorontzów baralhou as cartas acetinadas e já se preparava para espalhá-las sobre a mesa, quando entrou o camareiro, o italiano Giovanni, com uma carta sobre uma bandeja de prata.

– Mais um mensageiro, Alteza.

Vorontzów deixou o jogo; pedindo licença, rompeu o sobrescrito e começou a ler a mensagem.

A carta era do filho, que descrevia a rendição de Khadji-Murát e a briga ocorrida com Meller-Zakomélski.

A princesa aproximou-se e perguntou o que escrevia o filho.

– Sempre sobre o mesmo. *Il a eu quelques désagrémements avec le commandant de la place. Simon a eu tort. But all is well what ends well* – disse ele, passando a carta à mulher, e, dirigindo-se aos parceiros, que estavam em atitude respeitosa de espera, pediu-lhes que tomassem as cartas.

Depois que elas foram distribuídas, Vorontzów abriu a tabaqueira e fez aquilo que indicava nele uma disposição de ânimo particularmente feliz: tirou com as mãos alvas, senilmente engelhadas, uma pitada de rapé francês, encostou-a ao nariz e jogou-a fora.

* “Ele teve alguns contratemplos com o comandante da praça. Simon não teve razão. Mas está bem tudo o que termina bem.”

X

Quando, no dia seguinte, Khadji-Murát foi à presença de Vorontzów, a sala de espera estava cheia de gente. Encontravam-se ali: o general da véspera, de bigodes crespos, com uniforme de gala e todas as condecorações, que viera despedir-se; um comandante de regimento, ameaçado de processo por malversação de fundos destinados ao abastecimento da unidade; um ricaço armênio, protegido do dr. Andréievski, negociante de vodca, e que estava procurando obter renovação do contrato de distribuição;* a viúva de um oficial, toda de negro, que viera pedir uma pensão ou que os filhos fossem educados por conta do Estado; um príncipe georgiano arruinado, em magnífico traje nacional, que havia conseguido para si um domínio cuja posse pela Igreja fora anulada; um delegado de polícia, com um grande rolo, que continha o projeto de um novo método para subjugar o Cáucaso; e um cã, que viera apenas para dizer depois em casa que estivera com o príncipe.

Todos esperavam a vez e eram introduzidos sucessivamente no gabinete do príncipe, pelo ajudante de ordens, um bonito jovem muito louro.

* O governo tinha o monopólio da fabricação dessa bebida.

Quando Khadji-Murát entrou na sala de espera, com passo decidido, mancando ligeiramente, todos os olhares se dirigiram para ele, que pôde ouvir o seu nome murmurado em diferentes cantos da sala.

Trajava uma comprida *tcherkeska* branca, sobre *biechmiét* castanho, com passamanes prateados na gola, e estava calçado com perneiras pretas e sapatos de pano da mesma cor, que lhe revestiam os pés como luvas. Estava de *papakha* com turbante, a mesma por causa da qual, por denúncia de Akhmet-cã, ele fora preso pelo general Klügenau, o que provocara a sua adesão a Chamil. Khadji-Murát caminhou com passo apressado pelo parquet da sala de espera, balançando todo o seu corpo esguio, por causa daquele seu manquejar ligeiro sobre uma perna mais curta que a outra. Os olhos, desmesuradamente arregalados, dirigiam-se tranquilos para a frente e pareciam não ver ninguém.

O bonito ajudante de ordens cumprimentou-o e pediu-lhe que se sentasse, enquanto ia comunicar a sua chegada ao príncipe. Mas Khadji-Murát se recusou a sentar-se e permaneceu de pé, a mão metida atrás do punhal e um pé recuado, examinando com desdém todos os presentes.

O intérprete, príncipe Tarkhanov, aproximou-se de Khadji-Murát e começou a conversar com ele, que respondia contrariado e com frases curtas. Do gabinete saiu um príncipe

kumiko,* que viera queixar-se do delegado de polícia, e, em seguida, o ajudante de ordens chamou Khadji-Murát, levou-o até a porta do gabinete e indicou-lhe que passasse.

Vorontzów recebeu Khadji-Murát, parado na extremidade da mesa. O velho rosto alvo do comandante em chefe não estava sorridente como na véspera, parecia antes severo e solene.

Entrando na grande sala, com a mesa enorme e as janelas amplas, de rótulas verdes, Khadji-Murát encostou as mãos pequenas e queimadas de sol àquela parte do peito em que se cruzava a *tcherkeska* branca e disse clara e respeitosamente, em dialeto kumiko, que ele conhecia bem, sem se apressar e de olhos baixos:

- Entrego-me à alta proteção do grande czar e ã vossa. Prometo servir ao czar branco fielmente, até a última gota de sangue, e espero ser útil na guerra contra Chamil, inimigo meu e vosso.

Depois de ouvir o intérprete, Vorontzów olhou para Khadji-Murát, que também lançou um olhar ao rosto do príncipe.

Os olhos daqueles dois homens se encontraram e disseram um ao outro muita coisa inexprimível por palavras e algo bem diferente daquilo que dizia o intérprete. Diretamente, sem palavras, exprimiam mutuamente toda a verdade:

* *Kumikos* - povo que habita o Daguestão.

os olhos de Vorontzów diziam que ele não acreditava em uma palavra sequer do que lhe dizia Khadji-Murát e que sabia ser esse homem um inimigo de tudo o que era russo, que assim permaneceria, e que se submetia agora unicamente por ter sido obrigado a tal passo. Khadji-Murát compreendia isso e, apesar de tudo, afirmava a sua fidelidade. Os seus olhos, porém, diziam que aquele velho devia pensar na morte e não em guerras, mas que, apesar da idade, era muito esperto e, por conseguinte, devia-se tomar cuidado. Vorontzów compreendia isso muito bem, mas, assim mesmo, prosseguiu dizendo a Khadji-Murát aquilo que considerava necessário para o êxito da guerra.

– Diga-lhe – dirigiu-se Vorontzów ao intérprete (ele tratava por você os oficiais jovens) – que o nosso soberano é tão misericordioso quanto poderoso, e que, depois do meu pedido, provavelmente há de perdô-lo e aceitar os seus préstimos. Disse isso? – perguntou, olhando para Khadji-Murát. – Diga-lhe agora que, enquanto espero a decisão misericordiosa do meu soberano, encarrego-me de recebê-lo e tornar agradável a sua permanência entre nós.

Khadji-Murát apertou mais uma vez a mão contra o centro do peito e pôs-se a dizer algo com animação.

Conforme transmitiu o intérprete, ele afirmava que, mesmo antes, quando governava a Avaria, em 1839, servira fielmente aos russos e que nunca os trairia, se não fosse o seu inimigo

Akhmet-cã, que desejava a sua perdição e o caluniara perante o general Klügenau.

– Eu sei, eu sei – disse Vorontzów (na realidade, mesmo se sabia isso, já o esquecera havia muito). – Eu sei – repetiu mais uma vez, sentando-se e indicando para Khadji-Murát o sofá junto à parede. Mas Khadji-Murát não se sentou e apenas encolheu os ombros vigorosos, em sinal de que não se atrevia a sentar-se na presença de um homem tão importante.

– Akhmet-cã e Chamil são meus inimigos – prosseguiu, dirigindo-se ao intérprete. – Diga ao príncipe que Akhmet-cã morreu sem que eu pudesse vingar-me. Mas Chamil ainda vive e eu não morrerei sem ter tirado vingança dele – disse, franzindo o sobrolho e apertando com força os maxilares.

– Sim, sim – respondeu calmamente Vorontzów. – Mas como é que ele pretende vingar-se de Chamil? – acrescentou, dirigindo-se ao intérprete. – E diga-lhe que pode sentar-se.

Khadji-Murát recusou-se mais uma vez a fazê-lo e respondeu à pergunta, dizendo que por isso mesmo se passara para os russos, para ajudá-los a aniquilar Chamil.

– Está bem, está bem – disse Vorontzów. – Mas o que é que ele pretende exatamente fazer? Sente-se, sente-se.

Khadji-Murát sentou-se e disse que, se lhe entregassem um exército e o mandassem para a frente do Lesguin, ele garantiria o levante de todo o Daguestão contra Chamil, que não se sustentaria mais.

- Está bem, pode-se fazer isso - disse Vorontzów. - Vou pensar.

O intérprete transmitiu essas palavras a Khadji-Murát, que ficou pensativo.

- Diga ao *sardar* - acrescentou ele - que a minha família encontra-se nas mãos do meu inimigo; e que, enquanto eles permanecerem nas montanhas, estarei amarrado e não poderei prestar serviços. Chamil vai matar minha mulher, minha mãe e meus filhos, se eu lutar abertamente contra ele. Que o príncipe liberte minha família, trocando-a por prisioneiros de guerra, e eu me comprometo a aniquilar Chamil ou morrer.

- Está bem, está bem - disse Vorontzów. - Vamos pensar nisso. Agora, que vá expor minuciosamente ao chefe do Estado-Maior a sua situação, suas intenções e desejos.

Assim terminou a primeira entrevista de Khadji-Murát com Vorontzów.

Naquela mesma noite, representava-se uma ópera italiana, no teatro recém-construído, decorado ao gosto oriental. Vorontzów estava no seu camarote, e, na plateia, aparecia o vulto facilmente reconhecível de Khadji-Murát, com a sua perna curta e o seu turbante. Entrou acompanhado do ajudante de ordens de Vorontzów, Loris-Miélikov, que fora destacado para lhe fazer companhia, e sentou-se na primeira fila. Depois de assistir ao primeiro ato, com uma dignidade oriental e muçulmana, sem mostrar surpresa e até com uma expressão de

indiferença, Khadji-Murát se levantou e, olhando calmamente para o público, saiu, concentrando sobre si a atenção de todos os espectadores.

O dia seguinte era uma segunda-feira, isto é, dia de recepção em casa dos Vorontzów. Na grande sala profusamente iluminada, tocava uma orquestra oculta no jardim de inverno. Mulheres jovens e outras já maduras, com vestidos que lhes desnudavam o pescoço, os braços e quase o peito, rodopiavam abraçadas a homens de uniforme vistoso. Junto à montanha de guloseimas, lacaios de fraque vermelho enchiam copos de champanhe e serviam bombons às senhoras. A mulher do *sardar*, apesar da idade avançada, estava igualmente meio despida e passava entre os convidados sorrindo afavelmente, e disse, por intermédio do intérprete, algumas palavras amáveis a Khadji-Murát, que examinava os convivas com a mesma indiferença com que, na véspera, olhara para o público no teatro. Depois da dona da casa, outras mulheres meio despidas também se acercaram de Khadji-Murát e permaneciam diante dele, sem se envergonharem, sorrindo sempre e fazendo-lhe a mesma pergunta: se estava gostando de tudo o que via. O próprio Vorontzów, de dragonas douradas e passamanes, a cruz branca pendendo de uma fita no pescoço, aproximou-se dele e perguntou o mesmo, provavelmente convencido, como os demais, de que não podia desagradar a Khadji-Murát tudo o que estava vendo. E Khadji-Murát respondeu a Vorontzów o mesmo que a todos os outros: que,

entre os montanheses, aquilo não existia, sem dizer se considerava um bem ou um mal a falta de tais costumes.

Khadji-Murát tentou falar com Vorontzów ali mesmo, no baile, sobre o seu assunto do resgate da família, mas o príncipe se afastou, fingindo não ter ouvido a pergunta. Loris-Miélíkov disse depois a Khadji-Murát que o lugar não era apropriado para falar de negócios.

Quando bateram as onze, Khadji-Murát conferiu as horas no relógio com que fora presenteado por Mária Vassílievna e perguntou a Loris-Miélíkov se já podia retirar-se. O ajudante respondeu que sim, mas que era melhor ficar. Mesmo assim, Khadji-Murát partiu, no coche posto à sua disposição, para a casa que lhe fora designada.

XI

No quinto dia da permanência de Khadji-Murát em Tiflis, Loris-Miélíkov foi a sua casa, com um recado do comandante em chefe.

- Minha cabeça e minhas mãos alegram-se em servir ao *sardar* - disse Khadji-Murát com a sua habitual expressão diplomática, inclinando a cabeça e levando a mão ao peito. - Dê as suas ordens - disse, fitando carinhoso os olhos de Loris-Miélíkov.

O ajudante sentou-se na poltrona, junto à mesa. Khadji-Murát se acomodou diante dele, sobre um sofá baixo; apoiando as mãos nos joelhos e inclinando a cabeça, ficou ouvindo atento o que Loris-Miélikov lhe dizia. O ajudante, que se expressava livremente em tártaro, disse que o príncipe, apesar de conhecer todo o passado de Khadji-Murát, desejava que ele contasse pessoalmente a sua vida.

- Conte-me tudo - disse Loris-Miélikov -, eu vou anotar, depois traduzirei para o russo, e o príncipe vai mandar tudo ao czar.

Khadji-Murát permaneceu calado (ele não só nunca interrompia o interlocutor como sempre aguardava que este dissesse mais alguma coisa), depois ergueu a cabeça, empurrou o chapéu para trás, com um movimento da cabeça, e sorriu com aquele sorriso infantil que enfeitiçara Mária Vassílievna.

- Posso fazer isso - disse, provavelmente lisonjeado com a ideia de que a história da sua vida seria lida pelo czar.

- Conte-me (em tártaro não existe o tratamento de "senhor") tudo desde o começo e não te apresses - disse Loris-Miélikov, tirando do bolso o seu caderninho de anotações.

- Posso fazer isso, mas há muito, muito para contar. Aconteceram muitas coisas - disse Khadji-Murát.

- Se não puder contar tudo hoje, vais acabar amanhã - disse Loris-Miélikov.

- Começar desde o início?

- Sim, diga-me onde nasceu e passou os primeiros anos.

Khadji-Murát deixou pender a cabeça e ficou muito tempo sentado naquela posição; depois apanhou uma vareta junto ao sofá, retirou de sob o punhal, de cabo de marfim com arabescos dourados, uma faquinha de aço, afiada como navalha, e pôs-se a cortar a vareta enquanto falava.

- Escreva: nasci em Tzelmes, um pequeno *aul*, do tamanho de uma cabeça de burro, como se diz nas montanhas - começou ele. - Perto de lá, a uns dois tiros de distância, ficava Khunzakh, residência dos cãs. As nossas famílias eram relacionadas. Minha mãe amamentava o cã mais velho, Abununtzal-cã, e foi assim que eu me tornei íntimo dos cãs. Eles eram três: Abununtzal-cã, irmão de leite de meu irmão Osmã, Uma-cã, meu irmão de leite, e Bulatch-cã, o menor de todos, que Chamil jogou do alto de uma escarpa. Mas sobre isso vou falar mais tarde. Eu tinha uns quinze anos quando os *miurides* começaram a andar pelos *auis*. Batiam nas pedras com sabres de madeira, gritando: "Muçulmanos, *khazavát!*" Os tchetchenos passaram-se todos para o lado dos *miurides*, e os avarianos começaram a aderir também. Naquele tempo, eu vivia no palácio e era como que um irmão dos cãs: fazia o que bem entendia e estava rico. Tinha cavalos, armas, dinheiro. Vivia ao meu bel-prazer e não pensava em nada. E assim vivi até que Kazi-mulá foi morto e Gamzat se colocou em seu lugar. Gamzat mandou emissários aos cãs, anunciando-lhes que, se não aceitassem o *khazavát*,

ele destruiria Khunzakh. Era preciso pensar. Os cães temiam os russos e por isso não pretendiam reconhecer o *khazavát*, e a mãe dos cães mandou-me em companhia do segundo filho, Uma-cã, a Tiflis, a fim de pedir ao comandante em chefe russo ajuda contra Gamzat. O comandante em chefe era o barão Rosen. Não nos recebeu, mandou dizer que daria seu auxílio e nada fez. Somente, os seus oficiais começaram a visitar-nos e a jogar cartas com Uma-cã. Embebedavam-no com vinho e levavam-no a lugares indecentes, e Uma-cã perdeu para eles no jogo tudo o que trazia. De corpo, era forte como um touro e valente como um leão, mas, de alma, fraco que nem água. Teria perdido os últimos cavalos e as armas, se eu não o levasse embora. Depois de ter estado em Tiflis, mudei de ideia, e passei a convencer os jovens cães e a mãe deles a aceitar o *khazavát*.

- E por que mudou de ideia? - perguntou Loris-Miélikov. - Não gostou dos russos?

Khadji-Murát calou-se algum tempo.

- Não, não gostei - disse com firmeza e fechou os olhos. - E ainda houve um caso devido ao qual eu quis aceitar o *khazavát*.

- Que caso foi esse?

- Perto de Tzelmes, o cão e eu chocamo-nos com três *miurides*: dois foram embora e eu matei o terceiro a tiros de pistola. Quando me acerquei dele para tirar-lhe as armas, ainda estava vivo. Olhou para mim. "Você me matou", disse ele. "Estou bem. Mas você, que é muçulmano, jovem e forte, aceite o *khazavát*. Deus o ordena."

- E então você o aceitou?

- Não o aceitei, mas comecei a pensar - disse Khadji-Murát, e continuou o relato. - Quando Gamzat se aproximou de Khunzakh, enviamos os anciães ao seu encontro, para lhe dizer que estávamos prontos a aceitar o *khazavát*, mas pedíamos que nos mandasse um homem sábio para nos explicar como fazê-lo. Gamzat mandou raspar os bigodes dos anciães e furar-lhes as narinas, para pendurar nelas umas bolachas, e mandou-os de volta. Os anciães disseram que Gamzat estava disposto a mandar-nos um xeique, que nos ensinaria o *khazavát*, mas com a condição de que a mulher do câ lhe mandasse como *amanat* o filho mais moço. Ela confiou em Gamzat e mandou-lhe Bulatch-cã. Gamzat recebeu-o bem e enviou emissários, pedindo que lhe fossem encaminhados os outros filhos. Mandou dizer que desejava servir aos câs, tal como seu pai tinha servido ao deles. A mãe dos câs era mulher fraca, estúpida e insolente, como são todas as mulheres que vivem ao seu bel-prazer. Teve medo de mandar os dois filhos, e enviou apenas Uma-cã. Eu fui com ele. Os *miurides* nos encontraram a uma versta e ficaram cantando, dando tiros e fazendo piruetas a cavalo em torno de nós. E quando chegamos, Gamzat saiu da barraca, aproximou-se do estribo de Uma-cã e recebeu-o como câ. E então ele disse: "Eu não fiz nenhum mal à sua família e não pretendo fazer. Apenas, não me matem e não me impeçam de levar os homens para o *khazavát*. E eu vou servir-lhes com todo o meu exército, tal como o meu pai servia

ao seu. Deixem-me viver na sua casa. Vou auxiliá-los com os meus conselhos, mas não os impedirei de fazer o que bem entenderam”. Uma-cã expressava-se com dificuldade. Não soube o que dizer e manteve-se calado. Respondi em seu lugar que, se era assim, que ele, Gamzat, fosse para Khunzakh, onde o receberiam com todas as honras. Mas não me deixaram falar até o fim e, nessa ocasião, choquei-me pela primeira vez com Chamil. Estava também ali, perto do imame. “Não é a você que estão fazendo a pergunta, mas ao cã”, disse-me ele. Calei-me, e Gamzat acompanhou Uma-cã à barraca. Depois, Gamzat me chamou e me ordenou que fosse com os seus emissários para Khunzakh. Fui. Os emissários ficaram convencendo a mãe dos cãs a mandar a Gamzat também o filho mais velho. Eu estava percebendo a traição e disse-lhe que não mandasse o filho. Mas a mulher tem tanto miolo quanto pelos tem um ovo. Ela acreditou nos emissários e ordenou ao filho que seguisse para o acampamento de Gamzat. Abununtzal-cã se opôs. Então ela disse: “Parece que você está com medo”. Como uma abelha, ela sabia o lugar onde picá-lo mais dolorosamente. Abununtzal-cã zangou-se, não quis mais falar com ela e mandou preparar os cavalos. Fui com ele. Gamzat nos fez recepção ainda melhor que a Uma-cã. Foi em pessoa ao nosso encontro, até o sopé da montanha, a uma distância de dois tiros. Atrás dele, vinham homens a cavalo, trazendo estandartes, cantando “*Lá ilá il Alá*”, dando tiros e fazendo piruetas a cavalo. Quando chegamos ao acampamento,

Gamzat introduziu o cã na sua barraca. E eu fiquei com os cavalos. Estava no sopé da montanha, quando ouvi tiros na barraca de Gamzat. Corri para lá. Uma-cã jazia de bruços, numa poça de sangue, e Abununtzal-cã lutava com os *miurides*. Metade do seu rosto fora cortada a sabre, e estava pendente. Segurou-a com uma das mãos, e com a outra dava golpes de punhal em todos os que dele se acercavam. Na minha frente, abateu o irmão de Gamzat e preparava-se para atacar o segundo irmão, quando os *miurides* começaram a atirar e ele caiu.

Khadji-Murát parou de falar, o seu rosto queimado adquiriu tons vermelhos e marrons, e os seus olhos injetaram-se de sangue.

– Tive medo e fugi.

– O quê! – disse Loris-Miélikov. – Pensei que nunca tivesses temido nada.

– Depois, nunca mais tive medo. Desde então, sempre lembrei aquela vergonha e, lembrando-a, não temia nada mais.

XII

– E agora basta. É preciso rezar – disse Khadji-Murát. Tirou do bolso interior da *tcherkeska* o relógio Bréguet de Vorontzów, apertou cauteloso a mola e, deixando pender de lado a cabeça,

conteve um sorriso infantil e ficou à escuta. O relógio bateu doze e quinze.

- *Kunák Vorontzów pechkech* - disse, continuando a sorrir. - Uma boa pessoa.

- Sim, sem dúvida - disse Loris-Miélikov. - E o relógio também é bom. Agora reza, que eu espero.

- *Iakchi* - disse Khadji-Murát e se retirou para o quarto de dormir.

Ficando só, Loris-Miélikov anotou em seu livrinho o essencial de tudo o que lhe contara Khadji-Murát, acendeu um cigarro e pôs-se a caminhar de um canto a outro da sala. Chegando à porta, em frente do quarto de dormir, ouviu vozes animadas de gente que falava depressa em tártaro. Adivinhou que eram os *miurides* de Khadji-Murát e, abrindo a porta, entrou no quarto deles.

Pairava no compartimento aquele particular cheiro azedo a couro, típico dos lugares em que há montanheses. No chão, junto à janela, estava sentado sobre uma japonsa o ruivo zarolho Gamzalo, que vestia um *biechmiét* sujo e rasgado, e estava tecendo um bridão. Falava animadamente com a sua voz rouquenha, mas apenas Loris-Miélikov entrou, ele calou-se e, sem lhe prestar atenção, prosseguiu na sua tarefa. Diante dele, estava o alegre Cã-Makhoma, que arreganhava os dentes brancos e fazia luzir os olhos negros, sem pestanas, enquanto repetia sempre o mesmo. O bonito Eldar, de mangas arregaçadas

sobre os fortes braços, enxugava a cilha da sela pendurada num prego. Khanéfi, auxiliar número um e responsável pelas coisas domésticas, não se achava no quarto. Estava na cozinha, preparando o jantar.

- Qual era o tema da discussão? - perguntou Loris-Miélikov a Cã-Makhoma, que o cumprimentara.

- Ele não para de elogiar Chamil - disse Cã-Makhoma, dando a mão a Loris. - Diz ele que Chamil é um grande homem: sábio, santo e *djiguit*.

- Como? Bandeou-se para o outro lado e ainda o elogia?

- Bandeou-se, mas elogia - disse Cã-Makhoma, arreganhando os dentes e fazendo cintilar os olhos.

- Então, tu o consideras santo? - perguntou Loris-Miélikov.

- Se não fosse santo, o povo não o escutaria - disse depressa Gamzalo.

- Chamil não é santo, Mansur é que foi - disse Cã-Makhoma. - Era um santo de verdade. Em seu tempo de imame, todo o povo era diferente. Percorria os *auis*, o povo lhe vinha ao encontro, beijava a aba da sua *tcherkeska*, arrependia-se dos pecados e jurava não praticar o mal. Os velhos dizem: naquele tempo, todos viviam como santos - não fumavam, não bebiam, não perdiam as orações, perdoavam-se mutuamente as ofensas e até se deixava de vingar sangue derramado. Quando se encontravam objetos perdidos ou dinheiro, amarrava-se tudo sobre varas e deixava-se à beira da estrada. Naquele tempo, Deus

dava em tudo êxito ao povo, e não como em nossos dias – disse Cã-Makhoma.

– Hoje em dia, nas montanhas, também não se bebe nem se fuma – disse Gamzalo.

– O teu Chamil é *lamorói* – disse Cã-Makhoma, piscando o olho para Loris-Miélikov. (*Lamorói* era um apelido depreciativo que se dava aos nativos.)

– *Lamorói* quer dizer montanhês, e nas montanhas vivem as águias – respondeu Gamzalo.

– Eh, bichão, rebatestes bem – disse Cã-Makhoma, arreganhando os dentes e alegrando-se com a resposta hábil do seu opositor.

Vendo a cigareira de prata na mão de Loris-Miélikov, pediu um cigarro. E quando Loris-Miélikov lhe observou que eles estavam proibidos de fumar, piscou um olho, inclinou a cabeça na direção do quarto de Khadji-Murát e disse que se podia fazê-lo enquanto não estavam vendo. E logo se pôs a fumar, sem tragar e dobrando desajeitadamente os lábios vermelhos, quando expelia a fumaça.

– Isso não está bem – disse Gamzalo, severo, e saiu do quarto. Cã-Makhoma piscou o olho na sua direção e, fumando, começou a interrogar Loris-Miélikov sobre o lugar em que seria melhor comprar um *biechmiét* de seda e uma *papakha* branca.

– Será que tens tanto dinheiro?

- Sim, o suficiente - respondeu Cã-Makhoma, piscando sempre.

- Pergunta de onde lhe veio esse dinheiro - disse Eldar, virando o seu bonito rosto sorridente na direção de Loris-Miélikov.

- Ganhei no jogo - disse depressa Cã-Makhoma. E ele contou como, na véspera, quando passeava pelas ruas de Tiflis, encontrara um magote de gente, armênios e ordenanças russos, jogando cara ou coroa. A aposta era grande: três moedas de ouro e muita prata. Cã-Makhoma logo compreendeu em que consistia o jogo e, fazendo tinir as moedas de cobre que trazia no bolso, entrou na roda e disse que apostava tudo.

- Como assim? Tinhas com que pagar? - perguntou Loris-Miélikov.

- Tinha apenas doze copeques - disse Cã-Makhoma, arreganhando os dentes.

- E se perdesse?

- Então... isto!

E Cã-Makhoma mostrou a pistola.

- Como? Devolverias?

- Para que devolver? Fugiria, e se alguém me perseguisse, eu o mataria. E pronto!

- Então, ganhaste?

- *Aia*, juntei as moedas e fui embora.

Loris-Miélikov compreendia perfeitamente Cã-Makhoma e Eldar. Cã-Makhoma era um homem alegre, um gozador, que não

sabia onde meter o excesso de vida, sempre risonho, leviano, jogando com a sua existência e com a dos outros, que por causa desse jogo se bandeara para os russos, do mesmo modo que, pelo mesmo motivo, poderia amanhã passar de volta para o lado de Chamil. Eldar também era facilmente compreensível: um homem completamente dedicado ao seu *miurchide*, calmo, forte, seguro. Loris-Miélikov só não podia compreender o ruivo Gamzalo. Via que esse homem não só era dedicado a Chamil, mas que sentia uma repugnância irreprimível, desprezo, asco e ódio a todos os russos; por isso, Loris-Miélikov não podia compreender por que ele se bandeara. Às vezes, vinha a Loris-Miélikov a ideia, partilhada aliás por algumas autoridades, de que a rendição de Khadji-Murát e as suas histórias sobre a hostilidade com Chamil não passavam de mentira, e que ele se passara para os russos apenas para comprovar os pontos fracos e, depois de fugir novamente para as montanhas, dirigir para tais pontos as suas forças. E Gamzalo confirmava com todo o seu ser essa suposição. “Os outros e o próprio Khadji-Murát”, pensava Loris-Miélikov, “sabem esconder as intenções, mas este se delata pelo seu ódio inocultável.”

Loris-Miélikov tentou conversar com ele. Perguntou-lhe se não se aborrecia. Mas ele, sem abandonar a tarefa, olhando de viés para Loris-Miélikov com o seu único olho, rosnou, a voz rouquenha e entrecortada:

– Não, não me aborreço.

E assim respondia também a todas as outras perguntas.

Enquanto Loris-Miélikov estava no quarto, entrou o outro *miuride* de Khadji-Murát, o avariano Khanéfi, de rosto e pescoço cabeludos e peito saliente e hirsuto, qual pele de animal. Era um trabalhador muito robusto, sempre ocupado com as suas tarefas, obedecendo em tudo ao seu amo, tal como Eldar, sem refletir.

Quando ele entrou no quarto para apanhar arroz, Loris-Miélikov o deteve e perguntou-lhe de onde ele era, e se fazia tempo que estava a serviço de Khadji-Murát.

- Cinco anos - respondeu Khanéfi. - Somos do mesmo *aul*. Meu pai matou o tio dele, e a sua família queria matar-me - disse, olhando calmamente, por baixo das sobranceiras juntas, para o rosto de Loris-Miélikov. - Então, pedi que me aceitassem como irmão.

- O que significa: aceitar como irmão?

- Passei dois meses sem raspar a cabeça, nem cortar as unhas, e fui para a casa deles. Deixaram-me entrar no quarto de Patimat, mãe de Khadji-Murát. Patimat me deu o seio, e eu me tornei irmão dele.

No quarto ao lado, ouviu-se a voz de Khadji-Murát. Eldar logo reconheceu o chamado do seu amo e, enxugando as mãos, dando largas passadas, foi para a sala de visitas.

- Está chamando - disse ao voltar.

Depois de dar mais um cigarro ao alegre Cã-Makhoma, Loris-Miélikov foi para a sala.

XIII

Quando Loris-Miélikov entrou, Khadji-Murát o recebeu com o semblante alegre.

– Então, prossigo? – perguntou, ajeitando-se no sofá.

– Sim, sem falta – disse Loris-Miélikov. – Eu fui ver os teus *núkeres* e conversei com eles. Há um que é muito alegre.

– Sim, Cã-Makhoma, um homem leviano – disse Khadji-Murát.

– Gostei daquele jovem bonito.

– Sim, Eldar. É moço, mas é firme, de ferro.

Calaram-se um pouco.

– Falar mais?

– Sim, sim.

– Já contei como foram mortos os cães. Bem depois da morte deles, Gamzat entrou em Khunzakh e se instalou no palácio do cão – começou Khadji-Murát. – Ficou a mãe dos cães. Gamzat a chamou. Ela começou a recriminá-lo. Ele piscou o olho para o seu *miuride* Aselder, que a matou pelas costas.

– Mas por que a matou? – perguntou Loris-Miélikov.

– Que remédio? Atravessado o muro com as patas da frente, é preciso atravessá-lo também com as de trás. Era preciso exterminar toda a raça. E assim fizeram. Chamil matou o filho menor, atirando-o do alto de um penhasco. Toda a Avaria se submeteu a Gamzat, somente eu e meu irmão não nos subme-

temos. Precisávamos derramar seu sangue para vingar os cães. Fingimos submissão, mas só pensávamos no modo de tirar-lhe o sangue. Aconselhamo-nos com o avô, e resolvemos esperar o dia em que ele saísse do palácio, para matá-lo de emboscada. Alguém nos tinha ouvido e contou a Gamzat, que mandou chamar nosso avô e lhe disse: "Olha, se é verdade que os teus netos pretendem coisa ruim contra mim, vão ficar pendurados contigo no mesmo travessão. Eu faço obra sagrada, e não podem estorvar-me. Vai e lembra-te do que eu disse". O avô foi para casa e nos contou o que lhe tinha dito Gamzat. Depois disso, resolvemos não esperar mais e executar a tarefa no primeiro dia de festa na mesquita. Os amigos recusaram-se a ajudar-nos e ficamos sozinhos, meu irmão e eu. Cada um de nós tomou duas pistolas, vestimos as juponas e fomos para a mesquita. Gamzat entrou acompanhado de trinta *miurides*, todos de sabre desembainhado. Ao lado de Gamzat caminhava Aselder, o seu *miuride* predileto, aquele mesmo que tinha decapitado a mãe dos cães. Vendo-nos, gritou que tirássemos as juponas e acercou-se de mim. Eu tinha o punhal na mão; matei-o e lancei-me na direção de Gamzat. Mas o meu irmão Osmã já havia atirado nele. Gamzat ainda estava vivo e lançou-se de punhal sobre meu irmão, porém acabei de matá-lo com um golpe na cabeça. Os *miurides* eram trinta, e nós, dois apenas. Eles mataram o meu irmão Osmã, mas eu consegui repeli-los, pulei por uma janela e fui embora. Quando se soube que mataram Gamzat,

todo o povo se revoltou. Os *miurides* fugiram quase todos, e os restantes foram massacrados.

Khadji-Murát fez uma pausa e aspirou pesadamente o ar.

- Tudo isso foi bom - disse ele -, mas depois tudo se estragou. Chamil se colocou em lugar de Gamzat. Ele me enviou emissários, para que eu me unisse a ele contra os russos; ameaçava, no caso contrário, destruir Khunzakh e matar-me. Respondi que não iria ter com ele, nem permitiria que fosse ter comigo.

- Por que não te uniste a ele? - perguntou Loris-Miélikov.

Khadji-Murát franziu o sobrecenho e demorou um pouco a responder.

- Não podia. Sobre Chamil estava o sangue do meu irmão Osmã e de Abununtzal-cã. Não fui ter com ele. O general Rosen me concedeu patente de oficial e nomeou-me comandante da Avaria. Tudo isso estava bem, mas Rosen indicou para governar a Avaria o cã de Kazikum, Maomé-Mirza, e, depois, Akhmet-cã, que me odiava. Ele queria casar um filho com a irmã dos cãs, Saltanet, e sofreu recusa. Pensou que a culpa fosse minha. Mais de uma vez, mandou seus *núkeres* me assassinar, mas eu sempre escapava. Então, ele me caluniou perante o general Klügenau, dizendo que eu proibia aos avarianos dar lenha aos soldados. Disse-lhe ainda que eu usava este turbante - acrescentou Khadji-Murát, indicando o turbante que trazia sobre a *papakha* - e que isso significava adesão a

Chamil. O general não acreditou e mandou deixar-me em paz. Mas, quando ele foi para Tiflis, Akhmet-cã fez o que pretendia: comandando uma companhia de soldados, aprisionou-me, pôs-me correntes e amarrou-me a um canhão. Mantiveram-me assim durante seis dias. No sétimo, desamarraram-me e conduziram-me para Temir-cã-Chur. Acompanhavam-me quarenta soldados de armas embaladas. Tinha amarradas as mãos, e havia ordem para matar-me, se tentasse fugir. Eu sabia disso. Perto de Moksokh, tivemos de passar por um atalho estreito, à direita do qual havia um despenhadeiro de uns cinquenta *sajenes*. Passei para a direita do soldado que me acompanhava, para a beirada do despenhadeiro. O soldado quis deter-me, mas eu saltei para o fundo do primeiro barranco e arrastei o soldado comigo. Ele morreu, e eu fiquei vivo. Quebrei tudo: as costelas, a cabeça, as mãos, as pernas. Quis arrastar-me e não pude. Fiquei tonto e adormeci. Acordei molhado de sangue. Um pastor me viu, chamou mais gente, levaram-me para um *aul*. Sararam as costelas e a cabeça, a perna sarou também, apenas ficou mais curta.

E Khadji-Murát estendeu para a frente a perna aleijada.

- Ainda me serve, e está bem - disse ele. - O povo soube do acontecido, e eu comecei a ser visitado. Curado, mudei-me para Tzelmes. Os avarianos me chamaram novamente para governá-los - disse Khadji-Murát com um orgulho calmo e convicto - e eu concordei.

Khadji-Murát ergueu-se rapidamente e, tomando uma pasta da bolsa de viagem, tirou dela duas cartas amareladas e passou-as a Loris-Miélikov. As cartas eram do general Klügenau. Loris-Miélikov as leu. Eis a primeira:

Subtenente Khadji-Murát! Estiveste a meu serviço, eu estava satisfeito contigo e considerava-te uma boa pessoa. Recentemente, o major-general Akhmet-cã informou-me de que és um traidor, que puseste um turbante, manténs relações com Chamil e ensinaste o povo a desobedecer às autoridades russas. Mandeí prender-te e trazer-te à minha presença, mas tu fugiste; não sei se isso é para o bem ou para o mal, pois não sei se és culpado. Agora, presta atenção ao que digo. Se a tua consciência está limpa perante o grande czar, se não és culpado, vem até aqui. Não tenhas medo de ninguém, pois sou teu defensor. O cã nada te fará; ele próprio é meu subordinado, não tens, portanto, motivo algum de temor.

Adiante, Klügenau escrevia que ele sempre mantivera a palavra e fora justo, e mais uma vez convidava Khadji-Murát a ir ter com ele.

Quando Loris-Miélikov terminou a leitura da primeira carta, Khadji-Murát tirou uma segunda, mas, antes de passá-la às suas mãos, contou como tinha respondido à primeira.

– Escrevi que usava turbante, mas não por causa de Chamil e sim para salvar a alma, que não queria nem podia passar para

o lado de Chamil, pois meu pai, meus irmãos e outros parentes foram mortos por seu intermédio, mas que não podia também voltar para o lado dos russos, pois fui desonrado. Em Khunzakh, enquanto estava amarrado, um canalha mijou em cima de mim. E eu não podia passar-me para os russos enquanto aquele homem não fosse morto. E, sobretudo, temia o traiçoeiro Akhmet-cã. Então, o general mandou-me esta carta – disse Khadji-Murát, passando a Loris-Miélikov outro papel igualmente amarelecido.

– “Respondeste à minha carta e eu te agradeço” – leu Loris-Miélikov. – “Escreves que não tens medo de voltar, mas que a desonra de que foste vítima por parte de um infiel te impede; afianço-te, porém, que a lei russa é justa, e com os teus próprios olhos hás de ver o castigo daquele que se atreveu a ofender-te. Já ordenei um inquérito. Escuta, Khadji-Murát. Tenho o direito de não estar satisfeito contigo, porque não crês em mim, nem confias na minha honra, mas eu te perdoo, pois conheço o caráter desconfiado dos montanheses em geral. Se tens a consciência tranquila, se puseste o turbante somente para a salvação da alma, nesse caso tens razão e podes olhar sem temor as autoridades russas e a mim mesmo nos olhos; e aquele que te desonrou, eu te afianço, há de ser castigado. *Os teus bens te serão devolvidos*, e hás de ver o que significa a lei russa. Além disso, os russos encaram tudo isso de maneira diversa; aos seus olhos, tu não perdeste a dignidade pelo fato

de teres sido desonrado por um canalha. Eu próprio permiti aos hinrinos* usar turbante e encaro os atos deles de modo conveniente; por conseguinte, repito mais uma vez, nada tens a temer. Vem ã minha presença, em companhia do homem que agora te envio; ele me é fiel, não é um escravo dos teus inimigos, mas é amigo de um homem que mereceu do governo uma atenção especial.”

Adiante, Klügenau prosseguia procurando convencer Khadji-Murát a passar-se para o seu lado.

- Eu não acreditei - disse Khadji-Murát, depois que Loris-Miélikov terminou a leitura - e não fui ter com Klügenau. O meu objetivo principal era a vingança contra Akhmet-cã, e eu não poderia fazer isso por intermédio dos russos. Nesse ínterim, Akhmet-cã sitiou Tzelmes, a fim de me aprisionar ou matar. Eu tinha muito pouca gente e não podia repeli-lo. E foi nesse tempo que chegou um emissário de Chamil com uma carta para mim. Prometia ajudar-me a repelir Akhmet-cã e matá-lo e concedia-me o governo de toda a Avaria. Refleti muito e passei-me para o lado de Chamil. E desde aquele dia, fiz sem cessar guerra aos russos.

Nesse ponto, Khadji-Murát contou todas as suas ações militares. Eram muitas, e Loris-Miélikov as conhecia em parte.

* Habitantes de uma parte da Avaria.

Todas as suas campanhas e incursões eram surpreendentes pela extraordinária rapidez dos movimentos e ousadia dos assaltos, sempre coroados de êxito.

– Nunca existiu amizade entre mim e Chamil – disse Khadji-Murát, terminando seu relato –, mas ele me temia e precisava de mim. Aconteceu, porém, que me perguntaram quem seria imame depois de Chamil. Respondi que seria aquele que tivesse o sabre bem afiado. Transmitiram isso a Chamil, e ele quis livrar-se de mim. Enviou-me para Tabassaran. Fui e apresei mil carneiros e trezentos cavalos. Mas ele disse que eu não tinha feito o que era preciso, retirou-me o posto de *naïb* e ordenou-me que lhe mandasse todo o dinheiro. Enviei-lhe mil moedas de ouro. Ele dirigiu os seus *miurides* contra mim e me tirou todos os bens. Exigiu-me que fosse à sua presença, mas eu sabia que pretendia matar-me e não fui. Mandou prender-me, eu repeli os seus homens e entreguei-me a Vorontzów. Mas não consegui levar minha família. Minha mãe, minha mulher e meu filho estão nas suas mãos. Diga ao *sardar*: enquanto minha família estiver com ele, nada posso fazer.

– Vou transmitir – disse Loris-Miélikov.

– Cuida do meu caso, esforça-te. O que é meu é teu, mas presta-me auxílio junto ao príncipe. Estou amarrado, e a ponta da corda está na mão de Chamil.

E com essas palavras Khadji-Murát terminou o seu relato a Loris-Miélikov.

XIV

No dia 20 de dezembro, Vorontzów escreveu a Tchernichów, ministro da Guerra, a seguinte carta, em francês.

Não lhe mandei carta com a mala anterior, amável príncipe, porque desejava decidir antes disso o que fazer com Khadji-Murát, e há dois ou três dias não me sinto bem de saúde. Na minha última carta, eu anunciava a vinda de Khadji-Murát; ele chegou a Tiflis no dia 8; eu o conheci no dia seguinte e passei uns oito ou nove dias conversando com ele e refletindo sobre o que poderá fazer em nosso auxílio no futuro e, sobretudo, sobre o que devemos fazer com ele agora, pois está muito preocupado com a sorte de sua família e diz, com todos os indícios de plena sinceridade, que, enquanto ela estiver nas mãos de Chamil, encontra-se paralisado e incapaz de nos prestar serviços e demonstrar a sua gratidão pela recepção carinhosa e pelo perdão que lhe foi concedido. O desconhecimento em que se encontra da sorte das pessoas que lhe são caras provoca nele um estado febril, e as pessoas designadas por mim para viver em sua companhia aqui afiançam que ele passa as noites em claro, quase não se alimenta, reza sem cessar e somente pede permissão para passear um pouco a cavalo, acompanhado de alguns cossacos - única distração possível para ele e cujos movimentos se tornaram indispensáveis, em virtude do hábito de muitos anos. Vem ver-me todos os dias, para saber se tenho

alguma notícia sobre a sua família, e me pede que reúna todos os prisioneiros de que dispomos e os ofereça a Chamil para uma troca, e compromete-se ainda a dar também uma pequena quantia em dinheiro. Há pessoas que lhe fornecerão fundos para tal fim. Não cessa de repetir: "Salvem a minha família e depois me deem a possibilidade de lhes prestar serviços" – (ele julga que tais serviços seriam mais úteis na frente do Lesguin) –, "e se, no decorrer de um mês, eu não lhes prestar um grande auxílio, castiguem-me como julgarem mais conveniente".

Observei-lhe que tudo isso me parecia muito justo, e que entre nós havia muita gente que até não acreditaria nele, se a sua família permanecesse nas montanhas, e não do nosso lado, como garantia; que faria todo o possível para reunir prisioneiros em nossas fronteiras e que, não tendo, pelos nossos regulamentos, o direito de lhe entregar dinheiro para o resgate, em acréscimo daquele que Khadji-Murát arranjasse, eu talvez achasse outros meios de lhe prestar auxílio. Depois disso, expus-lhe francamente a minha opinião de que Chamil em hipótese alguma lhe entregaria a família; que ele talvez prometa o perdão e o posto primitivo, ameaçando-o, em caso contrário, de matar-lhe a mãe, a mulher e os seis filhos. Perguntei-lhe se podia dizer-me com franqueza o que faria se recebesse tal declaração de Chamil. Khadji-Murát ergueu os olhos e os braços para o céu e disse que tudo estava nas mãos de Deus, mas que ele nunca se entregaria a seu inimigo, pois estava plenamente convicto de que Chamil não lhe concederia perdão,

e que não teria muitos dias de vida. Quanto ao aniquilamento da sua família, ele não julga que Chamil possa agir com tanta leviandade, por dois motivos principais: para não fazer dele um inimigo ainda mais desesperado; e porque existem no Daguestão muitas pessoas, bem influentes até, que o dissuadiriam de tal ato. Finalmente, repetiu-me diversas vezes que, seja qual for o designio de Deus para o futuro, no momento ele não tem outro pensamento a não ser o resgate da sua família; implorou-me em nome de Deus que o ajudasse nisso e lhe permitisse voltar para as proximidades da Tchetchênia, onde, por intermédio das nossas autoridades, ou com a permissão delas, poderia manter comunicação com a sua família e ter notícias constantes sobre a sua localização atual e sobre os meios de libertá-la; disse-me, ainda, que muitas pessoas dessa parte do país inimigo, inclusive alguns *naibes*, são-lhe mais ou menos afeiçoadas; que em toda aquela população já dominada pelos russos, ou neutra, ele poderia encontrar facilmente relações muito úteis para a consecução do objetivo que o atormenta dia e noite, o que lhe daria a possibilidade de agir a nosso favor e merecer nossa confiança. Ele pede que o deixemos voltar para Grózni, com uma escolta de vinte ou trinta valentes cossacos, que serviriam como defesa contra os seus inimigos e, ao mesmo tempo, nos garantiriam a sinceridade das suas intenções.

O senhor há de compreender, meu amável príncipe, que tudo isso me deixou muito preocupado, pois, seja qual for o passo dado, uma grande responsabilidade fica pesando sobre mim. Confiar

nele totalmente seria uma grande imprudência; mas, se lhe quiséssemos tirar todas as possibilidades de fuga, teríamos de o enclausurar; e isso, na minha opinião, seria uma injustiça e um ato de má política. Tal medida, cuja notícia se espalharia rapidamente por todo o Daguestão, causar-nos-ia grande prejuízo, pois tiraria a vontade a todos aqueles (e são muitos) que estão prontos a se oporem mais ou menos abertamente a Chamil e que tanto se interessam pela situação entre nós do mais valente e empreendedor dos auxiliares do imame, que se viu forçado a entregar-se em nossas mãos. Se tratássemos Khadji-Murát como prisioneiro, perderíamos todas as consequências benéficas da sua traição a Chamil.

Em vista disso, julgo que não poderia ter procedimento diverso daquele que adotei, embora se possa inculpar-me de grave erro, se Khadji-Murát quiser passar-se mais uma vez para o outro lado. Quando se deparam no serviço casos tão complicados, é difícil, para não dizer impossível, seguir uma estrada reta, sem risco de errar e sem aceitar uma responsabilidade; mas, se a estrada nos parece certa, temos de segui-la, haja o que houver.

Peço-lhe, amável príncipe, entregar o caso ao exame de Sua Majestade, o czar e imperador, e eu serei feliz se o nosso Augustíssimo Soberano se dignar aprovar a minha conduta. Tudo o que escrevi acima foi por mim também comunicado aos generais Zavadóvski e Kozlówski, para as relações diretas de Kozlówski com Khadji-Murát, e este foi advertido por mim de que não poderia tomar atitude alguma, nem sair para lugar algum, sem aprovação

daquele. Disse-lhe que seria até melhor para nós se ele sáísse a cavalo, embora com nossa escolta, pois, no caso contrário, Chamil poderia apregoar que mantemos Khadji-Murát enclausurado; mas tomei dele o compromisso de nunca ir a Vozdvijenskoie, pois o meu filho, a quem ele se rendeu e a quem considera seu *kunák* (amigo), não é o comandante da praça, em vista do que poderiam surgir equívocos. Além disso, Vozdvijenskoie fica perto demais de um importante povoado inimigo, e, para as relações que ele deseja manter com os seus homens de confiança, Grózni apresenta todas as comodidades.

Além de vinte cossacos escolhidos, que, a seu próprio pedido, não o abandonarão, mandei que lhe fizesse companhia o capitão Loris-Miélikov, um oficial digno, capaz e muito inteligente, que fala o tártaro e conhece bem Khadji-Murát, o qual, segundo parece, também tem plena confiança nele. Aliás, durante os dez dias que Khadji-Murát passou aqui, morou na mesma casa com o tenente-coronel príncipe Tarkhanov, comandante do distrito de Chuchin, que se encontra aqui a serviço; é um homem realmente digno, em quem confio plenamente. Ele merece também a confiança de Khadji-Murát, e unicamente por seu intermédio, pois fala correntemente o tártaro, discutíamos os assuntos mais secretos e delicados.

Aconselhei-me com Tarkhanov sobre Khadji-Murát, e ele concordou plenamente comigo em que era preciso agir como eu decidira, ou trancafiar Khadji-Murát numa prisão e vigiá-lo com a

possível severidade – pois, tratando-o mal, essa vigilância não seria fácil –, ou ainda mandá-lo para longe. Mas estas duas últimas medidas não só anulariam toda a vantagem decorrente para nós da briga entre Khadji-Murát e Chamil, como também deteriam inevitavelmente quaisquer protestos e possíveis sublevações de montanheseiros contra o poder de Chamil. O príncipe Tarkhanov me disse que estava convencido da lealdade de Khadji-Murát, o qual não duvida que Chamil nunca lhe perdoaria e mandaria executá-lo, mesmo que lhe tivesse prometido perdão. O único ponto que deixou Tarkhanov preocupado nas suas relações com Khadji-Murát foi a religiosidade deste, e não ocultou ser possível a Chamil agir sobre ele nesse sentido. Mas, conforme já escrevi acima, ele nunca poderia convencer Khadji-Murát de que não lhe tiraria a vida, imediatamente ou algum tempo depois do seu regresso.

Eis aí, amável príncipe, tudo o que eu pretendia dizer-lhe sobre esse episódio do serviço local.

XV

Essa comunicação foi mandada para Tiflis em 24 de dezembro. E, na véspera do ano-novo de 1852, um mensageiro, depois de extenuar uma dezena de cavalos e espancar atrocemente

uns dez cocheiros, entregou-a ao ministro da Guerra, príncipe Tchernichóv.

Este, no dia 1º de janeiro de 1852, entre outros assuntos, levou ao imperador Nicolau I também essa comunicação.

Tchernichóv não gostava de Vorontzów, por causa do respeito geral de que este gozava, por sua enorme riqueza, por ser Vorontzów um verdadeiro grão-senhor e Tchernichóv, apesar de tudo, um *parvenu* e, principalmente, pela especial boa disposição do imperador em relação a Vorontzów. E por isso Tchernichóv se valia de toda oportunidade para prejudicar Vorontzów. Na audiência anterior sobre assuntos do Cáucaso, Tchernichóv conseguira provocar a indisposição de Nicolai em relação a Vorontzów, porque, por relaxamento das autoridades, os montanhese aniquilaram quase totalmente um pequeno destacamento de tropas caucasianas. Dessa feita, pretendia mostrar sob aspecto desfavorável a decisão de Vorontzów sobre Khadji-Murát. Queria inculcar no czar a ideia de que Vorontzów, em prejuízo dos russos, sempre se mostrara benevolente e mesmo débil com os nativos, e que, deixando Khadji-Murát no Cáucaso, agira com imprudência; que, provavelmente, Khadji-Murát se passara para o nosso lado com o fito único de sondar os nossos meios de defesa, e que, por conseguinte, seria melhor enviá-lo para o interior da Rússia e aproveitá-lo quando a sua família já tivesse sido retirada das montanhas e fosse possível comprovar sua dedicação.

Mas Tchernichóv não teve êxito com o seu plano, o que se deve unicamente ao fato de que, na manhã de 1º de janeiro, Nicolai estava particularmente mal-humorado, e não aceitaria, simplesmente por espírito de contradição, alguma proposição, fosse de quem fosse; e sobretudo, não estava predisposto a aceitar uma proposição de Tchernichóv, que ele apenas tolerava, considerando-o, provisoriamente, um homem insubstituível, mas, conhecendo os seus esforços para causar a perda de Zakhar Tchernichóv, no processo dos dezembristas,* e a sua tentativa de se apossar das propriedades deste, considerava-o um grande canalha. Desse modo, graças ao mau humor de Nicolai, Khadji-Murát permaneceu no Cáucaso e a sua sorte não mudou, como poderia ter mudado, se Tchernichóv tivesse feito o seu relatório outro dia.

Eram nove e meia quando, em meio ao nevoeiro de um dia frio, de vinte graus abaixo de zero, o gordo e barbudo cocheiro de Tchernichóv, coberto com um chapéu pontudo, de veludo azul-celeste, sentado na boleia do pequeno trenó, em tudo semelhante àquele em que passeava Nicolai Pávlovitch,** levou o veículo até a entrada menor do Palácio de Inverno e cumprimentou afavelmente o seu amigo, o cocheiro do príncipe

* Participantes da revolta de 14 de dezembro de 1825, o primeiro movimento armado contra a autocracia dos czares.

** O czar Nicolau I.

Dolgorúki, o qual, fazia muito tempo, deixara ali o seu amo, e estava parado à entrada do palácio, as rédeas largadas sob o gordo traseiro algodoado, e esfregava as mãos enregeladas.

Tchernichóv usava capote com gola de castor grisalha e felpuda e tricórnio, com penas de galo, segundo o uniforme regulamentar. Pondo de lado a coberta de pele de urso, tirou cautelosamente para fora do trenó os seus pés congelados, sem galochas (orgulhava-se de jamais as ter usado) e, procurando animar-se, tilintando as esporas, caminhou sobre o tapete, passando para o vestibulo pela porta que o porteiro abriu respeitosamente, a fim de deixá-lo entrar. Tirando o capote e jogando-o nos braços de um velho lacaios que acorrera, Tchernichóv aproximou-se do espelho e retirou cauteloso o chapéu que lhe cobria a peruca encaracolada. Olhando-se no espelho, frisou com um movimento habitual das suas mãos senis os cabelos das têmporas e o topete e ajeitou a condecoração, os passamanes, as grandes dragonas com brasões, e, removendo com dificuldade as pernas decrépitas, que não lhe obedeciam bem, começou a subir pelo tapete a escada de um declive brando.

Passando pelos lacaios de uniforme de gala, parados junto às portas, e que o cumprimentavam servilmente, Tchernichóv entrou no salão de espera. Um ajudante de campo recém-nomeado estava de plantão ali e recebeu-o respeitosamente, radiante em seu uniforme novo, de dragonas e alamares, e com um rosto corado, ainda não consumido, de bigodinho negro e

cachinhos sobre as têmporas, ajeitados na direção dos olhos, como os usava Nicolai Pávlovitch. O vice-ministro da Guerra, príncipe Vassíli Dolgorúki, que tinha uma expressão de tédio no rosto obtuso, enfeitado com suíças, bigode e cachinhos também iguais aos que usava Nicolai, levantou-se ao encontro de Tchernichóv e cumprimentou-o.

– *Lempereur?* – dirigiu-se Tchernichóv ao ajudante de campo, indicando, interrogador, a porta do gabinete.

– *Sa Majesté vient de rentrer** – disse o ajudante de campo, evidentemente ouvindo com prazer a sua própria voz, e, caminhando tão suave e harmoniosamente que um copo d'água que lhe fosse posto sobre a cabeça não se derramaria, acercou-se da porta que se abria silenciosa e, mostrando com todo o seu ser o respeito que tinha por aquele lugar onde entrava, desapareceu atrás da porta.

Nesse ínterim, Dolgorúki abriu a sua pasta de couro, verificando os papéis que ali se encontravam.

Quanto a Tchernichóv, foi caminhando de sobrolho franzido, desentorpecendo as pernas e recordando tudo o que tinha a relatar ao imperador. Estava à porta do gabinete, quando esta se abriu novamente e dela saiu o ajudante de campo, ainda mais radiante e respeitoso que antes, e, com um gesto, convidou o ministro e seu imediato a entrarem no gabinete do czar.

* "O imperador?"; "Sua Majestade acaba de voltar."

Fazia muito tempo que o Palácio de Inverno fora reconstruído depois do incêndio,* mas Nicolai ainda morava no segundo andar. O gabinete em que tinha despacho com os ministros e os comandantes superiores era uma sala de teto muito alto e quatro grandes janelas. Na parede principal, estava um grande retrato de Alexandre I. Entre as janelas, duas escrivaninhas. Havia diversas cadeiras encostadas às paredes e uma enorme secretária no centro da sala, diante da qual ficavam a poltrona de Nicolai e cadeiras para quem estivesse despachando com ele.

Nicolai estava sentado à secretária, de sobretudo preto, com galões pequenos em lugar de dragonas, e, tendo inclinado para trás o busto volumoso, fortemente apertado sobre a barriga túmida, dirigia para os recém-chegados o seu olhar imóvel e sem vida. O rosto branco e comprido, de enorme fronte inclinada, que sobressaía sob os cachinhos das têmporas, cuidadosamente alisados e habilmente unidos à peruca, que lhe cobria a calva, estava naquele dia particularmente frio e imóvel. Os seus olhos, sempre embaçados, que pareciam ainda mais turvos que de costume, os lábios apertados, sob os bigodes virados para cima, as faces flácidas, recém-barbeadas, escoradas por um colarinho alto e cobertas pelas salsichinhas regulares das

* Construído em 1754-62 por V. V. Rastrelli, o Palácio de Inverno foi reconstruído após o incêndio de 1837.

suiças, e o queixo comprimido contra o colarinho, davam ao seu rosto uma expressão de aborrecimento ou mesmo de ira.

Tal estado de ânimo era causado pelo cansaço. E esse cansaço devia-se ao fato de que, tendo estado na véspera no baile de máscaras, e passeando então com o seu capacete de cavalaria, adornado com uma figura de pássaro, por entre o público que se comprimia na sua direção e dava passagem timidamente ao seu vulto enorme, que ressumava orgulho, encontrara mais uma vez aquela criatura mascarada que, no baile anterior, despertara nele, com a alvura da pele, a linda constituição e a voz carinhosa, a sensualidade senil, e que desaparecera prometendo-lhe novo encontro no próximo baile de máscaras. Na véspera, fora ter com ele, que não a largara mais. Levava-a para o camarote sempre preparado para tal fim, e onde podia ficar a sós com a sua dama. Chegando em silêncio à porta do camarote, Nicolai virou-se, procurando com os olhos um criado, mas não o encontrou. Franziu o sobrolho e empurrou sozinho a porta do camarote, deixando passar na frente a sua dama.

- *Il y a quelqu'un** - disse ela, parando. Com efeito, havia gente no camarote: num divãzinho aveludado, estavam sentados, muito próximos um do outro, um oficial de ulanos e

* "Há alguém aí"

certa mulher jovem, bonita, de cachos bem louros, de dominó e sem máscara. Vendo o vulto inteiriçado e enfurecido de Nicolai, a loura se cobriu apressadamente com a máscara; quanto ao oficial de ulanos, estava petrificado de terror e, sentado no divã, dirigia para Nicolai os olhos parados.

Por mais habituado que estivesse Nicolai com o terror que despertava nas pessoas, este lhe era sempre agradável, e ele gostava, às vezes, de deixar espantado o súdito a quem infundira tal sentimento, dirigindo-lhe, por contraste, palavras afáveis. E assim agiu daquela vez.

– Bem, irmão, és mais moço do que eu – disse ao oficial gelado de terror. – Podes ceder-me o lugar.

O oficial ergueu-se de um salto e, ora empalidecendo, ora ruborizando-se, saiu em silêncio, após a mulher loura, e Nicolai ficou a sós com o seu par.

A criatura mascarada se revelou moça de vinte anos, inocente e bonita, filha de uma preceptora sueca. Contou a Nicolai que se apaixonara por ele ainda na infância, vendo o seu retrato, que o bendizia e decidira alcançar a qualquer custo a sua atenção. E, agora que a conseguira, dizia não precisar de nada mais. A moça foi conduzida para o lugar costumeiro das entrevistas de Nicolai com as mulheres, onde passou com ela mais de uma hora.

Quando, nessa noite, voltou para seu quarto e se deitou na sua cama dura e estreita, de que se orgulhava, e se cobriu com

o capote, que ele considerava (e dizia assim mesmo) tão célebre como o chapéu de Napoleão, levou muito tempo para conciliar o sono. Lembrava ora a expressão assustada e extática do rosto alvo daquela moça, ora os ombros cheios e vigorosos de Nielídova, sua amante de sempre, e comparava-as. Não lhe vinha sequer à mente a ideia de que a libertinagem de um homem casado fosse algo censurável, e ele estranharia muito se alguém o censurasse por isso. Mas, embora se convencesse de que estava agindo como devia, ficava nele uma espécie de resíduo desagradável, e, para abafar tal sentimento, pôs-se a pensar naquilo que o consolava sempre: no grande homem que ele era.

Embora tivesse adormecido tarde, ergueu-se pouco depois das sete e, após esfregar com gelo, como de costume, o seu grande corpo obeso, e rezar a Deus (repetiu as orações proferidas diariamente desde a infância: Mãe de Deus, Credo e Padre-Nosso, sem dar a mínima importância às palavras proferidas), saiu, de capote e boné, do portão menor para o cais.

No meio da rua, encontrou um estudante da Faculdade de Direito, de estatura enorme como ele próprio, de uniforme e chapéu. Vendo o uniforme da faculdade que lhe desagradava pelo seu espírito livre-pensador, Nicolai Pávlovitch franziu o cenho, mas a elevada estatura do estudante, bem como a esforçada posição de sentido e a continência, com o cotovelo bem erguido, suavizaram-lhe o desprazer.

- Teu sobrenome? - perguntou.
- Polossatov, Majestade Imperial.
- Muito bem!

O estudante permanecia parado, a mão encostada ao chapéu. Nicolai se deteve.

- Queres entrar para o serviço militar?
- De modo algum, Majestade Imperial.
- Imbecil!

E, virando-se para o outro lado, Nicolai prosseguiu em seu caminho, pronunciando em voz alta as primeiras palavras que lhe vinham à mente. “Kopperwein, Kopperwein” - repetiu algumas vezes o nome da moça da véspera. “Mau, mau.” Não pensava no que dizia, mas abafava o seu sentimento prestando atenção às palavras que lhe saíam. “Sim, o que seria da Rússia sem mim?”, disse a si mesmo, pressentindo voltar-lhe uma sensação de mal-estar. “Sim, o que seria sem mim, já não digo da Rússia, mas de toda a Europa?” E ele se lembrou do cunhado, o rei da Prússia, da sua estupidez e fraqueza, e meneou a cabeça.

De volta, aproximando-se da escadaria do palácio, viu a caruagem de Ielena Pávlovna, que chegava ao portão de Saltikóv, acompanhada de um laçai vermelho. Ielena Pávlovna era para ele a personificação daquela gente fútil, que falava não só de ciências e poesia, mas até das formas de governo, acreditando que os homens poderiam governar-se melhor do que ele,

Nicolai, os governava. Ele sabia que, por maiores perseguições que movesse a tais pessoas, elas sempre acabavam vindo à tona. Lembrou-se do seu irmão Mikhail Pávlovitch, recentemente falecido. E um sentimento de tristeza o invadiu. Franziu o sobrolho com expressão sombria e pôs-se a murmurar novamente as primeiras palavras que lhe acudiam. Deixou de murmurar somente ao entrar no palácio. Chegando ao seu quarto, alisou diante do espelho as suíças, os cabelos sobre as têmporas e a dobra no alto da cabeça. Depois, torcendo as pontas dos bigodes, foi diretamente para o gabinete em que decorriam os despachos.

Tchernichóv foi recebido em primeiro lugar. Imediatamente, pela expressão do rosto e sobretudo dos olhos de Nicolai, Tchernichóv compreendeu que ele estava particularmente mal-humorado, e, sabendo das aventuras da véspera, compreendeu os motivos de tal disposição de ânimo. Cumprimentando-o com frieza e convidando-o a sentar-se, Nicolai fixou nele os olhos sem vida.

Em primeiro lugar, Tchernichóv tratou de um desfalque recém-descoberto de funcionários da Intendência, do deslocamento de tropas na fronteira prussiana, da outorga de gratificações de ano-bom a certas pessoas que não entraram na primeira relação, da comunicação de Vorontzów sobre a passagem de Khadji-Murát para os russos e, finalmente, do caso desagradável do estudante da Academia de Medicina que atentara contra a vida de um professor.

Nicolai permaneceu calado, apertando os lábios, enquanto afagava folhas de papel com as suas grandes mãos alvas, com um anel de ouro, e ouvia o relatório sobre o desfalque, não tirando os olhos da frente e do topete de Tchernichóv.

Nicolai estava certo de que todos roubavam. Ele sabia que seria preciso castigar agora os funcionários da Intendência, e resolveu engajá-los como soldados, mas sabia também que isso não impediria aqueles que os substituíssem de fazer exatamente o mesmo. Roubar era algo inerente aos funcionários, e a obrigação dele consistia em castigá-los, e, por mais entediado que estivesse com semelhante tarefa, cumpria conscienciosamente essa obrigação.

- Pelo que se vê, existe na Rússia um único homem honesto - disse ele.

Tchernichóv compreendeu imediatamente que esse único homem honesto na Rússia era o próprio Nicolai, e sorriu em sinal de aprovação.

- Deve ser exato, Majestade - disse ele.

- Deixa, vou escrever a minha resolução - disse Nicolai, tomando o papel e passando-o para a esquerda da mesa.

Depois disso, Tchernichóv começou a relatar o caso das gratificações e o dos movimentos de tropas. Nicolai examinou a lista, riscou alguns nomes e, depois, em poucas palavras e tom decidido, ordenou a transferência de duas divisões para a fronteira prussiana.

Nicolai não podia de modo algum perdoar ao rei da Prússia a Constituição outorgada depois de 1848 e, por isso, embora manifestasse ao seu cunhado, em cartas e verbalmente, a mais calorosa afeição, julgava necessário ter para qualquer eventualidade tropas na fronteira prussiana. Essas tropas podiam ser necessárias para, em caso de revolta do povo prussiano (Nicolai via em toda parte disposição para a revolta), serem destacadas em defesa do trono do seu cunhado, tal como enviara um exército para defender a Áustria contra os húngaros. Essas tropas na fronteira eram necessárias ainda para dar mais peso e significação aos seus conselhos ao rei da Prússia.

“Sim, o que seria agora da Prússia sem mim?” – pensou mais uma vez.

– Bem, e o que mais?

– Um mensageiro do Cáucaso – disse Tchernichóv, e começou a expor o que escrevia Vorontzów sobre a adesão de Khadji-Murát.

– O quê! – disse Nicolai. – Um bom começo.

– Como se vê, o plano elaborado por Vossa Majestade começa a produzir seus frutos – disse Tchernichóv.

Esse elogio à sua capacidade como estrategista era particularmente agradável a Nicolai, porque, embora se orgulhasse dessa capacidade, no fundo da alma reconhecia não a possuir. E agora queria ouvir lisonjas mais pormenorizadas.

– Como é que compreendes isso? – perguntou.

- Penso que se tivessem seguido há mais tempo o plano de Vossa Majestade e as tropas avançassem, passo a passo, ainda que lentamente, derrubando as matas e destruindo os meios de aprovisionamento, o Cáucaso estaria subjogado há muito tempo. É assim que explico a rendição de Khadji-Murát. Ele compreendeu que a resistência tornou-se impossível.

- Exato - disse Nicolai.

Embora o avanço lento na região do inimigo, com a derrubada das florestas e a destruição dos meios de abastecimento, tivesse sido elaborado por Iermolov e Vieliaminov, e fosse justamente o contrário do plano de Nicolai, de acordo com o qual os russos deviam apoderar-se, de um golpe, da sede de Chamil e destruir o ninho dos bandidos, e em obediência ao qual se organizara em 1845 a expedição de Darguin, que custara tantas vidas humanas, Nicolai atribuía também a si o plano do avanço lento, com derrubadas sistemáticas e destruição dos meios de abastecimento. Aparentemente, para acreditar que fosse ele o autor deste último plano, seria preciso ocultar que, em 1845, insistira numa operação militar diametralmente oposta. Mas ele não a ocultava, orgulhando-se de ambos os planos, ainda que fossem evidentemente contraditórios. A lisonja permanente, asquerosa e sem rebuços, dos que o cercavam, reduzia-o a tal estado que não via mais as suas contradições e não fazia concordar os seus atos e palavras com a realidade, a lógica ou sequer com o comezinho bom senso, e estava plenamente

convencido de que todas as suas disposições se tornavam inteligentes, justas e coerentes entre si, pelo simples fato de provirem dele.

O mesmo aconteceu com a sua resolução sobre o estudante da Academia de Medicina e Cirurgia, cujo caso Tchernichóv começou a relatar após os negócios do Cáucaso.

A ocorrência consistia em que o rapaz, reprovado duas vezes consecutivas, fora a exame pela terceira vez e, quando o examinador o reprovou novamente, o estudante, muito nervoso, viu nisso uma injustiça e, num ataque de furor, agarrou sobre a mesa um canivete e lançou-se contra o professor, causando-lhe alguns ferimentos insignificantes.

- O sobrenome? - perguntou Nicolai.

- Brzezowski.

- Polaco?

- De origem polonesa e católico - respondeu Tchernichóv. Nicolai franziu o sobrolho.

Ele causara muito mal aos poloneses. Para explicá-lo, precisava estar convencido de que todos os poloneses eram canalhas. E Nicolai considerava-os como tais e odiava-os na medida do mal que lhes fizera.

- Espera um pouco - disse ele e, fechando os olhos, deixou pender a cabeça.

Tchernichóv sabia, tendo ouvido isso mais de uma vez de Nicolai, que, nas ocasiões em que precisava resolver alguma

questão importante, bastava-lhe concentrar-se por alguns instantes, e então lhe vinha a inspiração e a decisão se formava por si, a mais justa das decisões, como se uma voz interior lhe dissesse o que se devia fazer. Ele estava pensando agora no modo mais cabal de saciar o seu ódio aos poloneses, que fora espicaçado pelo ato daquele estudante, e a voz interior lhe sugeriu a seguinte decisão. Apanhou o relatório e, na margem, escreveu com a sua letra graúda:

“Merece a pena de morte. Mas, graças a Deus, nós não temos pena de morte. E não é a mim que compete introduzi-la. Passar doze vezes por entre mil homens. Nicolai”, assinou ele com a sua rubrica enorme e afetada.

Nicolai sabia que doze mil bastonadas eram não só uma execução capital certa e torturante, mas também uma crueldade desnecessária, pois cinco mil golpes seriam suficientes para matar o homem mais forte. Agradava-lhe, porém, ser inexoravelmente cruel e, ao mesmo tempo, saber que, entre nós, não existia a pena de morte.

Tendo escrito a sua resolução sobre o estudante, passou-a a Tchernichóv.

– Está aqui – disse ele. – Lê.

Tchernichóv leu-a e inclinou a cabeça, em sinal de respeitosa surpresa por tão sábia decisão.

– E conduzir todos os estudantes à praça, para que assistam à execução – acrescentou Nicolai.

“Será útil para eles. Vou extirpar esse espírito revolucionário, arrancá-lo com a raiz” – pensou.

– Será feito – disse Tchernichóv. E, depois de calar-se algum tempo e corrigir a posição do topete, retornou aos negócios do Cáucaso. – Como deseja que escreva a Mikhail Siemiônovitch?

– Que siga fielmente o meu sistema de destruição das moradias e dos meios de abastecimento na Tchetchênia, incomodando-os também com incursões – disse Nicolai.

– O que ordena em relação a Khadji-Murát? – perguntou Tchernichóv.

– Vorontzów escreve que pensa aproveitá-lo no Cáucaso.

– Não será arriscado? – disse Tchernichóv, evitando o olhar de Nicolai. – Temo que Mikhail Siemiônovitch seja confiante em demasia.

– E o que pensas tu? – perguntou-lhe rispidamente Nicolai, percebendo a intenção de Tchernichóv de mostrar sob aspecto desvantajoso as disposições de Vorontzów.

– Penso que seria mais seguro enviá-lo para a Rússia.

– Tu pensas assim – disse Nicolai, zombeteiro –, mas eu sou de opinião diferente, e estou de acordo com Vorontzów. Escreve-lhe isso mesmo.

– Será feito – disse Tchernichóv e, erguendo-se, começou as medidas de despedida.

O mesmo fez Dolgorúki, que, durante todo o despacho, apenas dissera poucas palavras, respondendo a perguntas de Nicolai sobre movimentos de tropas.

Depois de Tchernichóv, foi recebido Bíbikov, governador militar da região ocidental, que viera apresentar suas despedidas. Tendo concordado com as medidas tomadas por Bíbikov contra camponeses rebeldes, que não queriam aceitar a religião ortodoxa, ordenou-lhe que fizesse julgar por um tribunal militar todos os que não se submetessem, o que significava condenar a bastonadas por uma tropa em forma. Além disso, mandou engajar como soldado o redator de um jornal, que publicara uma informação sobre a transferência de alguns milhares de camponeses do Estado para a condição de servos da família real.

- Eu o faço porque julgo necessário - disse ele - e não permito discutir tais ordens.

Bíbikov compreendia toda a crueldade da disposição sobre os camponeses católicos e a injustiça da redução dos camponeses do Estado, os únicos livres, à condição servil. Mas não se podia replicar. Discordar de uma ordem de Nicolai significaria perder toda a brilhante situação, que lhe custara quarenta anos de esforços e que estava gozando agora. E, por isso, inclinou a sua cabeça de cabelos negros, que estavam começando a ficar grisalhos, em sinal de fidelidade e disposição de executar a cruel, insana e desonesta ordem superior.

Depois de se despedir de Bibikov, Nicolai se espreguiçou, com a consciência do dever bem cumprido, olhou o relógio e foi vestir-se para aparecer ante a corte. Tendo vestido o uniforme com dragonas, condecorações e uma fita, saiu para a sala de espera, onde mais de cem pessoas, em lugares predeterminados, os homens de uniforme e as mulheres de elegantes vestidos com decote, aguardavam ansiosos o seu aparecimento.

Com um olhar sem vida, o peito inflado e a barriga comprimida, que transbordava por cima e por baixo da compressão, apareceu ante os que o aguardavam e, sentindo todos os olhares dirigidos para si, com ansiedade e servilismo, assumiu uma atitude ainda mais solene. Encontrando com os olhos rostos conhecidos, lembrava-se de quem se tratava, parava e dizia, ora em russo, ora em francês, algumas palavras e, traspassando os interlocutores com o seu olhar frio e sem vida, ouvia o que lhe diziam.

Tendo recebido congratulações, Nicolai foi à igreja.

Deus, por intermédio dos seus serviços, saudava e louvava Nicolai, tal como o fizeram os homens do mundo, e ele aceitava essas saudações e elogios como algo que lhe fosse devido, embora o aborrecesse. Tudo devia ser assim, porque dele dependiam o bem-estar e a felicidade do mundo, e, embora isso o cansasse, ele não podia recusar ao mundo a sua cooperação. Quando, terminada a missa, um diácono magnífico, muito bem penteado, proclamou: "Que reine por muitos anos", e os

cantores, com lindas vozes, repetiram em uníssono essas palavras, Nicolai se voltou e viu, parada junto à janela, Nielíдова com os seus ombros opulentos, e decidiu a seu favor a comparação com a moça da véspera.

Terminada a missa, foi ter com a imperatriz e passou alguns momentos em família, gracejando com a mulher e os filhos. Depois, através do Palácio do Ermitaj, foi falar com o ministro da corte Volkônski e encarregou-o de entregar, dos seus fundos privados, uma pensão anual à mãe da mocinha da véspera. E de lá dirigiu-se para o seu passeio habitual.

O jantar, naquele dia, decorreu na Sala Pompeana. Além dos filhos menores, Nicolai e Mikhail, foram convidados o barão Liven, o conde Rjevúski, Dolgorúki, o embaixador prussiano e o ajudante de campo do rei da Prússia.

Enquanto esperavam o imperador e a imperatriz, o embaixador prussiano e o barão Liven entabularam uma conversa interessante sobre as últimas notícias alarmantes recebidas da Polónia.

*- La Pologne et le Caucase, ce sont les deux cautères de la Russie** - disse Liven. - *Il nous faut 100 000 hommes à peu près dans chacun de ces deux pays.* **

O embaixador fingiu-se surpreendido.

* "A Polónia e o Cáucaso são os dois cautérios da Rússia."

** "Precisamos de quase cem mil homens em cada um desses países."

– *Vous dites, la Pologne...* * – disse ele.

– *Oh! oui, c'était un coup de maître de Metternich de nous en avoir laissé d'embarras...* **

Nesse ponto da conversa, entrou a imperatriz, com a sua cabeça trêmula e o sorriso imobilizado, seguida de Nicolai.

À mesa, Nicolai falou sobre a adesão de Khadji-Murát e disse que a Guerra do Cáucaso devia terminar em breve, graças à sua ordem de acossar os nativos com a derrubada das matas e com um sistema de fortificações.

O embaixador trocou um olhar furtivo com o ajudante de campo prussiano, com quem falara ainda naquela manhã da malfadada fraqueza de Nicolai de se considerar um grande estrategista, mas elogiou muito esse plano, o qual, segundo ele, mostrava mais uma vez a grande capacidade estratégica de Nicolai.

Depois do jantar, Nicolai foi ao balé, onde viu desfilarem de malha centenas de mulheres seminuas. Uma delas lhe agradou particularmente, e, chamando o coreógrafo, Nicolai agradeceu-lhe o espetáculo e mandou presenteá-lo com um anel cravejado de brilhantes.

* “O senhor diz, a Polônia...”

** “Oh, sim, foi um golpe de mestre de Metternich ter nos deixado este trambolho...”

No dia seguinte, no despacho de Tchernichóv, Nicolai confirmou mais uma vez a sua ordem a Vorontzów de que, depois da rendição de Khadji-Murát, devia-se mais que nunca inquietar a Tchetchênia e comprimi-la com uma linha de fortificações.

Tchernichóv escreveu a Vorontzów nesse sentido, e outro mensageiro viajou para Tiflis, fazendo cair cavalos de cansaço e quebrando a cara dos cocheiros.

XVI

Em cumprimento da referida determinação de Nicolai Pávlovitch, logo em seguida, ainda em janeiro de 1852, empreendeu-se uma incursão na Tchetchênia.

O destacamento designado para a operação consistia em quatro batalhões de infantaria, dois esquadrões de cossacos e oito canhões. A coluna avançou pela estrada. De ambos os lados, em cadeia ininterrupta, descendo e subindo quebradas, caminhavam os caçadores, de botas altas, peliça curta e *papakha*, as armas a tiracolo e a munição presa em cintos. Como de costume, o destacamento atravessava território inimigo mantendo o possível silêncio. Apenas, de quando em quando, rechinavam sobre as valas os canhões sacudidos, ou, não compreendendo a ordem de silêncio, fungava ou relinchava um cavalo

de artilharia, ou ainda algum comandante gritava, contendo a voz rouquenha, enfurecido com os subordinados, porque a fila de caçadores se dispersara demais ou estava caminhando muito perto ou muito longe da coluna. De uma feita apenas, o silêncio se rompeu por algo diferente: de trás de umas sarças de espinho, entre os infantes e a coluna, pulou uma cabra, cinzenta nas costas e branca na barriga, seguida de um bode da mesma pelagem, de chifres pequenos que lhe apontavam para as costas. Os bonitos animais assustados, dando grandes saltos, as patas da frente encolhidas, aproximaram-se tanto da coluna, que alguns soldados correram atrás deles, aos gritos e gargalhadas, pretendendo espetá-los com as baionetas, mas os bichos deram meia-volta, passaram por entre os infantes e, perseguidos por alguns cavalarianos e pelos cachorros da companhia, fugiram para as montanhas que nem pássaros.

O inverno ainda estava em curso, mas o sol começava a erguer-se mais alto e, ao meio-dia, quando o destacamento saído de manhã cedo percorrera já umas dez verstas, aquecia tanto que se sentia calor, e os seus raios tinham tamanha intensidade que doía olhar para o aço das baionetas e para o brilho, semelhante a pequenos sóis, que aparecia súbito sobre o bronze dos canhões.

Atrás, ficava um riacho rápido e límpido, que acabava de ser transposto pelo destacamento; na frente, campos trabalhados e pastos, em vales não muito profundos; mais na frente ainda,

montanhas negras e misteriosas, cobertas de florestas; além das montanhas negras, penhascos que se destacavam e, no horizonte alto, os picos nevados, eternamente belos, sempre diferentes, faiscando qual diamantes.

Na frente da Quinta Companhia, caminhava, de sobreca-saca preta, *papakha* e sabre ao ombro, o alto e bonito oficial Butler, transferido recentemente da guarda. Experimentava um sentimento animador de alegria, de vida e, ao mesmo tempo, de perigo mortal e desejo de agir, e tinha consciência da sua participação num todo incomensurável, governado por uma vontade única. Era a segunda vez que saía para uma ação, e pensava que dentro em pouco estariam sob os tiros inimigos, e que ele não só não abaixaria a cabeça, quando uma granada passasse por cima, e não daria importância ao silvar das balas, mas, como já fizera, levantaria a cabeça ainda mais alto, e, os olhos sorridentes, fixaria os seus companheiros e os soldados, discorrendo sobre algum outro assunto, com a voz mais indiferente.

O destacamento deixou a estrada principal e avançou por outra quase abandonada, que atravessava campos de milho, e foi se aproximando da mata, quando, sem que se visse de onde, um projétil passou com assobio sinistro e bateu perto do centro do comboio, num milharal junto à estrada, revolvendo a terra.

- Já começa - disse Butler, com um sorriso alegre, ao companheiro que ia a seu lado.

E, com efeito, depois de explodir a granada, surgiu da mata um magote compacto de tchetchenos a cavalo, com os seus estandartes. No centro do grupo, havia um grande estandarte verde, e o velho primeiro-sargento da companhia, que tinha vista excelente, comunicou ao míope Butler que devia ser o próprio Chamil. O grupo descia a montanha. Logo em seguida, apareceu no alto do declive mais próximo, prosseguindo a descida. O general miúdo, de sobrecasaca preta e quente, de *papakha* com um grande pompom branco, montado em seu cavalo de passo esquipado, acercou-se da companhia de Butler, ordenando-lhe que se deslocasse para a direita e enfrentasse a cavalaria que descia o morro. Butler conduziu rapidamente a companhia na direção indicada, mas, antes que descesse ao fundo do vale, ouviu atrás de si dois tiros consecutivos de canhão. Voltou-se e viu duas nuvens de fumaça azulada, que se ergueram de duas peças e estavam vagando sobre o vale. O grupo, que provavelmente não esperava encontrar artilharia, recuou. A companhia de Butler começou a atirar sobre os montanheses, e todo o fundo do vale cobriu-se de fumaça de pólvora. Mais acima, porém, via-se como os nativos se retiravam precipitadamente, atirando contra os cossacos que os perseguiam. O destacamento avançou mais, seguindo os montanheses, e, no declive do vale seguinte, descortinou-se um *aul*.

Butler e sua companhia entraram no povoado em passo acelerado, logo após os cossacos. Os habitantes haviam partido.

Os soldados tiveram ordem de incendiar os depósitos de trigo, o feno e as próprias *sáklia*s. Por todo o *aul*, pairava uma fumaça penetrante, por entre a qual se movimentavam os soldados, retirando das *sáklia*s tudo o que encontravam e principalmente apanhando ou fuzilando as galinhas que os montanheses não tiveram tempo de levar. Os oficiais sentaram-se um pouco afastados da fumaça, almoçaram e beberam. Um sargento trouxe-lhes alguns favos de mel, sobre uma tábua. Não se ouviam os *tchetchenos*. Pouco depois do meio-dia, recebeu-se ordem de abandonar o *aul*. A companhia formou em coluna, atrás do povoado, e Butler teve de ficar na retaguarda. Mal se iniciou o movimento, apareceram *tchetchenos*, que acompanharam o destacamento com tiros.

Quando se saiu em campo aberto, os montanheses ficaram para trás. Na companhia de Butler, ninguém fora ferido, e ele voltava no mais alegre e animador estado de espírito.

Quando o destacamento vadeou de volta o riacho por que passara naquela manhã, e se estendeu pelos prados e campos de milho, os cantores formaram na frente das companhias e ressoaram canções. Não havia vento. O ar era fresco, puro e tão transparente que as montanhas nevadas, a uma distância de cem verstas, pareciam muito próximas, e, quando os cantores se calavam, ouviam-se o pisar cadenciado e o tilintar das armas, como um fundo sobre o qual começava e terminava cada canção. Na companhia de Butler, a Quinta, cantava-se a composição de um aspirante, em honra ao regimento, com

motivo de dança, acompanhada do estribilho: Será isso, será isso, caçadores, caçadores?

Butler ia ao lado do seu superior imediato, o major Pietróv, com quem morava e em cuja companhia não cessava de se maravilhar com a sua decisão de se transferir da guarda para o exército em ação no Cáucaso. O motivo principal da sua transferência da guarda consistia em que perdera nas cartas, em Petersburgo, tudo o que possuía. Temia não ter forças para resistir à tentação do jogo, se ficasse na guarda, e agora não tinha mais o que perder. Mas tudo aquilo passara e diante dele estava outra vida, muito boa e repleta de galhardia. Esqueceu a pobreza a que se reduzira e as dívidas a pagar. O Cáucaso, a guerra, os soldados, os oficiais, aquele valente, borracho e bonachão major Pietróv, tudo isso lhe parecia tão bom que às vezes não podia crer que não estivesse mais em Petersburgo, naquelas salas cheias de fumaça de cigarro, apostando contra a banca, odiando o banqueiro e sentindo na cabeça uma dor compressora, mas ali, naquela região maravilhosa, entre galhardos caucasianos.

Será isso, será isso, caçadores, caçadores? – repetiam os cantores da companhia. O cavalo acompanhava aquela música num passo alegre. A cinzenta Triezorka, a cadela felpuda, mascote da companhia, corria como um comandante, o ar preocupado e a cauda enrolada, diante dos comandados de Butler. O oficial estava animado, calmo, alegre. A guerra consistia, a seu ver, unicamente em que ele agora se expunha ao perigo e,

desse modo, ficava merecendo prêmios, bem como o respeito dos seus companheiros de regimento e dos amigos que ficaram na Rússia. Por mais estranho que isso pareça, o outro lado da guerra, a morte, os ferimentos em soldados, oficiais e montanhese, não lhe vinha sequer à lembrança. Inconscientemente, para manter essa imagem poética da guerra, sempre evitava olhar os mortos e feridos. O mesmo fizera naquela ocasião. Do nosso lado, tinha havido três mortos e doze feridos. Ele passou por um cadáver deitado de costas, e somente com um olho viu a posição algo estranha da mão, que parecia de cera, e a mancha vermelho-escura na cabeça, mas não o examinou mais detidamente. Quanto aos montanhese, via neles apenas *djiguites* a cavalo, dos quais era preciso defender-se.

– Pois é isso, paizinho – disse o major, no intervalo de duas canções –, isto aqui é bem diferente da vida de vocês em Petersburgo: esquerda – volver, direita – volver. Agora, fizemos o nosso servicinho e vamos para casa. Machurka* nos servirá *piróg* e *schchi*. Eh, vida! Não é mesmo? E agora: “Quando se ergueu a madrugada”, comandou ele a sua canção predileta.

O major vivia maritalmente com a filha do enfermeiro, a princípio Machka** e, agora, Mária Dmitrievna.*** Era uma

* Diminutivo de Mária.

** Idem.

*** O uso do patronímico indica tratamento respeitoso.

mulher de trinta anos, sem filhos, bonita, muito loura, coberta de sardas. Fosse qual fosse o seu passado, era agora a fiel companheira de Pietróv, tratava dele como uma ama-seca, e isso era necessário ao major, que frequentemente se embebedava até perder os sentidos.

Quando chegaram à fortaleza, tudo se passou como previra o major. Mária Dmítrievna deu de-comer a ele, a Butler e a mais dois oficiais convidados, servindo-lhes o seu farto e saboroso jantar, e o major comeu e bebeu tanto que não podia mais falar e retirou-se para dormir. Butler, também cansado, mas satisfeito e ligeiramente embriagado com *tchikhir*, foi para o quarto e, mal se despiu, pôs a palma da mão sob a sua bonita cabeça crespa e adormeceu com sono forte, sem sonhos nem interrupções.

XVII

O *aul* destruído na incursão era aquele mesmo em que Khadji-Murát passara a noite, antes de se bandear para os russos.

Sado, em casa de quem Khadji-Murát se detivera, fora com a família para as montanhas, quando os russos se aproximaram do *aul*. Voltando, encontrou a sua *sáklia* destruída, o telhado derrubado, a porta e os postes da galeria queimados e todo o interior da casa coberto de imundície. O seu filho, aquele

rapazinho bonito, de olhos coruscantes, que tinha olhado com deslumbramento para Khadji-Murát, fora trazido morto para a mesquita, sobre um cavalo coberto com uma japona. Tinha as costas atravessadas por uma baioneta. A mulher de ar venerável, que servira a refeição a Khadji-Murát durante a sua visita, estava agora com a camisa rasgada no peito, deixando à mostra os seios decrépitos, pendentes, e, os cabelos soltos, mantinha-se curvada sobre o filho, dilacerando o rosto com as unhas e vociferando sem cessar. Sado apanhara a pá e a picareta e fora com os parentes cavar o túmulo do filho. O velho avô estava sentado contra a parede da *sáklia* destruída e, afinando uma vareta, olhava estupidamente diante de si. Acabava de voltar do seu colmeal. Foram incendiadas as duas medas de feno que lá havia, quebradas e queimadas as cerejeiras e os abricoteiros plantados pelo velho e, sobretudo, destruídas todas as colmeias. Ouvia-se o uivar das mulheres em todas as casas e na praça, aonde foram levados mais dois corpos. As crianças pequenas urravam, acompanhando as mães. Urrava também o gado faminto, que não recebia mais nada para comer. As crianças mais crescidas não brincavam, encarando os adultos com olhos assustados.

O chafariz estava emporcalhado, provavelmente deixado assim a propósito, de modo que não se podia apanhar água nele. Igualmente emporcalhada estava a mesquita, e o muezim com os *mutalins* a estavam limpando. Os velhos, chefes de

família, reuniram-se na praça e, de cócoras, discutiam a situação. Ninguém falava sequer do ódio aos russos. O sentimento que experimentavam todos os tchetchenos era mais forte que o ódio. Não odiavam, mas simplesmente não reconheciam aqueles cães russos como gente. Era uma sensação de asco e estupefação ante a crueldade absurda daquelas criaturas, e o desejo de destruí-las, a exemplo do desejo de destruir os ratos, as aranhas venenosas e os lobos, era um sentimento natural como o instinto de conservação.

Os habitantes não tinham alternativa: permanecer nos próprios lugares e reconstruir, com esforço tremendo, tudo o que fora adquirido com tanto trabalho e destruído tão fácil e inutilmente, esperando a qualquer momento sua repetição, ou, contrariando a lei religiosa e o sentimento de repulsa e desprezo pelos russos, submeter-se a estes.

Os anciões rezaram e decidiram, por unanimidade, enviar emissários a Chamil, pedindo-lhe auxílio, e imediatamente se puseram a reconstruir o que fora destruído.

XVIII

No terceiro dia após a incursão, Butler saiu de manhã, relativamente tarde, pelos fundos da casa, para a rua, pretendendo

passar um pouco e respirar ar puro antes do chá matinal, que ele costumava tomar em companhia de Pietróv. O sol se erguera já por trás das montanhas, e doía a vista quando se olhava para as casas brancas de taipa, à direita da rua, mas em compensação, como sempre, alegrava e descansava o espírito olhar para a esquerda, para as montanhas negrejantes que se erguiam e se afastavam, cobertas de florestas, e para a cadeia fosca das alturas nevadas que, aparecendo além do desfiladeiro, procuravam, como de costume, passar por nuvens.

Butler olhava aquelas montanhas e respirava a plenos pulmões, alegrando-se por estar vivo, e por ser precisamente ele quem vivia, e ainda neste mundo magnífico. Alegrava-o um pouco também o fato de se ter comportado tão bem na ação da véspera, tanto nos avanços como, principalmente, na retirada, quando a ação se tornara um tanto intensa; alegrava-o ainda a lembrança de que na véspera, ao voltarem, Machka, isto é, Mária Dmítievna, companheira de Pietróv, lhes servira a refeição e fora particularmente simples e amável com todos, mas sobretudo, conforme lhe parecera, carinhosa com ele. Com a sua grossa trança, os ombros largos, o peito elevado e o sorriso radiante no rosto bondoso, coberto de sardas, ela atraía involuntariamente Butler na sua qualidade de homem moço, forte e solteiro, e ele tinha até a impressão de que Mária Dmítievna o desejava. Mas ele achava que isso não seria correto em relação ao seu bom e sincero amigo, e conduzia-se em

relação a Mária Dmitrievna do modo mais singelo e respeitoso, alegrando-se por isso consigo mesmo. E era nessas relações que pensava naquele momento.

Os seus pensamentos foram distraídos por um patear amiudado, que ouviu na frente, de muitos cascos de cavalos sobre a estrada poeirenta, como se viessem alguns cavaleiros. Ergueu a cabeça e viu no fim da rua um grupo que se aproximava. Dois homens vinham à frente de umas duas dezenas de cossacos: um estava de *tcherkeska* branca e *papakha* coberta de turbante; o outro era um oficial russo, moreno, nariz encurvado, de *tcherkeska* azul, com abundância de prata no traje e sobre as armas. O cavaleiro do turbante montava um lindo alazão, de cabeça pequena e olhos magníficos. O oficial montava um cavalo alto e vistoso, da raça karabakh. Butler, que apreciava cavalos, atribuiu imediatamente o devido valor à força e ao ânimo do primeiro animal e parou, para verificar quem eram aqueles homens. O oficial dirigiu-se a Butler.

- É casa comandante praça? - perguntou ele, sem declinar as palavras, mostrando assim e pelo sotaque a sua origem estrangeira, e indicando com a chibata a casa de Ivan Matviéievitch. Butler respondeu afirmativamente.

- Quem é ele? - perguntou, acercando-se mais do oficial e indicando com os olhos o homem do turbante.

- É Khadji-Murát. Vem para cá, vai hospedar-se em casa comandante - disse o oficial.

Butler sabia da passagem de Khadji-Murát para o lado dos russos, mas de modo algum esperava encontrá-lo ali, naquela pequena fortificação.

Khadji-Murát olhava para ele com expressão amistosa.

- Bom dia, *kochkoldi** - disse a saudação em tártaro que decorara.

- *Saubul*** - respondeu Khadji-Murát, acenando com a cabeça.

Aproximou-se de Butler e estendeu-lhe a mão, um pinguelim preso a dois dedos.

- Comandante? - perguntou ele.

- Não, vou chamar o comandante - disse Butler, dirigindo-se ao oficial. Em seguida, subiu a escadinha e empurrou a porta.

Mas a porta da "entrada de gala", como a chamava Mária Dmítievna, estava fechada. Butler bateu na porta, e, não recebendo resposta, rodeou a casa, para entrar pelos fundos. Chamou a sua ordenança, mas não recebeu resposta, e, não tendo encontrado também a ordenança do major, entrou na cozinha. Mária Dmítievna, muito vermelha, a cabeça coberta com um lenço, as mangas arregaçadas sobre os braços brancos e roliços, cortava em pedaços pequenos, para bolinhos, a massa enrolada, que era tão alva como os seus braços.

* "Seja bem-vindo."

** "Desejo-te saúde."

- Aonde foram as ordenanças? - perguntou Butler.

- Embebedar-se - disse Mária Dmítrievna. - Mas para que precisa deles?

- Para abrir a porta. Em frente da sua casa, está um bando inteiro de montanheses. Khadji-Murát chegou.

- Invente mais alguma coisa - disse Mária Dmítrievna e sorriu.

- Não estou brincando, é verdade. Estão parados diante da casa.

- Será possível? - disse ela.

- Para que ia eu inventar? Vá ver, ele está aí.

- Que coisa! - disse Mária Dmítrievna, deixando cair as mangas e apalpando com a mão uns grampos em sua grossa trança. - Agora, vou acordar Ivan Matviéievitch.

- Não, vou eu - disse Butler. - E tu, Bondárenko, vai abrir a porta.

- Está bem - e Mária Dmítrievna voltou à sua tarefa.

Sabendo que Khadji-Murát chegara, Ivan Matviéievitch, que já ouvira falar da sua permanência em Grózní, não se espantou nem um pouco e, levantando-se, enrolou um cigarro, acendeu-o e começou a vestir-se, tossindo alto e resmungando contra o comando, que lhe enviara "aquele diabo". Depois de se vestir, exigiu que a ordenança lhe desse "remédio". E o soldado, sabendo que o nome remédio designava vodca, serviu-a.

- Nada pior que misturar as bebidas - resmungou ele, depois de tomar vodca e morder um pedaço de pão preto. - Ontem, bebi *tchikhir*, e hoje tenho dor de cabeça. Bem, agora estou pronto - acrescentou, e foi para a sala de visitas, para onde Butler já conduzira Khadji-Murát e o oficial que o acompanhava.

Esse oficial transmitiu a Ivan Matviéievitch a ordem do comandante do flanco esquerdo de receber Khadji-Murát e, permitindo-lhe manter comunicação com os montanheses, por meio de emissários, não deixar que saísse da fortaleza, a não ser com escolta de cossacos.

Tendo lido a comunicação, Ivan Matviéievitch olhou fixamente para Khadji-Murát e tornou a concentrar-se na leitura. Passando assim diversas vezes os olhos do papel para Khadji-Murát, deteve finalmente nele o olhar e disse:

- *Iakchi, bek, iakchi.* * Que more aqui. Diga-lhe assim mesmo, que tenho ordens de não o deixar sair. E as ordens são sempre sagradas. Mas onde vamos alojá-lo? O que pensas, Butler? Vamos deixá-lo no escritório?

Butler não chegou a responder, pois Mária Dmítrievna, que viera da cozinha e estava parada à porta, dirigiu-se a Ivan Matviéievitch:

* "Está bem, senhor, está bem."

- Para quê? Deixe-o aqui. Vamos dar-lhe o quarto dos hóspedes e a despensa. Pelo menos, estará sempre à vista - disse, olhou para Khadji-Murát e, encontrando seu olhar, voltou precipitadamente a cabeça.

- Eu creio que Mária Dmítrievna tem razão - disse Butler.

- Bem, bem, anda, isso não é assunto para mulheres - observou Ivan Matviéievitch, franzindo o sobrolho.

Enquanto durou a conversa, Khadji-Murát manteve-se sentado, a mão metida atrás do cabo do punhal e um ligeiro sorriso de desprezo. Finalmente, disse que lhe era indiferente onde morar. A única coisa de que precisava, e que o *sardar* lhe permitira, era manter ligação com os montanheses, e por isso queria que os deixassem vir falar com ele. Ivan Matviéievitch disse que assim se faria e pediu a Butler que se ocupasse dos hóspedes, enquanto lhes trariam algo para comer e preparariam os quartos, e ele próprio preencheria alguns papéis em seu escritório e daria as ordens necessárias.

Logo se definiram com muita nitidez as relações de Khadji-Murát com os seus novos conhecidos. Desde o primeiro momento em que conheceu Ivan Matviéievitch, sentiu por ele repugnância e desprezo, tratando-o sempre com ar superior. Gostou particularmente de Mária Dmítrievna, que lhe preparava e servia as refeições. Agradavam-lhe a sua simplicidade, a beleza diferente de um povo que lhe era estranho, a atração que ela sentia por ele e da qual também se contagiou incons-

cientemente. Procurava não a olhar nem conversar com ela, mas os seus olhos seguiam-na sem querer e acompanhavam-lhe os movimentos.

Travou relações de amizade com Butler, logo depois do primeiro encontro; falava com ele de bom grado, fazendo-lhe perguntas sobre a vida que levava, contando-lhe a sua e comunicando-lhe as notícias que os emissários lhe traziam sobre a situação da sua família e, até, pedindo-lhe conselhos sobre o que deveria fazer.

Não eram boas as notícias que recebia. Nos quatro dias que passou na fortaleza, recebeu duas vezes os seus homens, e ambas as vezes elas foram más.

XIX

Logo depois da passagem de Khadji-Murát para o lado dos russos, a família dele fora levada para o *aul* de Veden e colocada sob vigilância, à espera da decisão de Chamil. A velha Patimat, as duas esposas de Khadji-Murát e os seus cinco filhos pequenos moravam sob guarda na *sákliá* do comandante de esquadrão Ibraim Rachid, mas Iussuf, o filho de dezoito anos de Khadji-Murát, estava na prisão, isto é, numa fossa com mais de um sajene de profundidade, em companhia de

sete criminosos, que esperavam como ele a decisão do seu destino.

Essa decisão não vinha porque Chamil estava fora, lutando com os russos.

Em 6 de janeiro de 1852, ele estava regressando para Venedo, depois de um combate com os russos, no qual, segundo a opinião destes, fora derrotado e obrigado a fugir, e, segundo sua própria opinião e a de todos os *miurides*, tivera uma vitória e expulsara os russos. Naquele combate, ele atirara pessoalmente de fuzil, o que acontecia muito raramente, e, desembainhando o sabre, quisera impelir o seu cavalo contra os russos, mas os *miurides* que o acompanhavam detiveram-no. Dois deles foram mortos ali mesmo, ao lado de Chamil.

Era meio-dia quando ele se aproximou do seu local de moradia, cercado por um grupo de *miurides*, que faziam piruetas a cavalo, atiravam de fuzil e de pistola e cantavam sem cessar: “*La ilá il Alá*”.

Toda a população do grande *aul* de Venedo estava na rua e sobre os telhados, saudando o seu chefe, e em sinal de regozijo também disparava fuzis e pistolas. Chamil montava um cavalo árabe branco, que repuxava alegremente as rédeas, sentindo a proximidade da casa. Os arreios eram muito simples, sem enfeites de ouro ou prata: brida de couro vermelho, finamente trabalhado, com um risquinho no meio, estribos de metal e manta escarlate sob a sela. O imame vestia uma peliça coberta

com fazenda castanha, sob a qual aparecia um pouco de pele negra, junto ao pescoço e às mangas; a peliça estava apertada sobre o corpo comprido e fino por um cinto negro com punhal. Na cabeça, tinha uma alta *papakha* de fundo chato, com um pompom preto, na qual se enrolava um turbante branco, cuja ponta lhe descia abaixo do pescoço. Os pés estavam calçados com sapatos de pano verde, e trazia polainas pretas, ligadas com simples barbante.

De modo geral, não havia sobre o imame nenhum objeto brilhante, de ouro ou prata, e o seu vulto alto, ereto, vigoroso, num traje sem enfeites, rodeado de *miurides* cobertos de brilhos dourados e prateados sobre o traje e as armas, causava precisamente aquela impressão de grandeza que ele queria e sabia dar ao povo. O seu rosto pálido, emoldurado por uma barba ruiva, aparada, de olhos pequenos, constantemente entrecerrados, parecia de pedra e mantinha-se absolutamente imóvel. Atravessando o *aúl*, sentia fixos sobre si milhares de olhos, mas os seus não se dirigiam para ninguém. As mulheres de Khadji-Murát, acompanhadas dos filhos, saíram com todos os habitantes da *sákliá* para a galeria, a fim de ver a chegada do imame. Somente a velha Patimat, mãe de Khadji-Murát, não saiu e permaneceu na mesma atitude, os cabelos brancos espalhados, sentada no chão da *sákliá*, abraçando os joelhos magros com os braços compridos, e, piscando os ardentes olhos negros, fitava os ramos que estavam acabando de se consumir

na lareira. Tal como o filho, sempre odiara Chamil; agora o odiava mais ainda e não queria vê-lo.

O filho de Khadji-Murát também não viu a entrada triunfal de Chamil. Ouvira apenas, do fundo da sua fossa escura e fétida, os tiros e as canções, e se atormentava como se atormentam os homens jovens e cheios de vida, quando privados da liberdade. Sentado em sua fossa fedorenta e vendo sempre os mesmos homens enclausurados com ele, infelizes, imundos, depauperados, na maioria odiando-se, ele invejava ardentemente aqueles outros homens que, aproveitando a luz, o ar, a liberdade, volteavam em torno do chefe, davam tiros e cantavam em uníssono: "*La ilá il Alá*".

Atravessado o *aul*, Chamil penetrou num grande pátio, ligado a outro, no qual se encontrava o seu serralho. Dois lesguinos* armados esperavam-no junto ao portão aberto do primeiro pátio, repleto de gente. Ali estavam homens vindos de longe, a negócios, solicitadores e outros cuja presença fora exigida por Chamil, para que pudesse julgá-los e decidir a sua sorte. Quando Chamil entrou, todos os que se encontravam no pátio se ergueram e saudaram respeitosos o imame, encostando as mãos no peito. Alguns se ajoelharam, e assim permaneceram enquanto Chamil percorria o pátio, de um portão a outro.

* Um dos povos que habitam o Cáucaso.

Embora Chamil tivesse reconhecido entre os que o aguardavam muitos indivíduos que lhe eram antipáticos e inúmeros solicitadores maçantes, que exigiam atenção para os seus casos, passou por eles com o mesmo rosto imutável, pétreo, e, entrando no pátio interior, apeou-se junto à galeria da sua residência, à esquerda de quem atravessasse o portão.

Depois da tensão, menos física do que moral, da campanha (pois Chamil, apesar de apregoar que ela constituíra uma vitória, sabia que se tratava de um insucesso, que muitos *auis* tinham sido devastados e queimados e que o volúvel povo dos tchetchenos vacilava, e alguns deles, os que ficavam mais perto dos russos, já estavam prontos a passar para o outro lado, e tudo isso era difícil), precisava tomar medidas, mas naquele momento Chamil não queria pensar em nada. Desejava uma coisa apenas: o repouso e o encanto dos carinhos domésticos da mais querida de suas mulheres, a kistiniana* Aminet, de dezoito anos, olhos negros e pernas muito ágeis.

Mas não somente não podia pensar agora em ver Aminet, que estava ali mesmo, atrás do muro que separava, no pátio interno, o apartamento feminino do masculino (Chamil tinha certeza de que, no próprio instante em que descia do cavalo, Aminet e outras mulheres estavam espiando por uma fenda

* Isto é, da região do rio Kistin.

no muro), não somente não podia ir vê-la, como não era lícito sequer deitar-se no colchão de penas e repousar da viagem. Era preciso, antes de tudo, realizar a unção do meio-dia, para a qual não tinha a menor disposição, mas que não podia deixar de levar a efeito, não só por ser o chefe religioso do seu povo, mas também porque tal ato lhe era indispensável como o pão de cada dia. E ele procedeu à unção e à reza, depois da qual mandou chamar os que o esperavam.

O primeiro a entrar foi o seu sogro e mestre, Djemal-Edin, um ancião alto, encanecido, venerável, de barba alva como neve e rosto muito corado, que, depois de rezar a Deus, pôs-se a interrogar Chamil sobre o ocorrido na campanha e a contar o que sucedera nas montanhas, na sua ausência.

Entre notícias da mais variada natureza, sobre mortes por vingança, roubo de gado, transgressão das prescrições do *Tarikat* quanto ao fumo e ao álcool, Djemal-Edin comunicou que Khadji-Murát enviara gente a fim de conduzir a sua família para o lado russo, mas que se descobrira a trama e os membros da família foram levados para Vedenó, onde se encontravam sob guarda, à espera da decisão do imame. No quarto dos hóspedes, ao lado, estavam reunidos os anciãos, para discutir esses casos, e Djemal-Edin aconselhou Chamil a dispensá-los, pois fazia já três dias que esperavam por ele.

Depois de comer nos seus aposentos o jantar que lhe trouxe a mais velha das suas esposas, Zaidet, de nariz aguçado, pele

escura e rosto desagradável, e de quem ele não gostava, Chamil passou para o quarto dos hóspedes.

Seis homens, que constituíam o seu conselho, velhos de barbas brancas, grisalhas ou ruivas, alguns de turbante e todos de *papakha* alta e *biechmiét* e *tcherkeska* novos, com punhais pendentes de cintos de couro, ergueram-se ao seu encontro. Chamil era uma cabeça mais alto que todos eles. Seguindo o seu exemplo, os seis levantaram as mãos com as palmas para cima e, fechando os olhos, proferiram uma oração, depois passaram as mãos no rosto, fazendo-as descer pela barba e juntando-as. A seguir, cada um se sentou, com Chamil no centro, sobre uma almofada mais alta, e começou a discussão dos diferentes casos.

Julgaram-se os crimes de acordo com a *Charia*: dois acusados de roubo foram condenados à perda de um braço, um acusado de homicídio, ao degolamento, e três foram absolvidos. A seguir, passaram ao caso mais importante: as medidas a serem tomadas a fim de evitar a passagem dos tchetchenos para o lado dos russos. Djemal-Edin tinha escrito a seguinte proclamação:

Desejo-vos paz eterna com Deus onipotente. Ouvi dizer que os russos vos fazem agrados e vos convidam à submissão. Não lhes deis crédito e tende paciência. Se não fordes premiados por isso na vida presente, sê-lo-eis na futura. Lembrai-vos do que sucedeu outrora, quando vos tiraram as armas. Se, em 1840, Deus não tivesse feito descer sobre vós a razão, serieis agora soldados,

usaríeis baioneta em vez de punhal, as vossas mulheres não usariam *charovári* e estariam desonradas. Julgai o futuro pelo passado. É melhor morrer na guerra contra os russos do que viver com os infiéis. Tende paciência, e eu irei até onde estais, com o sabre e o Corão, e conduzir-vos-ei contra os russos. E agora vos ordeno severamente que não tenhais intenção ou sequer o mais ligeiro desígnio de vos submeter aos russos.

Chamil aprovou essa proclamação e, depois de assiná-la, resolveu enviá-la ao destino.

Em seguida, discutiu-se o caso de Khadji-Murát, que era muito importante para Chamil. Embora não quisesse reconhecer, ele sabia que, se Khadji-Murát estivesse com ele, graças à sua habilidade, coragem e denodo, não teriam lugar os acontecimentos que estavam ocorrendo agora na Tchetchênia. Seria bom fazer as pazes com Khadji-Murát e usar mais uma vez os seus serviços; mas, se não fosse possível, em todo caso devia-se evitar que ele prestasse auxílio aos russos. Por isso, era preciso atraí-lo, para matá-lo depois. O meio de realizar isso era mandar a Tiflis alguém que desse cabo dele, ou chamá-lo a Vedeno e matá-lo ali. Havia um único meio de executar este último desígnio: aproveitar a família e sobretudo o filho de Khadji-Murát, por quem este, como sabia Chamil, tinha um afeto ardente. Devia-se, pois, agir por intermédio do filho.

Depois que os conselheiros discutiram o assunto, Chamil fechou os olhos e se calou.

Os conselheiros sabiam que isso significava estar ele ouvindo agora a voz do profeta, que lhe indicava o que devia ser feito. Depois de um silêncio solene que durou cinco minutos, Chamil abriu os olhos, entrecerrou-os ainda mais e disse:

- Tragam à minha presença o filho de Khadji-Murát.
- Está aqui - disse Djemal-Edin.

Com efeito, Iussuf, o filho de Khadji-Murát, magro, páli-do, esfarrapado e fedorento, mas ainda belo de corpo e de semblante, de olhos negros e ardentes como os da sua avó Patimat, estava ao portão do pátio externo, esperando que o chamassem.

Iussuf não partilhava os sentimentos do pai em relação a Chamil. Ele não conhecia tudo o que se passara, ou, se conhecia, não tendo sofrido aquilo, não compreendia por que seu pai hostilizava Chamil com tamanha persistência. Desejando unicamente o prosseguimento da vida fácil e devassa que levava em Khunzakh, na qualidade de filho do *naib*, considerava de todo desnecessário hostilizar Chamil. Em choque e contradição com seu pai, admirava particularmente Chamil e tinha por ele a veneração extática comum aos montanheses. Foi com um sentimento de ansiedade e reverência pelo imame que ele entrou no quarto dos hóspedes e, parando à porta, encontrou o olhar fixo e entrecerrado de Chamil. Ficou parado algum

tempo, depois se acercou de Chamil e beijou a sua grande mão alva, de dedos compridos.

- És o filho de Khadji-Murát?

- Sim, imame.

- Sabes o que ele fez?

- Sei, imame, e lamento.

- Sabes escrever?

- Eu estudei para muezim.

- Escreve, pois, a teu pai que, se ele voltar para o meu lado agora, antes do *Bairam*, vou perdoar-lhe e tudo será como antes. No caso contrário, se ele ficar do lado dos russos - Chamil franziu, ameaçador, o sobrolho - vou soltar tua avó e tua mãe pelos *auis* e degolar-te.

Nenhum músculo estremeceu no rosto de Iussuf, e ele inclinou a cabeça, em sinal de que havia compreendido as palavras de Chamil.

- Escreve isso e entrega ao meu emissário.

Chamil calou-se e ficou olhando muito tempo para Iussuf.

- Escreve, melhor, que tive pena de ti e que, por isso, em vez de te matar, vou vazar-te os olhos, como faço a todos os traidores. Vai.

Iussuf parecia calmo em presença de Chamil, mas, quando o levaram para fora do quarto dos hóspedes, atirou-se sobre o seu guarda e, retirando-lhe o punhal da bainha, tentou apu-

nhalar-se. Seguraram-lhe as mãos, ataram-nas e levaram-no de volta à fossa.

No mesmo dia, depois que terminou a oração vespertina e escureceu, Chamil vestiu a peliça branca, atravessou o muro, foi para aquela parte do pátio onde se alojavam as suas mulheres e dirigiu-se para o quarto de Aminet. Ela não estava ali, e sim com as mulheres mais velhas. Procurando não ser notado, Chamil permaneceu atrás da porta e esperou. Mas Aminet estava zangada com Chamil, porque ele dera um corte de seda a Zaidet e não a ela. Viu-o sair do quarto e depois entrar de novo, à sua procura, mas intencionalmente não foi para lá. Permaneceu muito tempo à porta do quarto de Zaidet e, rindo baixinho, ficou olhando o vulto branco de Chamil, ora entrando, ora saindo do quarto dela. Depois de esperá-la muito tempo, Chamil voltou para o seu quarto, já na hora da oração da meia-noite.

XX

Khadji-Murát passou uma semana na fortificação, em casa de Ivan Matviéievitch. Embora Mária Dmítrievna brigasse com o hirsuto Khanéfi (Khadji-Murát viera acompanhado somente

de Khanéfi e Eldar) e o tivesse enxotado uma vez da cozinha, porque ele quase a apunhalara, era evidente que ela nutria especiais sentimentos de simpatia e consideração por Khadji-Murát. Não lhe servia mais o jantar, depois de haver encarregado Eldar dessa tarefa, mas aproveitava todas as ocasiões de vê-lo e de lhe prestar serviço. Também ela se interessava vivamente pelas negociações sobre a sua família, sabia quantas esposas ele possuía, quantos filhos e de que idade, e, toda vez que ele recebia um emissário, interrogava a quem podia sobre o resultado das negociações.

Quanto a Butler, naquela semana, tornara-se de uma vez amigo de Khadji-Murát. Às vezes, este ia ao seu quarto, outras vezes era ele quem o procurava. De quando em quando, palestravam por intermédio do intérprete, mas, outras vezes, pelos seus próprios meios, com sinais e, principalmente, com sorrisos. Khadji-Murát parecia gostar de Butler. Isso se evidenciava pelo tratamento que a este dispensava Eldar. Quando Butler entrava no quarto de Khadji-Murát, Eldar o recebia arreganhando com satisfação os dentes brilhantes, ajeitava depressa uma almofada para que se sentasse e tirava-lhe o sabre, se o trazia.

Butler travou relações e tornou-se amigo também do hirsuto Khanéfi, irmão adotivo de Khadji-Murát. Khanéfi conhecia muitas canções das montanhas e cantava-as bem. Para agradar a Butler, Khadji-Murát chamava Khanéfi e ordenava-lhe que cantasse, indicando as canções que lhe pareciam melhores.

Khanéfi tinha uma voz alta de tenor e cantava com muita clareza e sentimento. Khadji-Murát gostava sobretudo de uma daquelas canções, e ela impressionou Butler pelo seu estribilho solene e triste. Butler pediu ao intérprete que lhe traduzisse o seu sentido e anotou-a.

A canção tratava de vingança de sangue, daquele mesmo pacto que existia entre Khanéfi e Khadji-Murát.

Dizia o seguinte:

Secar-se-á a terra da minha sepultura, e hás de me esquecer, minha mãe! A erva dos túmulos há de crescer no cemitério, e abafará o teu desgosto, meu velho pai. As lágrimas secarão nos olhos de minha irmã, e o sofrimento fugirá do seu coração.

Mas não me esquecerás, meu irmão mais velho, enquanto não vingares a minha morte. E não me esquecerás também, meu segundo irmão, enquanto não te deitares ao meu lado.

És quente, ó bala, e carregas a morte, mas não foste tu a minha escrava fiel? Hás de me cobrir, ó terra negra, mas não era eu quem te pisava com as patas de meu cavalo? És fria, ó morte, mas eu fui teu senhor. A terra tomará meu corpo, o céu receberá minh'alma.

Khadji-Murát sempre ouvia essa canção com os olhos fechados e, quando ela terminava com um som longo, que desfalecia, dizia em russo:

- Bom canção, inteligente canção.

A poesia daquela vida diferente e enérgica, que se levava nas montanhas, envolveu ainda mais Butler, depois da chegada de Khadji-Murát e da aproximação com ele e com os seus *miurides*. Butler arranjou uma *tcherkeska*, um *biechmiét* e perneiras como aquelas que usavam os montanhese. Parecia-lhe que ele próprio era um habitante das montanhas e que levava uma vida como a daquela gente.

No dia da partida de Khadji-Murát, Ivan Matviéievitch reuniu alguns oficiais, para lhe dar as despedidas. Uns estavam sentados à mesa de chá, onde Mária Dmítrievna enchia os copos, outros junto à outra mesa, com vodca, *tchikhir* e salgados, quando Khadji-Murát, em traje de viagem, e armado, entrou mancando na sala, com os seus passos rápidos e macios.

Todos se ergueram e lhe apertaram a mão. Ivan Matviéievitch convidou-o a sentar-se no sofá, mas ele agradeceu e ocupou a cadeira junto à janela. O silêncio, que passara a reinar depois da sua chegada, parecia não o incomodar nem um pouco. Examinou atento os rostos de todos e fixou um olhar indiferente na mesa com o samovar e os salgados. O oficial Pietrokóvski, muito vivo, e que via Khadji-Murát pela primeira vez, perguntou-lhe por intermédio do intérprete se gostara de Tiflis.

– Aia – respondeu ele.

– Diz que sim – traduziu o intérprete.

– Mas do que foi que ele gostou?

Khadji-Murát respondeu algo.

- Gostou principalmente do teatro.
- E do baile em casa do comandante em chefe?
Khadji-Murát franziu o cenho.
- Cada povo tem seus costumes. As nossas mulheres não se vestem daquela maneira - disse, olhando para Mária Dmítrievna.
- Segundo parece, ele não gostou, não é verdade?
- Temos um provérbio - disse ele ao intérprete -, um cachorro alimentou um asno com carne, e este por sua vez serviu feno àquele. Ambos ficaram com fome - sorriu. - Para cada povo, são bons os seus próprios costumes.
- A conversa estancou. Uns oficiais começaram a tomar chá, outros a se alimentar. Khadji-Murát tomou o copo de chá que lhe ofereceram e colocou-o na frente.
- Quer um pouco de nata, pão? - perguntou Mária Dmítrievna, servindo.
- Khadji-Murát inclinou a cabeça.
- Bem, adeus! - disse Butler, tocando-lhe o joelho. - Quando nos vermos de novo?
- Adeus, adeus! - disse Khadji-Murát em russo, sorrindo. - *Kunāk bulur*. Muito amigo teu. Está na hora, vamos! - disse ele, com um aceno de cabeça que parecia indicar a direção para onde tinham de ir.
- Eldar apareceu à porta, com um objeto grande e branco ao ombro e um sabre na mão. Khadji-Murát lhe indicou que se

aproximasse, o que ele fez com os seus passos largos, dando a japona branca e o sabre a Khadji-Murát. Este se levantou, tomou a japona e, passando-a sobre o braço, estendeu-a a Mária Dmítrievna, dizendo algo ao intérprete, que traduziu:

- Ele diz que fiques com a japona, pois a elogiaste.
- Para que isso? - perguntou Mária Dmítrievna, corando.
- É preciso. *Adat* assim - disse Khadji-Murát.

- Bem, obrigada - retrucou Mária Dmítrievna, tomando a japona. - Que Deus lhe permita salvar o filho - acrescentou ela. - *Ulan iakchi*. * Traduza-lhe que desejo que salve a família.

Khadji-Murát olhou para Mária Dmítrievna e sacudiu a cabeça em sinal de aprovação. Depois, apanhou o sabre das mãos de Eldar e passou-o a Ivan Matviéievitch. Este o aceitou e dirigiu-se ao intérprete:

- Diga-lhe que leve o meu cavalo castanho, pois não tenho mais nada para dar-lhe.

Khadji-Murát sacudiu o braço diante do rosto, mostrando assim que não precisava de coisa alguma e nada aceitaria; depois, apontando para as montanhas e para o seu coração, caminhou para a saída. Todos o seguiram. Os oficiais que ficaram na sala desembainharam o sabre e, examinando a ponta, decidiram que era uma *gurda* autêntica.

* "É ótima pessoa" (em kumiko).

Butler saiu com Khadji-Murát para o patamar da escada, mas ali aconteceu um episódio que podia ter custado a vida de Khadji-Murát, não fossem sua presença de espírito, decisão e agilidade.

Os habitantes do *aul* kumiko Tach-Kitchu, que tinham grande consideração por Khadji-Murát e haviam vindo muitas vezes à fortificação somente para olhar o famoso *naib*, enviaram-lhe três dias antes emissários, com o pedido de que fosse sexta-feira à mesquita deles. Mas os príncipes kumikos, que viviam em Tach-Kitchu, odiavam Khadji-Murát e tinham uma vingança de sangue a executar contra ele. Quando souberam do convite, declararam ao povo que não permitiriam a sua entrada na mesquita. O povo se agitou e houve um choque com os partidários dos príncipes. O comando russo interveio, a fim de pacificar aqueles montanhesees, e mandou dizer a Khadji-Murát que não fosse à mesquita. Ele não foi, e todos pensaram que o caso estivesse encerrado.

Mas, no próprio momento da partida de Khadji-Murát, quando estava fora da residência, junto à entrada, os cavalos preparados, o príncipe kumiko Arslan-cã, conhecido de Butler e de Ivan Matviéievitch, aproximou-se da casa.

Vendo Khadji-Murát, puxou uma pistola que trazia à cintura e apontou-a na sua direção. Mas antes que tivesse tempo de atirar, Khadji-Murát, não obstante a sua manqueira, lançou-se como um gato do patamar da escada sobre Arslan-cã. Este

atirou, sem acertar. Khadji-Murát, ao chegar até ele, apanhou com uma das mãos a rédea do seu cavalo, enquanto com a outra lhe arrancava da mão o punhal, e gritou algo em tártaro.

Butler e Eldar correram ao mesmo tempo na direção dos inimigos e seguraram-lhes as mãos. Ouvindo o tiro, Ivan Matviéievitch também saiu.

- Como pudeste, Arslan, cometer uma indignidade dessas na frente da minha casa? - disse, ao saber do que se tratava. - Assim não vale, irmão. Vocês são inimigos, está certo, mas não quero saber de massacres em minha casa.

Arslan-cã, um homenzinho miúdo, de bigodes negros, muito pálido e trêmulo, apeou-se do cavalo, lançou um olhar mau para Khadji-Murát e foi com Ivan Matviéievitch para dentro da casa. Khadji-Murát voltou para junto dos cavalos, ofegante e sorrindo.

- Por que ele queria matá-lo? - perguntou Butler, por intermédio do intérprete.

- Ele diz que tal é a nossa lei - disse o intérprete, traduzindo as palavras de Khadji-Murát. - Arslan precisava vingar nele sangue derramado, e por isso quis matá-lo há pouco.

- E se ele o alcançar pelo caminho? - perguntou Butler.

Khadji-Murát sorriu.

- Que remédio? Se me matar, será porque assim quis Alá. Bem, adeus - disse, novamente em russo, e, segurando a cernelha do cavalo, correu com os olhos todos os que vie-

ram despedir-se dele e dirigiu um olhar afável para Mária Dmítrievna.

- Adeus, mãezinha - disse, dirigindo-se a ela. - Obrigado.

- Que Deus lhe permita, que Deus lhe permita libertar a família - repetiu Mária Dmítrievna.

Ele não compreendeu as palavras, mas sentiu a sua simpatia e fez-lhe um aceno de cabeça.

- Vê lá, não esqueças o *kunák* - observou Butler.

- Diga-lhe que sou seu amigo fiel. Nunca o esquecerei - retrucou ele, por intermédio do intérprete, e, apesar da sua perna torta, mal tocou o estribo e transportou com movimento ligeiro o seu corpo para cima da sela alta, apalpou como de costume a pistola, corrigiu a posição do sabre e cavalgou para longe da casa de Ivan Matviéievitch, com aquele ar altivo e belicoso com que somente os montanhesees andam a cavalo. Khanéfi e Eldar também montaram e, despedindo-se amistosamente dos donos da casa e de todos os oficiais, acompanharam a trote o seu *miurchide*.

Como de costume, começaram os comentários sobre aquele que partira.

- Um bichão! Atirou-se como um lobo sobre Arslan-cã, até o seu rosto se transfigurou todo.

- Vai nos enganar, deve ser um grande velhaco - disse Pietrokóvski.

- Queira Deus que haja mais velhacos assim entre os rusos - disse, aborrecida, Mária Dmítrievna, intrometendo-se na

conversa. – Passou uma semana entre nós, e só vimos coisas boas – disse ela. – Afável, inteligente, justiceiro.

– Como pôde descobrir tudo isso?

– Está claro que descobri.

– Enrabiou-se, hein? – disse Ivan Matviéievitch, que acabava de entrar. – Quanto a isso, não há dúvida.

– Bem, enrabihei-me. E o que é que tem a ver com isso? Mas para que criticar, se ele é uma excelente pessoa? É tártaro, mas bom.

– Tem razão, Mária Dmítievna – disse Butler. – Fez muito bem em defendê-lo.

XXI

A vida dos habitantes das fortalezas avançadas do setor da Tchetchênia corria como de costume. Depois daquele dia, houve dois alarmes, as companhias saíram precipitadamente, os cossacos e milicianos cavalgaram, mas de ambas as vezes não puderam deter os montanhese: sempre escapavam e, de uma feita, em Vozdvijenskoie, mataram um cossaco e levaram oito cavalos que estavam junto ao bebedouro. Não houve novas incursões, depois daquela em que se destruiu um *aul*. Esperava-se, no entanto, uma expedição importante para

a Grande Tchetchênia, em virtude da nomeação do príncipe Bariatinski para comandante do flanco esquerdo.

O príncipe Bariatínski, amigo do príncipe herdeiro, ex-comandante do regimento Kabardínski, logo depois da sua chegada a Grózni, na qualidade de comandante de todo o flanco esquerdo, reuniu um destacamento, a fim de prosseguir cumprindo aquelas determinações do czar sobre as quais Tchernichóv escrevera a Vorontzów. O destacamento reunido em Vozdvijenskoie saiu da fortaleza para tomar posição na direção de Kúrinski. As tropas estacionaram lá e ocuparam-se com a derrubada.

O jovem Vorontzów vivia numa barraca de pano magnífica, e a sua esposa Mária Vassílievna vinha visitá-lo no acampamento, ficando muitas vezes para pernoitar. Não constituíam segredo para ninguém as relações de Bariatínski com Mária Vassílievna, e, por isso, soldados e oficiais menos cortesãos xingavam-na rudemente, pois, graças à sua presença no acampamento, eles eram enviados em patrulhas noturnas. Habitualmente, os montanhese traziam canhões e bombardeavam o acampamento. O mais das vezes, as granadas não acertavam no alvo e, por isso, não se costumava tomar medidas para fazer cessar o bombardeio. Mas, para que os montanhese não pudessem assustar Mária Vassílievna com os seus tiros, enviavam-se patrulhas. E era desagradável e humilhante sair todas as noites em patrulha, unicamente para que a damazinha não se assustasse, e, por isso,

Mária Vassílievna era mimoseada com termos muito grosseiros pelos soldados e pelos oficiais não admitidos na alta sociedade.

Butler, que estava de férias, fora visitar nesse destacamento os seus colegas do Colégio Militar* e do regimento Kúrinski. Nos primeiros dias, passara muito bem o tempo. Instalara-se na barraca de Poltorátzki, onde encontrou muitos conhecidos que o receberam com satisfação. Foi também visitar Vorontzów, a quem conhecia um pouco, pois servira algum tempo no mesmo regimento com ele. Vorontzów recebeu-o muito afavelmente e o apresentou ao príncipe Bariatínski, convidando-o também para o jantar de despedida, que ele dava em honra do general Kozlówski, que precedera Bariatínski no comando do flanco esquerdo.

Foi um jantar magnífico. Para tal fim, trouxeram-se e armaram-se seis barracas contíguas. Em todo o seu comprimento, foi posta a mesa, coberta de garrafas e talheres. Tudo lembrava a vida em Petersburgo, na guarda. Às duas, foram à mesa. No centro, sentaram-se, frente a frente, Kozlówski e Bariatínski. Vorontzów sentou-se à direita de Kozlówski, e sua esposa à esquerda. De ambos os lados da mesa, estavam sentados os oficiais dos regimentos Kabardínski e Kúrinski. Butler ficou ao lado de Poltorátzki; ambos conversavam alegremente e bebiam

* O Pájeski Korpus, escola média, militar, em que se aceitavam exclusivamente jovens de família nobre.

com os oficiais vizinhos. Quando se serviu o guisado, as ordenanças foram enchendo as taças de champanhe. Poltorátzki disse a Butler, com sincero temor e lástima:

- Vai cobrir-se de vergonha o nosso "como".

- Por quê?

- Ele tem de fazer um discurso. Acaso é capaz?

- Sim, irmão, não é o mesmo que tomar trincheiras sob as balas inimigas. E, para atrapalhar, ainda tem uma senhora ao lado e todos esses senhores da corte. Palavra, dá pena olhar para ele - comentavam os oficiais.

Mas eis que chegou o momento solene. Bariatínski se ergueu e, levantando a taça, dirigiu-se a Kozlówski com um breve discurso. Depois que Bariatínski terminou, Kozlówski se ergueu por sua vez e começou com voz bastante firme:

- Como eu parto, por altíssima ordem de Sua Majestade, despeço-me de vocês, senhores oficiais. Mas considerem-me sempre como se ficasse entre vocês... Vocês conhecem como verdade que uma andorinha só não faz verão. Por isso, tenho sido premiado em minha vida militar, quer pela generosidade do nosso czar e imperador, como pela minha posição, como pelo bom nome, por tudo, como... - nesse ponto, teve tremores na voz - eu... como... devo tudo a vocês, unicamente a vocês, meus amigos! - e o seu rosto engelhado enrugou-se ainda mais; soluçou, e lágrimas apareceram-lhe aos olhos. - De todo o coração, trago a vocês, como a minha mais sincera gratidão...

Kozlówski não conseguiu dizer mais nada e, levantando-se, pôs-se a abraçar os oficiais, que dele se acercavam. Todos estavam comovidos. A princesa cobriu o rosto com um lenço. O príncipe Siemión Mikháilovitch entortou a boca e piscava os olhos. Muitos oficiais tinham também os olhos marejados. Butler, que conhecia Kozlówski muito pouco, não pôde igualmente conter as lágrimas. Tudo isso lhe agradava ao extremo. Depois, tiveram início os brindes a Bariatínski, a Vorontzów, aos oficiais, aos soldados, e os convivas ergueram-se da mesa embriagados, quer pelo vinho ingerido, quer pelo entusiasmo militar, ao qual se achavam particularmente predispostos.

O tempo estava lindo, soalheiro, tranquilo, de ar fresco e confortador. Por toda parte, estralejavam fogueiras e ouviam-se canções. Era como se todos festejassem algo. Butler foi à barraca de Poltorátzki no mais feliz e comovido estado de espírito. Lá se reuniram alguns oficiais, armaram uma mesa de jogo e o ajudante abriu a banca com cem rublos. Butler saiu umas duas vezes da barraca, segurando na mão, no bolso da calça, o seu porta-níqueis, mas finalmente não se conteve e, apesar da palavra dada a si mesmo e aos irmãos, começou a fazer apostas.

Menos de uma hora depois, ele estava todo vermelho, suado, sujo de giz, completamente debruçado sobre a mesa, e escrevia sob as cartas amarradas as cifras dos seus lances. Perdera tanto que tinha medo de contar o que se anotara contra ele. Mesmo sem o fazer, porém, sabia que, depois de dar um mês

de ordenado, que ele podia receber adiantado, e o preço do seu cavalo, ainda assim não poderia pagar a perda anotada por um ajudante de ordens que ele não conhecia. Teria prosseguido no jogo, mas o ajudante de semblante severo depôs as cartas com as mãos alvas e limpas e começou a somar a coluna, escrita a giz, das anotações de Butler. Este ficou confuso e pediu que o desculpassem por não poder pagar na ocasião tudo o que perdera, e disse que ia enviar o dinheiro quando chegasse à unidade; dizendo isso, percebeu que todos tiveram pena dele, e que os presentes, inclusive Poltorátzki, evitavam o seu olhar. Era a sua última noite ali. Bastava não ter jogado e, em vez disso, ir à barraca de Vorontzów, para onde fora convidado, "e tudo estaria bem", pensava ele. E isso tudo era mau, era terrível.

Despedindo-se de amigos e conhecidos, foi para casa e se deitou imediatamente, dormindo dezoito horas seguidas, como se costuma dormir depois de perder no jogo. Mária Dmitrievna, vendo-o pedir-lhe meio rublo para dar de gorjeta ao cossaco que o acompanhara, e percebendo também o aspecto tristonho e o modo lacônico de responder às perguntas, adivinhou o sucedido e encarniçou-se contra Ivan Matviéievitch, censurando-o por haver deixado Butler sair.

Acordando no dia seguinte, depois das onze, ele se lembrou da sua situação e quis mergulhar novamente no esquecimento de que acabava de sair, mas não podia fazê-lo. Era preciso tomar medidas para pagar os quatrocentos e setenta rublos

que ficara devendo a um desconhecido. Uma dessas medidas consistiu em escrever ao irmão, confessando o pecado em que incorrera e implorando-lhe que mandasse pela última vez quinhentos rublos, por conta do moinho que possuíam em comum. Depois, escreveu a uma parenta avara, pedindo que lhe fornecesse, com os juros que quisesse, aqueles mesmos quinhentos rublos. Em seguida, foi falar com Ivan Matviéievitch, pois sabia que ele, ou mais propriamente Mária Dmitrievna, dispunha de dinheiro, e pediu-lhe de empréstimo a mesma quantia.

- Eu daria sem vacilar - disse Ivan Matviéievitch -, mas a Maschka não dará. Essas mulheres são muito avarentas, diabo sabe por quê. Mas é preciso achar um jeito, com mil diabos! Será que o diabo do cantineiro não tem essa quantia?

Mas não valia a pena sequer tentar pedir ao cantineiro. E a salvação de Butler só podia vir do irmão ou da parenta avara.

XXII

Não tendo conseguido o seu objetivo na Tchetchênia, Khadji-Murát voltou a Tiflis, onde ia diariamente falar com Vorontzóz e, quando era recebido, implorava-lhe que reunisse os montanhesees prisioneiros e os trocasse pela sua família. Tornava a dizer que, sem isso, estava de mãos amarradas e não podia,

como era seu desejo, prestar serviços aos russos e ajudá-los a aniquilar Chamil. Vorontzów fazia promessas vagas e dizia que ia auxiliá-lo, mas adiava esse auxílio para quando chegasse a Tiflis o general Argutínski, com quem examinaria o caso. Khadji-Murát começou a pedir que lhe permitisse ir residir por algum tempo em Nukhá, pequena cidade de Zakavkázie, onde supunha que lhe fosse mais cômodo conduzir as conversações com homens que lhe eram fiéis e com Chamil. Ademais, Nukhá era uma cidade maometana, com uma mesquita, onde lhe seria mais cômodo fazer as orações exigidas pela lei maometana. Vorontzów transmitiu esse pedido a Petersburgo e, no ínterim, apesar de tudo, permitiu a Khadji-Murát transferir-se para Nukhá.

Para Vorontzów, para as autoridades de Petersburgo, bem como para a maioria dos russos, que conheciam a história de Khadji-Murát, aqueles acontecimentos constituíam uma reviravolta feliz na Guerra do Cáucaso ou simplesmente um caso interessante. Mas para Khadji-Murát eles representavam, principalmente nos últimos tempos, mudança terrível em sua vida. Fugira das montanhas, em parte para salvar-se, em parte por ódio a Chamil, e, por mais difícil que tivesse sido essa fuga, atingira o seu objetivo. A princípio, alegrara-se com o êxito e imaginava de fato um plano de atacar Chamil. Mas, na realidade, a fuga de sua família, que esperava executar facilmente, era mais difícil do que ele supunha. Chamil aprisionara-a e, man-

tendo-a em custódia, ameaçava espalhar as mulheres pelos *auis* e cegar ou matar seu filho. Agora, Khadji-Murát se transferia para Nukhá, a fim de tentar, por intermédio dos seus partidários no Daguestão, arrancar sua família de Chamil, usando para tal fim a astúcia ou a força. O último agente seu que estivera com ele em Nukhá comunicara-lhe que avarianos fiéis preparavam-se para raptar sua família e passar com ela para o lado russo, mas que havia pouca gente disposta a fazê-lo, e que mesmo esses poucos não se atreviam a agir em Vedenó, de modo que somente o fariam se a família fosse transferida para algum outro lugar. Prometiam realizar a fuga quando os membros da família estivessem a caminho. Khadji-Murát mandou dizer aos amigos que prometia três mil rublos pela libertação dos seus.

Em Nukhá, reservou-se para Khadji-Murát uma pequena casa de cinco cômodos, perto da mesquita e do palácio do cã. Na mesma casa, instalaram-se os oficiais destacados para lhe fazer companhia, o intérprete e os seus *núkeres*. A vida de Khadji-Murát resumia-se na espera, nos encontros com seus agentes vindos das montanhas e nos passeios a cavalo pelas redondezas.

Voltando do passeio, no dia 8 de abril, Khadji-Murát soube que, na sua ausência, viera de Tiflis um funcionário. Apesar de todo o seu desejo de saber o que lhe trouxera, passou para o seu quarto e proferiu a oração do meio-dia, antes de ir para a sala onde o esperavam o delegado de polícia e o funcionário de

Tiflis. Terminada a oração, foi para o cômodo que servia de sala de visitas e sala de espera. O gorducho conselheiro de Estado,* Kirilov, que viera de Tiflis, transmitiu a Khadji-Murát o desejo de Vorontzów de que ele chegasse a Tiflis antes do dia 12, para um encontro com Argutínski.

- *Iakshi* – disse Khadji-Murát com ar aborrecido.

Não gostara do funcionário Kirilov.

- Trouxeste o dinheiro?

- Trouxe – respondeu Kirilov.

- Agora, por duas semanas – disse Khadji-Murát, mostrando dez dedos e depois mais quatro. – Me dá.

- Vou dar logo – e o funcionário foi tirando um porta-níqueis da sua bolsa de viagem. – Para que precisa ele do dinheiro? – disse em russo ao delegado de polícia, pensando que Khadji-Murát não o compreendesse. Mas Khadji-Murát compreendeu e olhou zangado para Kirilov. Enquanto tirava o dinheiro, o funcionário quis dar uma prosa com Khadji-Murát, para ter o que contar ao príncipe Vorontzów, quando voltasse a Tiflis, e perguntou-lhe por intermédio do intérprete se não se aborrecia ali. Khadji-Murát olhou de viés, com desprezo, para aquele homem miúdo, gordo, à paisana e sem armas, e não lhe respondeu. O intérprete repetiu a pergunta.

* Categoria de funcionários, no regime czarista.

– Diga-lhe que não quero conversar com ele, e que me dê o dinheiro.

E Khadji-Murát sentou-se mais uma vez à mesa, preparando-se para contar o dinheiro.

Kirilov tirou as moedas de ouro, dispôs em sete colunas de dez moedas (Khadji-Murát recebia cinco moedas de ouro por dia) e empurrou-as para Khadji-Murát. Este despejou o ouro na manga da *tcherkeska*, levantou-se e, com movimento absolutamente inesperado, soltou um tapa na calva do conselheiro de Estado e caminhou para fora. O conselheiro deu um pulo e mandou dizer, pelo intérprete, que Khadji-Murát não devia atrever-se a fazê-lo, pois ele tinha posto de coronel, o que foi confirmado pelo delegado de polícia. Mas Khadji-Murát acenou com a cabeça, em sinal de que já sabia disso, e saiu da sala.

– O que se vai fazer com ele? – perguntou o delegado. Pode furar sem mais aquela a barriga de um, e é tudo. Com esses diabos, a gente não se entende. Estou vendo que ele começa a se danar.

Apenas escureceu, chegaram das montanhas dois agentes encapuzados até os olhos. O delegado acompanhou-os ao quarto de Khadji-Murát. Um deles era um tauridiano moreno e carnudo, o outro um velho magro. As notícias que trouxeram não eram animadoras para Khadji-Murát. Os amigos dele, que se encarregaram de libertar sua família, agora se recusavam a fazê-lo, por temor a Chamil, que ameaçava com a mais terrí-

vel das mortes aqueles que prestassem ajuda a Khadji-Murát. Depois de ouvir os seus agentes, ele apoiou os braços nas pernas cruzadas e, deixando pender a cabeça coberta com *papakha*, passou muito tempo em silêncio. Estava pensando, e pensando decisivamente. Sabia que pensava pela última vez, e que era indispensável uma decisão. Ergueu a cabeça, tomou duas moedas de ouro e, dando uma a cada agente, disse:

- Vão embora.

- Qual será a resposta?

- Aquela que Deus quiser. Vão embora.

Os agentes levantaram-se e partiram, enquanto Khadji-Murát continuava sentado no tapete, os cotovelos apoiados nos joelhos. Ficou ainda muito tempo nessa posição, refletindo.

“O que fazer? Confiar em Chamil e voltar para o seu lado?”, pensava Khadji-Murát. “Ele é uma raposa, vai enganar-me. Mas, ainda que não me enganasse, eu não poderia submeter-me àquele mentiroso ruivo. E não posso fazê-lo porque, depois da minha permanência entre os russos, não se acreditará mais em mim.”

E ele se lembrou do conto tauridiano sobre o falcão que, aprisionado pelos caçadores, viveu entre os homens e depois voltou para as montanhas, para o meio dos seus. Voltou, mas coberto de uma rede com guizos. E os falcões não o receberam de volta. “Vai”, disseram eles, “para o lugar onde te vestiram os guizos de prata. Entre nós, não existem redes, nem guizos.”

O falcão não quis deixar a pátria e, apesar de tudo, ficou. Mas os outros falcões não o aceitaram e mataram-no a bicadas.

“Vão matar-me também”, pensou Khadji-Murát. “Ficar aqui? Submeter todo o Cáucaso ao czar russo e merecer assim a glória, títulos, fortuna? Pode-se fazê-lo”, pensou, lembrando as suas entrevistas com Vorontzów e as palavras lisonjeiras do príncipe. “Mas é preciso resolver imediatamente, senão ele vai aniquilar minha família.”

E Khadji-Murát passou a noite inteira em claro, refletindo.

XXIII

No meio da noite, a sua decisão estava tomada. Resolveu que era preciso fugir para as montanhas e, acompanhado pelos avarianos que lhe eram fiéis, entrar à força em Vedeno, para libertar a família ou morrer. Não decidiu se, depois de libertá-la, se dirigiria de volta para o lado russo ou se iria para Khunzakh, a fim de prosseguir de lá a luta contra Chamil. O que sabia era que naquele momento se tornava necessário fugir dos russos para as montanhas. E imediatamente começou a preparar-se para pôr em execução o resolvido. Apanhou sob o travesseiro o seu *biechmiét* preto de algodão e foi para o quarto dos seus *núkeres*, do outro lado do vestíbulo. Apenas entrou no vestíbulo, de porta

aberta para fora, foi rodeado pela fragrância orvalhada da noite de lua, e vieram bater-lhe no ouvido o canto e o silvo de alguns rouxinóis, vindos do jardim pegado à casa.

Depois de atravessar o vestibulo, Khadji-Murát abriu a porta para o quarto dos *núkeres*, onde não havia luz e somente a lua nova, no primeiro quarto, luzia pela janela. A mesa e duas cadeiras estavam afastadas de um lado, e os quatro *núkeres* deitados no chão, sobre os tapetes e as suas japonas. Khanéfi dormia no pátio com os cavalos. Gamzalo levantou-se ao ouvir o rechinar da porta, olhou para Khadji-Murát e, reconhecendo-o, tornou a deitar-se. Eldar, que estava estendido ao lado, ergueu-se de um salto e começou a vestir o *biechmiét*, à espera de ordens. Kurban e Cã-Makhoma dormiam. Khadji-Murát pôs o seu *biechmiét* sobre a mesa, em cujas tábuas ressoou algo pesado. Eram as moedas de ouro nele ocultas.

- Esconde estas também - disse Khadji-Murát, passando a Eldar as moedas de ouro que recebera. Eldar tomou-as e, passando para a parte iluminada do quarto, tirou da bainha do punhal uma faquinha, com a qual despregou o forro do *biechmiét*. Gamzalo soergueu o corpo e sentou-se, as pernas cruzadas.

- E tu, Gamzalo, vai dizer aos rapazes que examinem os fuzis e as pistolas e preparem a munição. Amanhã, vamos para longe - disse Khadji-Murát.

- Temos balas e pólvora, tudo ficará pronto - respondeu Gamzalo e rosou algo incompreensível.

Ele percebera para que Khadji-Murát ordenara armar os fuzis. Desde o primeiro momento, e cada vez com maior intensidade, só desejava uma coisa: balear e esfaquear o maior número possível de cães russos e fugir para as montanhas. Agora, via que era também o desejo de Khadji-Murát, e estava satisfeito.

Depois que Khadji-Murát saiu, Gamzalo acordou seus companheiros, e os quatro passaram a noite examinando fuzis, pistolas, ferrolhos, pedras de ignição, substituindo as imprestáveis, renovando as cargas e tapando os cartuchos com balas enroladas em panos oleosos, afiando sabres e punhais e passando sebo nos gumes.

Antes do amanhecer, Khadji-Murát saiu para o vestíbulo, a fim de apanhar água para a ablução. Ouviam-se, ainda mais alto e com mais frequência, os rouxinóis, que gorjeavam antes do erguer do sol. No quarto dos *núkeres*, ressoavam com regularidade os silvos e chiados de punhal amolado sobre pedra. Khadji-Murát tirou água de uma cuba e já estava à porta do seu quarto, quando ouviu no quarto dos *miurides*, além do ruído de amolar, a voz fina de Khanéfi, entoando uma canção que Khadji-Murát conhecia. Parou e pôs-se a ouvir.

Na canção, contava-se como o *djiguit* Gamzat tomara, com os seus rapazes, um magote de cavalos brancos, e como, ao levá-los para fora da região dominada pelos russos, fora alcançado, do outro lado do Tiérek, por um príncipe russo, que o cercara com um exército grande como uma floresta. Depois, a

canção relatava como Gamzat matara os cavalos e, com os seus rapazes, ficara atrás da trincheira sangrenta dos cavalos mortos e lutara com os russos, enquanto houvera balas nos fuzis, punhais nos cintos e sangue nas veias. Mas, antes de morrer, Gamzat viu pássaros no céu e gritou-lhes: “Vão para as nossas casas, ó pássaros que passais, e digam a nossas mães, irmãs e lindas donzelas, que morremos todos defendendo o *khazavát*. Digam-lhes que os nossos corpos não terão sepultura, mas que lobos vorazes vão espalhar e roer os nossos ossos, e que negros corvos nos vazarão os olhos”.

Assim terminava a canção, e a essas palavras finais, cantadas com timbre dolente, juntou-se a voz animada do alegre Cã-Makhoma, que gritou bem alto, logo que a canção terminou: “*La ilá il Alá*”, e soltou um berro agudo, esganiçado. Depois, tudo se aquietou, e ouviram-se novamente apenas o canto e o silvo dos rouxinóis no jardim, acompanhados do chiado regular e de quando em vez do silvar do ferro, que deslizava rapidamente sobre as pedras, do outro lado da porta.

Khadji-Murát ficou tão pensativo que nem notou haver inclinado a bilha, e que a água escorria para fora. Balançou a cabeça, descontente consigo mesmo, e entrou no seu quarto.

Efetuada a unção matinal, examinou as suas armas e sentou-se na cama. Não tinha mais nada a fazer. Para sair da cidade, era preciso pedir permissão ao delegado de polícia. Mas lá fora ainda estava escuro, e o delegado dormia.

A canção de Khanéfi lembrou-lhe aquela outra composta por sua mãe, tratando do que realmente sucedera quando Khadji-Murát acabava de nascer.

A canção era a seguinte:

Teu punhal de aço perfurou-me o colo branco, mas encostei nele o meu sol, o meu filho, molhei-o com o sangue quente, e a ferida cicatrizou, sem ervas nem raízes, não temi a morte e o meu filho se tornou um *đjiguit*.

As palavras dessa canção dirigiam-se ao pai de Khadji-Murát, e o seu sentido era o seguinte: quando nasceu Khadji-Murát, a mulher do cã deu à luz também o seu filho Uma-cã, e exigiu que a mãe de Khadji-Murát lhe servisse de ama de leite, tal como fizera ao nascer Abununtzal-cã. Mas Patimat não quis abandonar o seu novo filho e disse que não iria. O pai de Khadji-Murát zangou-se e repetiu a ordem. E, quando ela se recusou mais uma vez, deu-lhe um golpe de punhal, e a teria matado, se não acorresse gente para salvá-la. E assim ela não entregou o filho e o alimentou, e compôs sobre o acontecimento aquela canção.

Khadji-Murát lembrou-se de sua mãe e de como ela o deitava para dormir ao seu lado, no telhado da *sákliá*, sob uma peliça, cantava-lhe uma canção, e ele pedia que lhe mostrasse a cicatriz que tinha do lado. Via agora a sua mãe como se de

fato estivesse na sua frente, mas não engelhada e encanecida, os dentes transformados numa grade, tal como a deixara a última vez, mas jovem, bonita e tão forte que, estando ele já com uns cinco anos e sendo muito pesado, ela o carregava num cesto às costas, para levá-lo, através das montanhas, à casa do avô.

Lembrou-se também do avô, de rosto enrugado e barbicha grisalha, e de como lavrava a prata com as suas mãos de veias intumescidas e obrigava o neto a dizer orações. Acudiu-lhe ainda à mente o chafariz no sopé da montanha, aonde ia apanhar água, agarrado aos *charovári* de sua mãe. Recordou o cachorro magro, que lhe lambia o rosto e, sobretudo, o cheiro e o gosto de fumaça e de coalhada que ele sentia no barracão aonde ia com a mãe e onde ela ordenhava as vacas e aquecia o leite. Lembrou-se de quando ela lhe raspava a cabeça a primeira vez, e ele vira, surpreendido, a sua cabeça azulada e redonda refletida no lustroso tacho de cobre pendurado na parede.

E, lembrando-se da sua infância, lembrou-se também do seu filho querido Iussuf, a quem ele pessoalmente raspava pela primeira vez a cabeça. Agora, Iussuf era um *djiguit* jovem e bonito. Recordou o filho, tal como o vira na despedida. Foi no dia em que saiu de Tzelmes. O rapaz trouxe-lhe o cavalo e pediu permissão para acompanhá-lo. Estava em traje de gala, armado, e trazia o seu cavalo pela rédea. O rosto jovem,

corado e bonito de Iussuf, e todo o seu vulto alto e esbelto (ele era mais alto que o pai) ressumavam intrepidez, juventude e alegria de viver. Os ombros largos apesar da pouca idade, a bacia juvenil muito larga, o busto fino e longo, os braços compridos e vigorosos, e a força, a flexibilidade, a agilidade dos movimentos, sempre alegravam Khadji-Murát, e ele sempre se extasiava com o filho.

– É melhor que fiques. És o único homem da casa. Cuida de tua mãe e de tua avó – dissera Khadji-Murát.

Lembrou-se da expressão intrépida e orgulhosa com que Iussuf corara, dizendo que, enquanto vivesse, ninguém faria mal a sua mãe e sua avó. Apesar de tudo, Iussuf montara a cavalo e acompanhara o pai até o riacho. De lá, voltara para o *aul*, e, desde então, Khadji-Murát não vira nem sua mulher, nem sua mãe, nem o filho.

E era esse filho que Chamil pretendia cegar! E nem queria pensar no que fariam a sua mulher.

Esses pensamentos deixaram Khadji-Murát tão inquieto que não podia mais permanecer sentado. Ergueu-se de um salto e, manquejando, aproximou-se rapidamente da porta; depois, abrindo-a, chamou Eldar. O sol ainda não se erguera, mas o ar estava perfeitamente claro. Os rouxinóis não se calavam.

– Vai dizer ao delegado que eu quero sair para um passeio, e selem os cavalos – disse ele.

XXIV

A única consolação de Butler naqueles dias era a poesia guerreira a que ele se entregava não só em serviço, mas também em sua vida privada. Fazia piruetas a cavalo, em seu traje circassiano, e por duas vezes fora com Bogdanôvitch espreitar o inimigo, mas de ambas as vezes não viram nem mataram ninguém. Essa intrepidez e a amizade com o célebre valentão Bogdanôvitch pareciam a Butler algo agradável e importante. Pagara a dívida, mas para isso tivera de tomar dinheiro emprestado de um judeu, a juros muito altos, isto é, apenas adiara e afastara a situação não resolvida. Procurava não pensar nela e, além da poesia da guerra, entregou-se também ao álcool. Bebia cada vez mais e, dia a dia, mais se enfraquecia moralmente. Não era já o belo José, em relação a Mária Dmítievna, e, pelo contrário, fez-lhe a corte de modo grosseiro, mas, para espanto seu, encontrou a mais decidida recusa, que o deixou envergonhado.

Em fins de abril, chegou à fortificação um destacamento, designado por Bariatinski para um movimento através de toda a Tchetchênia, que era considerada intransponível. Faziam parte dele duas companhias do regimento Kabardínski, e essas subunidades, de acordo com o costume estabelecido no Cáucaso, foram recebidas como hóspedes pelas companhias do mesmo regimento estacionadas em Kúrinski. Os soldados

espalharam-se pelas casernas e eram obsequiados não só com a ceia, de carne e *kacha*, mas também com vodca, e os oficiais, por sua vez, alojaram-se com os seus colegas. E, como de costume, os oficiais do lugar fizeram uma recepção aos recém-chegados.

A recepção terminou com bebedeira e canções a cargo de soldados cantores, e Ivan Matviéievitch, muito bêbado, que passara já do vermelho a um cinzento esmaecido, pôs-se a cavalo numa cadeira e, desembainhando o sabre, ficou golpeando com ele inimigos imaginários, ora praguejando, ora soltando gargalhadas, ora distribuindo abraços, ora dançando ao som da sua canção predileta: “Chamil começou a revolta em anos que lá vão, trairai-ratatai, em anos que lá vão”.

Butler estava presente. Procurava ver também naquilo a poesia da guerra, mas em seu íntimo tinha pena de Ivan Matviéievitch; não havia, porém, nenhuma possibilidade de o deter. E, sentindo o álcool que lhe subira à cabeça, Butler saiu furtivamente e foi para casa.

A lua cheia iluminava as casinhas brancas e as pedras do caminho. A noite estava tão clara que se viam cada pedrinha, cada fio de palha, cada bolinha de esterco. Aproximando-se da casa, Butler encontrou Mária Dmítrievna, a cabeça e o pescoço cobertos com um lenço. Depois de repellido por ela, Butler sentira certo remorso e evitava encontrá-la. Agora, porém, excitado pelo luar e pelo vinho que tomara, alegrou-se com o encontro e queria novamente tentar acarinhá-la.

- Aonde vai? - perguntou.

- Ver o meu velho - respondeu ela amistosamente. Mária Dmítrievna repelia a corte de Butler do modo mais sincero e decidido, mas era-lhe desagradável o fato de ter sido evitada por ele todo aquele tempo.

- Para que ir vê-lo? Ele virá sozinho.

- Virá mesmo?

- Se não vier, vão trazê-lo.

- Isso é muito mau. O que acha, não devo?

- Isso mesmo, não vá. É melhor irmos para casa.

Mária Dmítrievna voltou-se e caminhou ao lado de Butler.

A luz brilhava com tanta intensidade que, ao lado da sombra que se deslocava junto à estrada, movia-se também uma auréola luminosa em volta da cabeça. Butler olhava aquela auréola e preparava-se para dizer que Mária Dmítrievna agradava-lhe como antes, mas não sabia começar. Ela esperou que o oficial falasse. Assim em silêncio, estavam já chegando à casa, quando alguns homens a cavalo surgiram de trás da esquina: um oficial com os seus soldados.

- Quem é que Deus nos manda? - perguntou Mária Dmítrievna, e se afastou para desimpedir o caminho.

O recém-chegado estava interceptando a luz do luar e, por isso, Mária Dmítrievna o reconheceu somente quando ele quase os alcançou. Era o oficial Kâmieniev, que servira noutros

tempos com Ivan Matviéievitch, e, por isso, Mária Dmitrievna o conhecia.

- Piotr Nicoláievitch, é o senhor? - dirigiu-se a ele Mária Dmitrievna.

- Eu mesmo - disse Kâmieniev. - Ah, Butler, como vai? Ainda não está dormindo, ficou passeando com Mária Dmitrievna? Cuidado, Ivan Matviéievitch vai dar-lhe uma lição. Onde ele está?

- Escute - disse Mária Dmitrievna, apontando na direção de onde vinham sons de *tulumbá* e canções. - Estão farreando.

- Quem é que está farreando? Gente de vocês?

- É que chegou tropa de Khassav-Iurta, e estão se regalando.

- Ah, muito bem. Vou também chegar a tempo. Tenho de falar com ele um instante só.

- O que é, assunto de serviço? - perguntou Butler.

- Sim, um servicinho.

- Bom ou mau?

- Depende. Para nós é bom, para certa gente, ruim.

E Kâmieniev riu.

Naquele momento, chegaram à casa de Ivan Matviéievitch.

- Tchíkhiriev - gritou Kâmieniev para um cossaco -, vem cá.

O cossaco do Don destacou-se dos demais e se aproximou. Trajava o uniforme comum dos cossacos do Don, estava de botas e capote, e tinha bolsas de viagem amarradas à sela.

- Bem, tira a coisa - disse Kâmieniev, apeando-se do cavalo.

O cossaco também se apeou e retirou da bolsa de viagem um saco em que havia algo. Kâmieniev apanhou o saco e enfiou nele a mão.

- Posso mostrar-lhe a novidade? Não vai se assustar? - disse, dirigindo-se a Mária Dmítrievna.

- O que é que pode me assustar? - perguntou ela.

- Aqui está - disse Kâmieniev, tirando uma cabeça de gente e colocando-a na faixa do luar. - Está reconhecendo?

Era uma cabeça raspada, redonda, a caixa craniana salientando-se por cima dos olhos, bigodes e barbicha preta aparados, um olho aberto e o outro entrecerrado, crânio golpeado a sabre, mas incompletamente rachado, com sangue coagulado e enegrecido nas narinas. O pescoço estava enrolado numa toalha ensanguentada. Apesar de todas as feridas daquela cabeça, havia na comissura dos lábios azulados uma expressão bondosa e infantil.

Mária Dmítrievna olhou, não disse nada, deu meia-volta e caminhou para casa, o passo apressado.

Butler não conseguia desviar os olhos da terrível cabeça. Era a cabeça daquele mesmo Khadji-Murát, com quem havia tão pouco tempo passara as tardes em palestras tão amistosas.

- Como foi isso? Quem o matou? Onde? - perguntou ele.

- Quis fugir, mas foi apanhado - disse Kâmieniev.

Devolveu a cabeça ao cossaco e entrou em casa com Butler.

- Morreu como um valente - disse Kâmieniev.

- Como foi que tudo isso aconteceu?

- Espere um pouco. Quando chegar Ivan Matviéievitch, vou contar tudo com pormenores. Foi para isso mesmo que me mandaram para cá. Carrego a cabeça para mostrá-la em todos os *auis* e fortificações.

Mandaram chamar Ivan Matviéievitch, que chegou embriagado, em companhia de dois oficiais também fortemente alcoolizados, e pôs-se a abraçar Kâmieniev.

- Eu lhe trouxe - disse este - a cabeça de Khadji-Murát.

- Não é mentira? Mataram-no?

- Sim, quis fugir.

- Eu sempre disse que ele ia enganar-nos. Onde ela está? A cabeça, quero dizer. Mostre-a.

Chamaram o cossaco, e ele trouxe o fardo. Retiraram a cabeça, e Ivan Matviéievitch examinou-a durante muito tempo com os seus olhos bêbados.

- Apesar de tudo, era um bravo - disse. - Passa-me a cabeça, quero beijá-la.

- Sim, de fato, era uma cabeça de valente - disse um dos oficiais.

Depois que todos examinaram a cabeça, devolveram-na mais uma vez ao soldado, que a pôs no saco, procurando descê-la para o chão de modo que o choque não fosse forte.

- Costumas dizer alguma coisa quando a mostras? - perguntou a Kâmieniev um dos oficiais.

- Não, deixa que eu o beije, ele me presenteou com um sabre! – gritava Ivan Matviéievitch.

Butler saiu para o patamar da escada. Mária Dmítrievna estava sentada no segundo degrau. Lançou um olhar para Butler e logo desviou a cabeça, o ar zangado.

- Que é isso, Mária Dmítrievna? – perguntou Butler.

- Todos vocês são assassinos, não os suporto, uns verdadeiros assassinos – disse ela, erguendo-se.

- Isso pode acontecer a qualquer um – replicou Butler, não sabendo o que dizer. – Coisas da guerra.

- Guerra? Qual guerra? São uns assassinos, e é tudo. O corpo deve ser dado à terra, e estão aí dizendo piadas. Uns assassinos, na verdade – repetiu e, descendo a escada, foi para dentro de casa pelos fundos.

Butler voltou para a sala e pediu a Kâmieniev que lhe contasse com mais pormenores como se dera a ocorrência.

E Kâmieniev contou.

Eis como tudo se passara.

XXV

Khadji-Murát tinha permissão de passear a cavalo nas proximidades da cidade, mas obrigatoriamente com uma escolta

de cossacos. Havia em Nukhá, ao todo, meia companhia, dos quais uns dez serviam de ordenanças aos oficiais. Por isso, depois de mandar no primeiro dia uma escolta de dez cossacos, decidiu-se enviar diariamente apenas cinco, e pediu-se a Khadji-Murát que não levasse consigo todos os seus *núkeres*. Mas, no dia 25 de abril, ele saiu a passeio com todos os cinco. Enquanto montava, o comandante da praça notou que os cinco *núkeres* se aprontavam para acompanhá-lo, e disse que não lhe dava permissão para levá-los todos, mas Khadji-Murát pareceu não ouvir o que lhe dizia o comandante, que não quis insistir. Ia com os cossacos o sargento Nazarov, cavaleiro de São Jorge, * um rapagão louro e forte, sangue e leite, de cabelo à escovinha. Ele era o irmão mais velho, numa família pobre, fiel ao ritual antigo, ** e crescera sem pai, sendo responsável pelo sustento de sua velha mãe, de três irmãs e dois irmãos.

- Cuidado, Nazarov, não o deixe ir para longe - gritou-lhe o comandante da praça.

- Estou ouvindo, Vossa Nobreza - respondeu Nazarov e, erguendo-se nos estribos e segurando o fuzil que trazia às costas, saiu a trote no seu grande e bom alazão castrado. Quatro

* Condecoração do regime czarista, concedida a militares que se distinguiam em combate.

** Anterior à revisão dos textos sagrados, ordenada no século xvii pelo patriarca Nikon.

cossacos o seguiam: Fierapontov, alto, magro, o primeiro em roubar ou arranjar as coisas, o mesmo que vendera pólvora a Gamzalo; Ignatov, que estava cumprindo o tempo de serviço, um camponês robusto, de meia-idade, jactancioso da sua força; Míchkin, um rapaz fraco, menor de idade, de quem todos caçoavam, e Pietrakóv, jovem muito louro, sempre afável e alegre, que era filho único de uma viúva.

De manhã, houve neblina, mas depois das onze o tempo se firmou e o sol brilhava sobre a folhagem que acabava de desabrochar, sobre a erva nova e virgem, sobre o trigo que já começava a erguer as hastes e sobre a água encrespada do rio rápido, que se via à esquerda da estrada.

O cavalo de Khadji-Murát ia a passo. Os cossacos e os *núkeres* o seguiam sem se atrasarem, e assim passaram nos fundos da fortaleza. Encontravam mulheres com cestos à cabeça, carroças com soldados e carros rangedores puxados por búfalos. Depois de umas duas verstas, Khadji-Murát apressou o seu cabardino branco, que trotou com tanta velocidade que os *núkeres*, para o acompanhar, precisaram passar a um trote largo. Os cossacos fizeram o mesmo.

– Eh, tem um bom cavalo – disse Fierapontov. – Se fosse naquele tempo em que era rebelde, eu o arrancaria da sela.

– Sim, irmão, já ofereceram por este cavalo trezentos rublos em Tiflis.

– Mas eu, no meu, vou passar à frente.

- Claro que sim – disse Fierapontov.

Khadji-Murát ia cada vez mais depressa.

- Eh, *kunák*, assim é proibido. Mais devagar – gritou Nazarov, alcançando Khadji-Murát.

Este olhou para trás, mas não respondeu e continuou no mesmo passo, sem diminuir a marcha.

- Cuidado, os diabos tramaram alguma coisa – disse Ignatov. – Veja só como correm.

Assim percorreram uma versta na direção das montanhas.

- Eu já lhe disse que é proibido – gritou mais uma vez Nazarov.

Khadji-Murát não respondeu nem voltou a cabeça, aumentando sempre a velocidade e passando ao galope.

- Não, tu não escapas! – gritou Nazarov, muito irritado.

Bateu com o pinguelim no seu grande alazão castrado e, erguendo-se nos estribos, inclinado para a frente, deixou-o ir a toda a velocidade atrás de Khadji-Murát.

O céu era tão claro, o ar tão fragrante e as forças da vida se revolviam com tanto júbilo no íntimo de Nazarov, quando ele, fundido num único ser com o seu bom e forte cavalo, voava pela estrada plana atrás de Khadji-Murát, que não lhe acudia sequer à mente a possibilidade de algo triste ou terrível. Alegrava-o o fato de estar se aproximando de Khadji-Murát a cada passo do seu cavalo. Khadji-Murát, ouvindo o ressoar das patas do grande cavalo que o alcançava, compreendeu que o

cossaco ia consegui-lo, e, tomando a pistola na mão direita, foi contendo com a esquerda o seu cabardino, excitado com a corrida e com o ressoar das patas do cavalo que vinha atrás.

- Já disse que é proibido! - gritou Nazarov, quase alcançando Khadji-Murát e estendendo a mão para apanhar o seu cavalo pela rédea. Mas, antes que o fizesse, ouviu-se um tiro.

- O que estás fazendo? - gritou Nazarov, apertando o peito. - A eles, rapazes! - disse, cambaleando, e caiu sobre o cepilho.

Mas os montanhesees tinham tomado as armas antes dos cossacos, e agora atiravam neles de pistola e golpeavam-nos a sabre. Nazarov estava pendurado ao pescoço do cavalo, que o carregava em volta dos companheiros. O cavalo de Ignatov caiu, comprimindo-lhe o pé. Dois montanhesees desembainharam os sabres e, sem descer do cavalo, estavam golpeando o soldado na cabeça e nas mãos. Pietrakóv lançara-se em socorro do companheiro, mas dois tiros o antigiram, um nas costas, o outro do lado, e ele desabou do cavalo, como um saco.

Michkin voltou o cavalo e galopou para a fortaleza. Khanéfi e Cã-Makhoma lançaram-se em sua perseguição, mas ele já estava bem afastado, e os montanhesees não podiam alcançá-lo.

Vendo isso, Khanéfi e Cã-Makhoma voltaram para junto dos seus. Gamzalo acabou de liquidar Ignatov com o seu punhal e fez o mesmo a Nazarov, depois de derrubá-lo do cavalo. Cã-Makhoma tirava as cartucheiras dos mortos. Khanéfi quis levar o cavalo de Nazarov, mas Khadji-Murát lhe gritou que não o

fizesse e galopou para a frente. Os seus *miurides* acompanharam-no, repelindo o cavalo de Pietrakóv, que corria também atrás deles. Já estavam a umas três verstas de Nukhá, entre arrozais, quando se ouviu no alto da torre um tiro que significava alarme.

Deitado de costas, o ventre aberto, o rosto jovem dirigido para o céu, Pietrakóv morria, arquejando como um peixe.

– Ah, meus velhos, que foi que vocês fizeram! – exclamou o comandante da praça, agarrando a cabeça com as mãos, quando soube da fuga de Khadji-Murát. – Arrancaram-me a cabeça! Deixaram-no escapar, bandidos! – gritava, ouvindo o que Míchkin lhe dizia.

O alarme foi dado por toda parte, e não só todos os cossacos disponíveis foram enviados em perseguição dos fugitivos, mas reuniram-se também todos os milicianos com que se podia contar nos *auis* já submetidos. Ofereceu-se um prêmio de mil rublos a quem trouxesse Khadji-Murát vivo ou morto. E, duas horas depois que Khadji-Murát e os seus companheiros fugiram dos cossacos, mais de duzentos homens a cavalo galopavam atrás do delegado de polícia, à procura dos fugitivos.

Percorridas algumas verstas pela estrada principal, Khadji-Murát refreou o cavalo branco, que respirava com dificuldade e estava cinzento de suor, e se deteve. À direita da estrada, apreciavam as *sáklias* e o minarete do *aul* de Belardjik, e à esquerda,

campos, além dos quais se via o rio. Embora o caminho para as montanhas se desviasse para a direita, Khadji-Murát voltou o cavalo na direção contrária, esperando que os seus perseguidores seguissem exatamente para a direita. Pretendia ir pelos campos até o Alazan, atravessar o rio, sair para a estrada principal, onde ninguém o esperaria, seguir por ela até a mata e, passando mais uma vez o rio, tomar a direção das montanhas. Resolvido isso, dobrou à esquerda. Mas foi impossível chegar até o rio. O arrozal, que era preciso atravessar, acabava de ser inundado, como sempre se faz na primavera, e estava transformado num pântano, em que os cavalos se atolavam até acima das ranilhas. Khadji-Murát e seus *núkeres* desviavam-se ora para a direita, ora para a esquerda, esperando encontrar lugar mais seco, mas o campo em que se achavam estava uniformemente inundado, e agora embebido de água. Os cavalos retiravam, com um som de rolha que sai do gargalo, as suas patas afundadas na lama pegajosa e, depois de alguns passos, paravam ofegantes.

E assim lidaram tanto tempo que já começava a escurecer, e ainda não tinham chegado ao rio. À esquerda, havia uma ilhota de arbustos; Khadji-Murát decidiu penetrar entre eles e ficar ali até que escurecesse por completo, dando também descanso aos animais extenuados.

Khadji-Murát e os seus *núkeres* apearam-se e, travados os cavalos, comeram pão e queijo que trouxeram consigo. A lua

nova, que brilhara a princípio, escondera-se atrás das montanhas, e a noite estava escura. Os rouxinóis eram particularmente numerosos em Nukhá, e dois deles estavam naqueles arbustos. Enquanto Khadji-Murát e os seus homens faziam barulho com os cavalos, os rouxinóis se calaram. Mas, depois que os homens se aquietaram, eles tornaram a gorjear, em desafio. Khadji-Murát, que prestava atenção nos ruídos da noite, ouvia-os involuntariamente.

O seu gorjear lembrava-lhe a canção sobre Gamzat, que ele ouvira na noite anterior, quando fora buscar água. Agora, a qualquer momento, podia encontrar-se na situação em que estivera Gamzat. Pensou que o mesmo aconteceria a ele e, de repente, sentiu algo sério no íntimo. Estendeu a jadona e efetuou a unção. Apenas a terminou, ouviram-se sons que se aproximavam dos arbustos. Eram patas de cavalo, em grande número, que chapinhavam no pântano. Cã-Makhoma, de olhar veloz, saiu para a beirada dos arbustos e distinguiu na treva sombras negras de homens a pé e a cavalo. Khanéfi viu uma multidão igual do outro lado. Era Karganov, o comandante militar do distrito, com os seus milicianos.

“Está bem, vamos lutar como Gamzat”, pensou Khadji-Murát.

Depois do sinal de alarme, Karganov atirara-se em perseguição de Khadji-Murát com um cento de milicianos e de cossacos, sem encontrar, todavia, em parte alguma, sequer sinais de sua

passagem. Karganov perdera as esperanças e já regressava para casa, quando, à tarde, encontrou um velho tártaro. Karganov lhe perguntou se vira homens a cavalo. O velho respondeu que tinha visto seis deles rodando pelo arrozal e, depois, entrando por entre os arbustos onde ele recolhia lenha. Karganov ordenou ao velho que lhe servisse de guia, deu meia-volta e, convencendo-se, pelos cavalos peados, de que Khadji-Murát estava realmente ali, cercou as moitas durante a noite e pôs-se a esperar o amanhecer, a fim de apoderar-se de Khadji-Murát vivo ou morto.

Compreendendo que estava cercado, Khadji-Murát fez um reconhecimento entre os arbustos e, encontrando ali uma vala antiga, decidiu fortificar-se nela e resistir, enquanto houvesse cartuchos e forças. Disse isso aos companheiros e ordenou-lhes que preparassem uma trincheira do outro lado da vala. Os *núkeres* puseram-se imediatamente a cortar ramos de árvores, a escavar a terra com seus punhais e a preparar a barreira. Khadji-Murát trabalhava com eles.

Mal começou a amanhecer, o comandante do esquadrão de milicianos acercou-se das moitas e gritou:

– Eh, Khadji-Murát, entrega-te! Somos muitos, e vocês são poucos.

Em resposta, uma nuvenzinha de fumaça surgiu da vala, ouviu-se o bater do ferrolho de um fuzil, e uma bala acertou no cavalo do miliciano. O animal revolveu-se e começou a tomar. Ouviram-se os estalos dos fuzis dos milicianos, agrupados

na clareira das moitas, e as balas foram assobiando e zunindo, derrubando folhas e galhos e acertando na trincheira, sem atingir, todavia, os homens abrigados nela. Somente o cavalo de Gamzalo, que havia escapado e se distanciara, foi ferido na cabeça. Não caiu, mas, dilacerando a peia, fez estalar as moitas em volta, lançou-se na direção dos demais cavalos e apertou-se contra eles, regando com seu sangue a erva recém-brotada. Khadji-Murát e seus homens só atiravam quando algum dos milicianos se adiantava aos companheiros, e raramente perdiam o tiro. Três milicianos já estavam feridos. Os demais não se decidiam a lançar-se sobre o grupo de Khadji-Murát, e até se distanciavam dele cada vez mais, atirando apenas de longe, ao acaso.

Assim decorreu mais de uma hora. O sol já iluminava metade de cada árvore, e Khadji-Murát pretendia montar a cavalo e abrir caminho até o rio, quando se ouviram os gritos de um novo grupo numeroso, recém-chegado. Era Khadji-Agá, de Mekhtul, com os seus homens, uns duzentos ao todo. Khadji-Agá fora *kunák* de Khadji-Murát e estivera com ele nas montanhas, mas depois se passara para os russos. Acompanhava-os Akhmet-cã, filho do inimigo de Khadji-Murát. Tal como Karganov, Khadji-Agá começou por gritar a Khadji-Murát, intimando-o a render-se, mas Khadji-Murát lhe respondeu também com um tiro.

– Aos sabres, rapaziada! – gritou Khadji-Agá, desembainhando o seu, e ouviram-se centenas de homens que se lançavam com gritos esganiçados contra as moitas.

Os milicianos investiram por entre os arbustos, mas alguns tiros estalaram um após outro de trás da trincheira. Uns três homens tombaram, e os atacantes se detiveram, para ficar também atirando da clareira das moitas. Atiravam e, ao mesmo tempo, aproximavam-se lentamente da trincheira, correndo de uma a outra moita. Alguns conseguiam fazê-lo, outros eram atingidos pelas balas de Khadji-Murát e dos seus homens. Khadji-Murát não perdia um tiro. Gamzalo também acertava quase todos e, de cada vez, soltava gritos esganiçados de alegria. Kurban estava sentado no declive da vala, cantando: *"La ilá il Alá"*, e atirava sem se apressar, mas raramente acertava. Eldar tremia com todo o corpo, impaciente por se lançar de punhal contra o inimigo, atirava frequentemente, ao acaso, parte do corpo fora da trincheira, e voltava-se sem cessar, olhando para Khadji-Murát. O hirsuto Khanéfi, de mangas arregaçadas, cumpria ali também a sua função de criado. Armava os fuzis que lhe passavam Khadji-Murát e Kurban, empurrava cuidadosamente com a vareta as balas enroladas em panos oleosos e colocava mais pólvora fresca nos cartuchos. Cã-Makhoma não ficou como os demais no fundo da vala, mas corria desta para onde estavam os cavalos, enxotando-os para lugar mais seguro, enquanto atirava, sem usar o apoio do fuzil. Foi o primeiro a ser ferido. A bala acertou-o no pescoço, e ele se sentou para trás, cuspidando sangue e praguejando. Depois, foi ferido Khadji-Murát. A bala atravessou-lhe o ombro. Ele arrancou um

punhado de algodão do *biechmiét*, tapou a ferida e continuou atirando.

- Vamos de sabre ao ataque - disse Eldar pela terceira vez. Pôs o corpo fora da trincheira, pronto a se atirar contra os inimigos, mas naquele mesmo instante uma bala acertou nele; cambaleou, caindo de costas, sobre o pé de Khadji-Murát, que olhou para ele. Os seus lindos olhos de carneiro fixavam-se com seriedade em Khadji-Murát. A boca, o lábio superior saliente, como o das crianças, estremeceu sem se abrir. Khadji-Murát retirou o seu pé e continuou fazendo pontaria. Khanéfi abaixou-se sobre o morto Eldar e pôs-se a retirar da sua *tcherkeska* os cartuchos não usados. Kurban continuava cantando, enquanto armava lentamente o fuzil e fazia pontaria.

Os inimigos corriam de uma a outra moita, soltando gritos e ganidos, e aproximando-se cada vez mais. Outra bala acertou o lado esquerdo de Khadji-Murát, que se deitou no fundo da vala e, arrancando do *biechmiét* outro punhado de algodão, tapou com ele a ferida. Esta era mortal, e ele sentiu que morria. Lembranças e imagens alternaram-se com velocidade extraordinária em sua imaginação. Ora via diante de si o vigoroso Abununtzal-cã, segurando com a mão a face cortada a sabre e pendente, atirando-se de punhal contra o inimigo; ora o débil e exangue velho Vorontzów, com o seu rosto branco e ladino, e ouvia-lhe a voz macia; ora via o seu filho Iussuf, ora a mulher, Sofiat, ora o rosto pálido, de barba ruiva e olhos entrecerrados, do seu inimigo Chamil.

E todas essas recordações sucediam-se velozes em sua imaginação, sem despertar nele nenhum sentimento, quer de comiseração, quer de rancor, nem desejo algum. Tudo isso parecia tão insignificante em comparação com o que já começava ou já havia começado para ele! E, no entretanto, o seu corpo vigoroso continuava a ação encetada. Reunindo as forças derradeiras, ergueu-se sobre a trincheira, atirou de pistola num homem que se aproximava correndo e acertou nele. O homem caiu. Khadji-Murát saiu completamente para fora da vala e, de punhal na mão, caminhou mancando fortemente, ao encontro dos inimigos. Ressoaram alguns tiros, ele cambaleou e caiu. Alguns milicianos soltaram um grito esganiçado de triunfo e atiraram-se na direção do corpo caído. Mas aquilo que parecia um cadáver de repente se mexeu. Em primeiro lugar, ergueu-se a cabeça raspada, descoberta, ensanguentada, em seguida o busto e, finalmente, ele se levantou de todo, agarrando-se a uma árvore. O seu aspecto era tão terrível que os homens que corriam ao seu encontro se detiveram. Mas de repente estremeceu, cambaleou afastando-se da árvore e caiu sobre o rosto, ao comprido, como uma bardana ceifada, e não se mexeu mais.

Sem se mover, ainda sentia. Quando Khadji-Agá chegou antes de todos ao lugar em que caíra e lhe deu um golpe na cabeça, com o seu grande punhal, Khadji-Murát teve a impressão de que lhe batiam com um martelo, e não pôde

compreender quem o fazia e para quê. Isso foi o derradeiro sinal de consciência da sua ligação com o corpo. Depois, não sentiu mais nada, e os seus inimigos pisaram e retalharam aquilo que nada mais tinha em comum com ele. Khadji-Agá pisou com o pé as costas do cadáver e decepou-lhe com dois golpes a cabeça, empurrando-a com o pé, cauteloso, para não sujar de sangue o seu calçado de pano. O sangue rubro golfou das artérias do pescoço, e um sangue negro escorreu da cabeça, inundando a erva.

Karganov, Khadji-Agá, Akhmet-cã e todos os milicianos reuniram-se ao redor dos corpos de Khadji-Murát e dos seus homens (Khanéfi, Kurban e Gamzalo foram amarrados) e, como caçadores parados junto ao corpo da fera abatida, conversaram alegres, por entre a fumaça da pólvora, celebrando a vitória.

Os rouxinóis, que se haviam calado com o tiroteio, começaram os seus trilos, a princípio um bem próximo, depois outros, na extremidade oposta das moitas.

E foi essa morte que a bardana esmagada, em meio do campo lavrado, me fez lembrar.